



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**TAYANE MARIA FERREIRA SILLAU**

**A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA NAS AULAS DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DA COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES**

Macapá –AP  
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP  
Elaborado por Aline Farias Bandeira Couto – CRB-2 1700/O

---

S584p Sillau, Tayane Maria Ferreira.

A paisagem do igarapé da Fortaleza nas aulas de Geografia a partir da compreensão dos estudantes / Tayane Maria Ferreira Sillau. - Macapá (AP), 2023.

1 recurso eletrônico.

129 f.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amapá, Macapá (AP), 2023.

Orientadora: Eliane Aparecida Cabral da Silva.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Geografia - estudo e ensino. 2. Paisagem Urbana Amazônica. 3. Paisagem Ribeirinha Amazônica. I. Silva, Eliane Aparecida Cabral da, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 910.7

---

SILLAU, Tayane Maria Ferreira. **A paisagem do igarapé da Fortaleza nas aulas de Geografia a partir da compreensão dos estudantes**. Orientadora: Eliane Aparecida Cabral da Silva. 2023. 129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amapá, Macapá (AP), 2023.

**TAYANE MARIA FERREIRA SILLAU**

**A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA NAS AULAS DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DA COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP como requisito para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Produção, Análise e Gestão do Território na Amazônia

Linha de Pesquisa: Sociedade e Dinâmicas Territoriais

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Eliane Aparecida Cabral da Silva

**TAYANE MARIA FERREIRA SILLAU**

**A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA NAS AULAS DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DA COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES**

Resultado: \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Aparecida Cabral da Silva  
Orientadora (PPGEO/UNIFAP)

---

Prof. Dr. Pablo Sebastian Moreira Fernandez  
Examinador Externo (PPGEO/UFRN)

---

Prof. Dr. Jose Francisco de Carvalho Ferreira  
Examinador Interna (PPGEO/UNIFAP)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Daguinete Maria Chaves Brito  
Suplente Examinadora Interna (PPGEO/UNIFAP)

*À minha mãe, Nilce. Por me encorajar e acolher na jornada da vida.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida.

Aos meus pais, Nilce e Magalhães, e às minhas irmãs, Thayna e Thays, pelo apoio e incentivo constantes em toda a minha trajetória acadêmica e profissional. À minha prima Nany, ao meu pai Nagib e a todos os meus tios, tias, primos, primas e madrasta. Vocês que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando e compreendendo a minha ausência enquanto me dedicava à realização deste trabalho, e que a cada conquista vibram comigo.

À Nina, minha cachorra de estimação, pela companhia durante as longas noites, por me levar para passear e descansar um pouco do texto, e por iluminar meu lar com sua doçura e ingenuidade canina.

Aos meus amigos Ericka, Deborah, Arnaldo, Thaysa e Iago pelo ombro e pela escuta amorosa de minhas reflexões sobre esse momento de formação.

À minha dupla, Carla, minha gratidão por sua amizade, orações, correções textuais, sugestões, ajuda com a cartografia e com os campos, fazendo com que a jornada do mestrado fosse mais leve e acolhedora. As lembranças dos momentos compartilhados com você me trazem os mais nobres sentimentos.

Aos colegas de turma Elza, Danusa, Marta, Ady, Francineudo e Paulo pelos inúmeros momentos de diálogo sobre nossas pesquisas e a todos da turma PPGeo-2021 pela generosidade durante esses últimos dois anos.

A todos os amigos feitos no Programa de Gerenciamento Costeiro do Estado do Amapá - GERCO/ IEPA, pelas conversas e trocas que me oportunizaram um olhar mais atento e crítico. E em especial ao Prof. Dr. Orleno Marques, por toda a sua generosa contribuição a este trabalho, por todos os conselhos e palavras de conforto e incentivo, a sua forma de ser na docência, na pesquisa e na vida são inspiradoras.

Aos amigos do Programa de Educação para a Paz, pelos muitos momentos de diálogo sobre a prática docente e as rodas de conversa. Em especial as contribuições metodológicas e ajuda durante a pesquisa, dos colegas Fernanda, Batista e Rômulo. Agradeço também a coordenação do programa por compreender minha ausência durante os momentos de pesquisa de campo.

Aos estudantes da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza por sua disponibilidade em participar da pesquisa e por todo o carinho dispensado a mim e aos meus amigos, Carla e Rômulo, que auxiliaram durante a realização das rodas de

conversa. Aos professores, pedagogos e demais funcionários da instituição pelos nove anos em que pude aprender, refletir e dialogar com vocês sobre a prática docente, contribuindo para o meu amadurecimento profissional. Aos policiais que estiveram à frente da gestão durante o período de realização da pesquisa Capitão Silvio, Capitão Sandro e Capitão Sousa por me permitirem cursar as disciplinas com tranquilidade durante o período que lecionei na escola e por autorizarem a realização do trabalho.

À Lorena, minha ex-aluna e amiga, que sempre de forma muito gentil, me forneceu informações que ajudaram a organizar os campos externos a escola.

À professora Dr<sup>a</sup>. Eliane Aparecida Cabral da Silva, orientadora desta pesquisa, pelo suporte constante, pela sua paciência, entusiasmo, seu jeito ao mesmo tempo firme e doce que me conduziram a encontrar um caminho seguro e tranquilo para esta pesquisa. À senhora todo o meu carinho, respeito e admiração.

Ao professor Dr. Douglas Santos, pelas reflexões realizadas no contexto do seu grupo de estudo, que em vários aspectos contribuíram para essa pesquisa.

Ao professor Alexandre Francisco Camargo, por suas reflexões, por acreditar no potencial das rodas de conversa e pelos convites para conduzir momentos de diálogo dentro da Universidade, o que me proporcionou ajustar a metodologia da pesquisa.

Aos professores Pablo Sebastian Fenandez e José Francisco Ferreira pelas contribuições e sugestões nas bancas de qualificação e defesa.

Às Instituições que possibilitaram a realização da presente pesquisa via financiamento, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, e Fundação de Amparo à Pesquisa do Amapá – FAPEAP a minha gratidão por proporcionarem a tranquilidade financeira durante o período em que fui aluna do PPGeo-UNIFAP.

A todos que lutam por uma educação pública de qualidade, mesmo diante das adversidades.

Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática (Freire, 1991, p. 58).

## RESUMO

SILLAU, T. M. F. **A Paisagem do Igarapé da Fortaleza nas aulas de Geografia a partir da compreensão dos estudantes.** 129 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023.

A presente pesquisa insere-se nos debates das práticas aplicadas ao ensino de Geografia na escola e busca compreender como estudantes da educação básica apreendem a paisagem do Igarapé da Fortaleza, a partir de diálogos realizados em rodas de conversa. Traz como problema a seguinte indagação: “Como a paisagem do Igarapé da Fortaleza é percebida/apreendida pelos estudantes da educação básica a partir de diálogos realizados nas aulas de Geografia?”. Apresenta-se como hipótese que a paisagem do Igarapé da Fortaleza é descrita/caracterizada pelos estudantes com elementos que remetem à forte influência do meio rural, inclusive com a manutenção de formas e hábitos ribeirinhos. Como metodologia de ensino e investigação, para atingir o objetivo da pesquisa, foi utilizada a roda de conversa em virtude de ela possibilitar a valorização da trajetória do estudante ao mesmo tempo que articula o saber empírico ao científico; e também trabalhos de campo externos à escola. A partir dos dados obtidos, as falas dos estudantes foram organizadas e tabuladas e em seguida apresentadas em nuvens de palavras. Nesse contexto, observou-se que através das falas, escritas e das produções dos desenhos, feitos nas rodas de conversa, a descrição da paisagem da área feita pelos estudantes traz elementos antagônicos como: lugar tranquilo/ lugar movimentado; lugar bom de conviver / lugar perigoso; paisagem bonita/ lugar não valorizado; barulho de trânsito / barulho de barcos; sons da maré, vento, pássaros/ carro de som, tiro, briga; camarão, peixe, açai / esgoto, fumaça. Além disso foi possível identificar nas falas fortes aspectos ribeirinhos como a presença de barcos, pontes de madeira e a existência de uma paisagem natural, nas palavras dos estudantes. Notou-se também que os sujeitos apesar de já terem uma vaga ideia sobre o conceito de paisagem não o dominavam. Suas falas e desenhos inicialmente estavam muito ligados a aspectos visuais e a representações do “belo” e da natureza. Conforme se avançou no diálogo essa compreensão foi mudando e sendo acrescida de outros elementos, como olfato, a audição, a sensibilidade e a imaginação, além da criticidade em relação ao que se vê. Por fim, destaca-se que o uso da roda de conversa é, nesse contexto, uma oportunidade para o amadurecimento da democracia em sala de aula e também para propiciar o fortalecimento do ambiente comunitário e de um posicionamento crítico. Nesse sentido cabe ressaltar a importância do componente curricular Geografia, que possui como objeto de estudo o espaço geográfico e assim tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento do raciocínio crítico pelos estudantes para que possam perceber e analisar a realidade que os cercam.

**Palavras-chave:** Paisagem Urbana Amazônica. Paisagem Ribeirinha Amazônica. Ensino de Geografia.

## RESUMÉM

SILLAU, T. M. F. El Paisaje del Igarapé da Fortaleza en las clases de Geografía a partir de la comprensión de los alumnos. 129 f. Disertación - Programa de Posgrado en Geografía, Universidad Federal de Amapá, Macapá, 2023.

Esta investigación se inserta en el debate sobre las prácticas aplicadas a la enseñanza del currículo de Geografía y busca comprender cómo los alumnos de enseñanza básica perciben el paisaje del Igarapé da Fortaleza, a partir de diálogos realizados en círculos de conversación. Plantea como problema la siguiente pregunta: "¿Cómo es percibido/aprehendido el paisaje del Igarapé da Fortaleza por los alumnos de enseñanza básica a partir de diálogos realizados en las clases de Geografía?". La hipótesis es que el paisaje del Igarapé da Fortaleza es descrito/caracterizado por los alumnos con elementos que remiten a la fuerte influencia del medio rural, incluyendo el mantenimiento de formas y hábitos ribereños. Para alcanzar el objetivo de la investigación, la metodología de enseñanza e investigación utilizada fueron los círculos de conversación, que permiten valorar la trayectoria del alumno al mismo tiempo que articulan el conocimiento empírico y científico, así como el trabajo de campo fuera de la escuela. A partir de los datos obtenidos, se organizaron y tabularon los discursos de los alumnos y, posteriormente, se presentaron en nubes de palabras. En este contexto, se observó que las descripciones de los alumnos sobre el paisaje de la zona, a través de sus discursos, escritos y dibujos realizados durante las mesas redondas, incluían elementos antagónicos como: un lugar tranquilo / un lugar ajetreado; un buen lugar para vivir / un lugar peligroso; un paisaje bonito / un lugar que no se valora; ruido del tráfico / ruido de los barcos; los sonidos de la marea, el viento, los pájaros / los estéreos de los coches, los disparos, las peleas; las gambas, el pescado, el açai / las aguas residuales, el humo. También fue posible identificar fuertes aspectos ribereños en los discursos de los alumnos, como la presencia de barcos, puentes de madera y la existencia de un paisaje natural. También se observó que, aunque los sujetos ya tenían una vaga idea del concepto de paisaje, no lo dominaban. En un principio, sus discursos y dibujos estaban estrechamente vinculados a aspectos visuales y representaciones de la "belleza" y la naturaleza. A medida que avanzaba el diálogo, esta comprensión fue cambiando y se añadieron otros elementos, como el olfato, el oído, la sensibilidad y la imaginación, así como la criticidad en relación con lo que se ve. Finalmente, cabe destacar que el uso de los círculos de conversación es, en este contexto, una oportunidad para la maduración de la democracia en el aula y también para el fortalecimiento del ambiente comunitario y del posicionamiento crítico. En este sentido, cabe destacar la importancia del componente curricular de Geografía, cuyo objeto de estudio es el espacio geográfico y, por lo tanto, pretende contribuir al desarrollo del pensamiento crítico de los alumnos para que puedan percibir y analizar la realidad que les rodea.

**Palabras clave:** Paisaje urbano amazónico. Paisaje ribereño amazónico. Enseñanza de la Geografía.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Sequência metodológica para o diálogo sobre paisagem a partir da observação .....	30
Figura 02	Mapa de localização da área de estudo .....	40
Figura 03	Igarapé da Fortaleza .....	41
Figura 04	Comércios na Rodovia Salvador Diniz .....	42
Figura 05	Fábrica de açai .....	42
Figura 06	Açaizeiros .....	43
Figura 07	Entulho acumulado na entrada da APA da Fazendinha .....	44
Figura 08	Posto policial .....	45
Figura 09	Posto de saúde .....	45
Figura 10	Escola Estadual Margarida Rocha .....	46
Figura 11	Escola Municipal Piauí .....	47
Figura 12	Fachada da escola .....	49
Figura 13	Sala de aula .....	49
Figura 14	Piscina .....	49
Figura 15	Quadra esportiva .....	49
Figura 16	Biblioteca .....	49
Figura 17	Refeitório .....	49
Figura 18	Procedimentos de coleta de dados da pesquisa .....	52
Figura 19	Materiais de desenho disponíveis para os estudantes .....	54
Figura 20	Ilustração da Roda de Conversa de acordo com a metodologia de Boyes-Watson e Pranis .....	56
Figura 21	Ambiente organizado para a roda de conversa .....	57
Figura 22	Peça de centro .....	57
Figura 23	Objeto de fala usado na pesquisa .....	57
Figura 24	Densidade de focos de calor entre 2017-2020 com áreas de uso restrito .....	60
Figura 25	Cores utilizadas para a construção da nuvem de palavras ...	60
Figura 26	Se você tivesse poderes mágicos, o que mudaria na sua cidade? .....	62

Figura 27	Que aspectos da paisagem do Igarapé da Fortaleza chamam a sua atenção? .....	64
Figura 28	A partir do que você observa diariamente, como você descreveria a paisagem do Igarapé da Fortaleza? .....	64
Figura 29	Quais os sons que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza? .....	66
Figura 30	Quais os cheiros que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza? .....	67
Figura 31	Quais as mudanças na paisagem do bairro você considera mais significativas? .....	68
Figura 32	Por que você considera a paisagem do bairro diferente do centro da cidade? .....	69
Figura 33	Ao analisar a paisagem que você vê cotidianamente no Igarapé da Fortaleza, quais os aspectos positivos você constata? .....	71
Figura 34	Ao analisar a paisagem que você vê cotidianamente no Igarapé da Fortaleza, quais os aspectos negativos você constata? .....	72
Figura 35	Mapa de Elementos das Falas dos Estudantes .....	73
Figura 36	Escola Militar .....	74
Figura 37	Localização e entorno da escola .....	76
Figura 38	Rua má conservada .....	77
Figura 39	Lixeira viciada .....	78
Figura 40	Centro comunitário .....	79
Figura 41	Rampa do Açaí – visão oblíqua .....	80
Figura 42	Rampa do Açaí – visão frontal .....	81
Figura 43	Pontos comerciais .....	81
Figura 44	Embarcação sendo construída por morador da área .....	82
Figura 45	Localização das lojas que comercializam os produtos a base de açaí produzidos no Igarapé da Fortaleza .....	83
Figura 46	Arena esportiva .....	83
Figura 47	Extratativismo de açaí .....	84
Figura 48	Campo .....	85

Figura 49	Ponte de madeira .....	86
Figura 50	Crianças tomando banho no Igarapé da Fortaleza .....	86
Figura 51	Construção da Ponte de Concreto sobre o Igarapé da Fortaleza .....	88

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01	Informações sobre as fortificações edificadas no Igarapé da Fortaleza.....	34
Quadro 02	Escolas do Igarapé da Fortaleza .....	46
Quadro 03	Concepções de paisagem dos sujeitos da pesquisa .....	89
Quadro 04	Desenhos das paisagens do Igarapé da Fortaleza .....	91

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 01	Bairro de residência dos estudantes .....	61
------------	---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ALCMS	Área de Livre Comércio de Macapá e Santana
APA	Área de Proteção Ambiental
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases para a Educação
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PM	Polícia Militar
RCA	Referencial Curricular Amapaense
REBIO	Reserva Biológica
RGB	(Red), Verde (Green) e Azul (Blue)
SEED	Secretaria de Estado da Educação
TFA	Território Federal do Amapá
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1</b>	<b>PAISAGEM: DA CATEGORIA GEOGRÁFICA AO OBJETO DE CONHECIMENTO NA ESCOLA</b> .....	21
1.1	PAISAGEM E GEOGRAFIA: ABORDAGENS .....	21
1.2	A PAISAGEM DENTRO DA GEOGRAFIA ESCOLAR .....	25
1.2.1	<b>Paisagem e currículo: dos Parâmetros Curriculares Nacionais a Base Nacional Comum Curricular</b> .....	25
1.2.2	<b>A paisagem em sala de aula na Educação Básica</b> .....	28
<b>2</b>	<b>IGARAPÉ DA FORTALEZA</b> .....	33
2.1	CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO .....	33
2.2	PANORAMA ATUAL .....	39
2.3	ESCOLA ESTADUAL IGARAPÉ DA FORTALEZA .....	47
<b>3</b>	<b>A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA POR ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA</b> .....	51
3.1	A METODOLOGIA DO TRABALHO .....	51
3.1.1	<b>Coleta de Dados</b> .....	52
3.1.2	<b>Análise e apresentação das informações coletadas</b> .....	59
3.2	SUJEITOS DA PESQUISA .....	61
3.3	A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA PELOS ESTUDANTES .....	62
3.3.1	<b>Mudando a cidade em um passe de mágica</b> .....	62
3.3.2	<b>O que vejo no Igarapé da Fortaleza?</b> .....	63
3.3.3	<b>Quais os sons do Igarapé da Fortaleza?</b> .....	65
3.3.4	<b>O Igarapé da Fortaleza tem cheiro de quê?</b> .....	67
3.3.5	<b>O que tem mudado no Igarapé da Fortaleza?</b> .....	68
3.3.6	<b>“Vou lá em Santana”</b> .....	69
3.3.7	<b>O que tem de bom no Igarapé da Fortaleza?</b> .....	70
3.3.8	<b>O que tem de ruim no Igarapé da Fortaleza?</b> .....	71
3.3.9	<b>Paisagens do Igarapé da Fortaleza</b> .....	72
3.3.9.1	<i>Paisagem da Escola Militar</i> .....	74
3.3.9.2	<i>Paisagem da violência</i> .....	76
3.3.9.3	<i>Paisagem do abandono e da poluição</i> .....	77

3.3.9.4	<i>Paisagem da organização comunitária</i> .....	78
3.3.9.5	<i>Paisagem do trabalho</i> .....	79
3.3.9.6	<i>Paisagem do lazer</i> .....	84
3.3.9.7	<i>Paisagem do passado</i> .....	87
3.4	CONCEPÇÕES/VISÕES DE PAISAGENS APRESENTADAS .....	88
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	95
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	98
	<b>APÊNDICES</b> .....	103
	APÊNDICE A – DIÁRIO DE CAMPO DA PESQUISA .....	104
	APÊNDICE B – FICHA PARA ORGANIZAÇÃO DAS FALAS DOS ESTUDANTES NAS RODAS DE CONVERSA .....	127
	APÊNDICE C – FICHA PARA ORGANIZAÇÃO DAS FALAS DOS ESTUDANTES NAS ATIVIDADES DIAGNÓSTICAS .....	127

## INTRODUÇÃO

A Geografia como disciplina escolar deve contribuir para que o estudante se localize e compreenda a sua localização no mundo. Se concentra no entendimento das relações entre a sociedade e a natureza e na ordenação/espacialidade impostas às coisas pelos sujeitos a partir dessas relações. Trata-se, no entendimento de Callai (2010, p. 16), de uma forma de fazer a leitura do mundo por meio da leitura do espaço, a qual traz em si todas as marcas da vida humana, e “considerando que as práticas cotidianas são espaciais, o conhecimento geográfico é importante para a vida cotidiana”.

Ao ensinar Geografia na escola “ensina-se ao estudante a observar, compreender e perceber a partir dos conteúdos geográficos a sua espacialidade e a espacialidade das coisas no mundo”. Segundo Cavalcanti (2012), ensina-se, o estudante a analisar e entender uma das instâncias da realidade que é a espacial, de forma que a contribuição da Geografia não está centrada na descrição das coisas e sim, na capacidade de produzir uma entendimento peculiar da espacialidade dessas coisas no mundo (Cavalcanti, 2012, p.136 - 137). Aprende-se, por meio dos conteúdos geográficos, a perceber/conhecer a geografia do mundo vivido.

Na Base Nacional Comum Curricular e no Referencial Curricular Amapaense o estudo da geografia escolar também é indicado como um conhecimento que leva à compreensão do mundo vivido por meio de seus conteúdos. Esses documentos apresentam os estudos da Geografia como um conhecimento que estimula o entendimento e reconhecimento das identidades (dos estudantes e de outros sujeitos) em suas diferentes formas (Brasil, 2017, p. 359; Amapá, 2022, p.109).

Tais leituras sobre o significado do ensino de Geografia, na atualidade apontam, para a necessidade do uso de metodologias que estimulem os estudantes a se sentirem participantes do processo de ensino – aprendizagem a partir de um movimento de ensinar que os conceba como sujeitos de sua aprendizagem e que estabeleça conexões entre conteúdos estudados e as experiências/espacialidades deles. Diante dessa perspectiva a análise da paisagem associada à metodologia dialógica/participativa no contexto dos estudos geográficos assume importância.

A paisagem traz a gênese do espaço e, nesses termos, opera como importante demonstrativo da forma como os indivíduos, em sua relação com natureza, se apropriam do espaço. Assim, o estudo da paisagem encaminha para a leitura de

espacialidades que revelam elementos como a localização, orientação, formas, arranjos espaciais, escalas, lugares e outros elementos contidos em uma dimensão do espaço (Castrogiovanni ... [et al], 2023 p.13). Segundo Castrogiovanni (2023), nos estudos científicos e reflexões sobre valores e atitudes humanas é possibilitado o desenvolvimento de várias habilidades dos estudantes. Dessa forma, desenvolver os conteúdos estudados em Geografia articulados à realidade dos estudantes torna o processo de aprendizagem mais significativo para eles.

O presente estudo, que se insere nos debates sobre práticas aplicadas ao ensino de geografia escolar em estudos da paisagem, busca investigar sobre como estudantes da educação básica de uma escola localizada no Igarapé da Fortaleza compreendem a paisagem desse lugar. A opção pelo estudo da paisagem como linha investigativa foi em virtude da importância desse conceito analítico nos estudos sobre a espacialidade.

A definição da área Igarapé da Fortaleza como recorte espacial do estudo se deu a partir da junção de experiências, observações e diálogos envolvendo dois aspectos importantes: 1) por possuir formação em práticas circulares, escolheu-se essa metodologia para realizar durante a pesquisa e verificar a complexidade de usá-la no cotidiano da sala de aula; 2) trabalhei por nove anos na Escola Estadual Igarapé da Fortaleza e a partir de observações empíricas e diálogos realizados com os membros da comunidade alguns aspectos da área me chamavam atenção, não raro ouvia de moradores do bairro ao irem ao centro de Santana a expressão “vou a Santana”, passando a impressão que os mesmos não sentiam-se moradores da área urbana desse município

Assim, surgiu o seguinte problema de pesquisa: Como a paisagem do Igarapé da Fortaleza é percebida/apreendida pelos estudantes da educação básica a partir de diálogos realizados nas aulas de Geografia? Apresenta-se como hipótese que a paisagem do Igarapé da Fortaleza é descrita/caracterizada pelos estudantes com elementos que remetem a forte influência do meio rural, inclusive com a manutenção de formas e hábitos ribeirinhos.

Dessa forma, como objetivo geral o presente texto busca analisar como a paisagem do Igarapé da Fortaleza é percebida/apreendida pelos estudantes da educação básica a partir de diálogos realizados nas aulas de Geografia. E como objetivos específicos discutir sobre a categoria paisagem relacionando-a ao conteúdo de paisagem na Geografia escolar; analisar a formação socioespacial do Igarapé da

Fortaleza; compreender a visão dos estudantes sujeitos da pesquisa sobre a paisagem do Igarapé da Fortaleza a partir de rodas de conversa.

Fruto da inquietação em entender como essas espacialidades são compreendidas pelos estudantes que estudam na área, esta pesquisa propôs-se a investigar a questão e fazer reflexões com a intenção de desenvolver um trabalho significativo com os estudantes. Nesse sentido, o estudo da paisagem foi adotado como linha investigativa em virtude da importância desse conceito nas análises espaciais. Considerou-se ainda a relevância da investigação da paisagem em contextos de ensino aprendizagem do componente curricular Geografia, bem como seu potencial para a construção de conhecimentos que possibilitem uma leitura e posicionamento críticos dos estudantes em relação às suas próprias realidades. A educação deve esforçar-se para acompanhar o ritmo das transformações do espaço geográfico e a escola deve ser um espaço cativante para o estudante, um lugar de construção e socialização do conhecimento que lhe desperte a busca por novas descobertas.

Diante do exposto e ao observar a lacuna existente com relação ao estudo sobre a compreensão da paisagem cotidiana em sala de aula, notou-se a viabilidade de elaborar um projeto de pesquisa, que deu origem a essa dissertação, com ênfase nessa temática.

É importante destacar que para a realização da pesquisa, foi necessária a submissão do então projeto ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Amapá. Após análise dos documentos, o projeto foi aprovado com Número do Parecer: 5.586.093. Tão logo se obteve a aprovação foi realizada a pesquisa de campo: entre os meses de outubro e dezembro de 2022 na escola; e no mês de janeiro de 2023 na área do Igarapé da Fortaleza.

A pesquisa ocorreu na Escola Estadual Igarapé da Fortaleza com vinte e cinco estudantes da faixa etária de 15 a 17 anos de uma turma da segunda série do Ensino Médio, destes, treze moradores da área de estudo nos bairros Fortaleza em Santana ou Igarapé da Fortaleza em Macapá; doze moradores dos bairros Provedor II e Monte das Oliveiras em Santana e Fazendinha em Macapá, bairros próximos à área de estudo; e um no bairro Aquaville, em Santana.

Como metodologia de ensino e investigação, para atingir o objetivo da pesquisa, foi utilizada a roda de conversa em virtude de ela possibilitar a valorização da trajetória do estudante ao mesmo tempo que articula o saber empírico ao científico;

posteriormente à realização da pesquisa na escola foram realizados trabalhos de campo na área dos bairros Fortaleza e do Igarapé da Fortaleza. A partir dos dados obtidos, as falas dos estudantes foram organizadas e tabuladas e em seguida apresentadas em nuvens de palavras. Nesse contexto, observou-se que através das falas, respostas escritas e das produções dos desenhos, a descrição da paisagem da área feita pelos estudantes traz elementos antagônicos como: lugar tranquilo/ lugar movimentado; lugar bom de conviver / lugar perigoso; paisagem bonita/ lugar não valorizado; barulho de trânsito / barulho de barcos; sons da maré, vento, pássaros/ carro de som, tiro, briga; camarão, peixe, açai / esgoto, fumaça.

Além disso, foi possível identificar nas falas fortes aspectos ribeirinhos como a presença de barcos, pontes de madeira e a existência de uma paisagem natural, nas palavras dos estudantes. Suas falas e desenhos inicialmente estavam muito ligados a aspectos visuais e a representações do “belo” e da natureza. Conforme se avançou no diálogo essa compreensão foi mudando e sendo acrescida de outros elementos, como olfato, a audição, a sensibilidade e a imaginação, além da criticidade em relação ao que se vê. Por fim, destaca-se que o uso da roda de conversa é, nesse contexto, uma oportunidade para o amadurecimento da democracia em sala de aula e também para propiciar o fortalecimento do ambiente comunitário e de um posicionamento crítico.

O texto encontra-se dividido em três seções, cada uma relacionada a um objetivo específico. Na primeira apresenta-se uma discussão sobre a paisagem para a academia e como essa categoria é trabalhada em sala de aula a partir dos documentos nacionais e estaduais norteadores do currículo. Na segunda seção apresenta-se a área de pesquisa, denominada Igarapé da Fortaleza, localizada entre as cidades de Macapá e Santana. E na terceira dialoga-se sobre como a paisagem dessa área é apreendida pelos estudantes.

## 1 PAISAGEM: DA CATEGORIA GEOGRÁFICA AO OBJETO DE CONHECIMENTO NA ESCOLA

### 1.1 PAISAGEM E GEOGRAFIA: ABORDAGENS

A paisagem é uma das categorias centrais para o desenvolvimento do pensamento geográfico, ao lado de lugar, região, território e espaço geográfico. Ao longo da história, esse conceito passou por várias transformações e ampliando as possibilidades de interpretação dos fenômenos. Ela é o primeiro contato com a realidade, e, por isso, muitas vezes, é a escolhida para se iniciar o diálogo sobre as categorias geográficas. Mas, embora sempre tenha sido uma categoria de análise importante da Geografia, não é um termo de uso exclusivo dessa área do conhecimento, é uma palavra polissêmica com várias interpretações conforme a área de conhecimento ou situação que se aplica.

Na Geografia, conforme destacam Castrogiovanni *[et al]* (2023, p. 40), o termo aparece, primeiramente, nos estudos dos autores clássicos como os naturalista alemão Von Humboldt (1769 – 1859) e Carl Ritter ( 1779 -1859). Segundo esse autor, Humboldt e Ritter foram os responsáveis por apresentar de forma estruturada a primeira definição do termo. Conceberam a paisagem como um fenômeno que tinha como método de estudo a sua descrição. A paisagem seria constituída dos elementos físicos do espaço que pudessem ser abarcados com os olhos. A compreensão da unidade Homem-Natureza como elemento construtor da paisagem ainda não estava presente nessa interpretação. A visão clássica de paisagem a definia como algo materializado no espaço, que pudesse ser observada com alcance do olhar, uma paisagem estática.

Suertegaray (2019, p.160) assegura que variados conceitos de paisagem derivam de duas fontes: do renascimento italiano, que entende a paisagem de forma exterior ao homem; e alemão, influenciado pelo movimento naturalista, que entende a paisagem a partir de um contexto holístico. Segundo a autora,

na ecologia a paisagem se constitui de arranjos de unidades de uso da terra. Na geomorfologia a paisagem é estudada a partir da ideia de homogeneidade de formas. Já na arquitetura o enfoque é associado a forma, função e processos (Suertegaray, 2019, p.160).

Ainda no contexto das definições do conceito a partir da visão clássica, destaca-se a escola russa. Frolova (2001) relata que a evolução da ciência geográfica na Rússia foi acompanhada pela evolução também do conceito de paisagem. Surgido inicialmente como um conceito para atender a necessidade de estudar o próprio extenso território russo, a paisagem evolui para dois diferentes conceitos nesse país, os quais cita-se: *Landschaft* (do alemão) e *paysage* (do francês), a primeira com um caráter mais natural e científico e a segunda com um caráter mais humano e artístico. De acordo com a autora,

a lo largo del siglo XX, el paisaje es reducido, a título de "complejo geográfico natural", al sistema de componentes naturales, o más simplemente, a la suma de diferentes índices y formulas físicas y químicas. Por consecuencia, la geografía rusa ha pasado al siglo XX a una visión más interactiva y más globalizante del paisaje con, en particular, la introducción del concepto de geosistema. No obstante, si los métodos de su estudio son cada vez más "objetivos" (cuantitativos), los elementos culturales del paisaje desaparecen del modelo paisajístico ruso. Hará falta esperar a los años 1970 para que la Ciencia soviética de *Landschaft* vuelva a tener interés de nuevo por el role del hombre en el proceso de la evolución del paisaje (Frolova, 2001)<sup>1</sup>.

Nas discussões mais contemporâneas a visão mais naturalista da paisagem é superada e o conceito passa a ser definido a partir de várias dimensões. Nesse sentido, Sauer (1998 [1925] p. 23 e 29) afirma que “o termo paisagem é apresentado para definir o conceito de unidade da geografia”, caracterizada por “uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”. Nas palavras desse autor o “conteúdo da paisagem é encontrado, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana” (Sauer (1998 p. 23 e 29).

Bertrand (1972) explica que a “paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados”, mas sim, “uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução” (Bertrand, 1972, p. 141). Nessa definição não se considera apenas a paisagem “natural”, mas todas as paisagens,

---

<sup>1</sup> Ao longo do século XX, a paisagem é reduzida, a título de “complexo geográfico natural”, ao sistema de componentes naturais ou, mais simplesmente, à soma de diferentes índices e fórmulas físicas e químicas. Por consequência, a geografia russa entrou no século XX com uma visão mais interativa e mais globalizante da paisagem, com, em particular, a introdução do conceito de geossistema. Contudo, se os métodos do seu estudo se tornam cada vez mais “objetivos” (quantitativos), os elementos culturais da paisagem desaparecem do modelo paisagístico russo. Será necessário esperar pelos anos 1970 para que a ciência soviética da *Landschaft* volte a interessar-se novamente pelo papel do homem no processo de evolução da paisagem (Frolova, 2001).

incluindo aquelas com fortes dinâmicas antrópicas.

Denis Cosgrove, na segunda metade do século XX, apresenta novas definições para o conceito de paisagem, os quais envolvem o diálogo entre o espaço geográfico, a cultura e o simbolismo. Corrêa (2011, p. 12) explica que a paisagem em Cosgrove se define como “um modo de ver”, associado às transformações econômicas, sociais, políticas, técnicas e artísticas do século XVI e do início do século XVII” [...] e que “pode ser interpretada segundo qualquer aspecto ligado às atividades e crenças humanas, em razão de seu caráter multidimensional”.

Em Sauer, Bertran e Gosgrove, operam o debate sobre a paisagem tendo como horizontes teóricos-metodológicos que valorizam as questões simbólicas e culturais. Assim, aspectos da subjetividade presentes nos movimentos de interpretação das paisagens assumem força nas definições desse conceito. Muda-se a visão de paisagem como algo materializado no espaço observada com alcance do olhar para uma visão mais integradora, em que ela é resultado das múltiplas dimensões que atuam no espaço, as quais são interpretadas a partir da visão de quem as observa.

Com relação às contribuições brasileiras a esse debate, observamos que Milton Santos, define a paisagem como “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (Santos, 2002). Para Santos a paisagem é constituída de elementos do presente e do passado, que coexistem no momento atual. A compreensão que se tem a partir do conceito elaborado por Santos, é que para ele, a paisagem representa os elementos do espaço geográfico que podem ser percebidos, sobretudo através da visão, mas não só, por um indivíduo.

Sobre a paisagem, Ruy Moreira (2014, p. 182) traz as seguintes reflexões para a discussão:

- 1) O primeiro contato com o mundo circundante nos é dado pela paisagem, que é o nível do aqui-agora da experiência sensível cotidiana.
- 2) A observação atenta das formas mostra que a paisagem é uma coleção de objetos singulares dispostos numa dada extensão, na qual cada um ocupa um lugar distinto, essa localização formando uma distribuição em que cada objeto se separa do outro segundo uma dada distância ao tempo em que o todo se combina em níveis de escala que faz do conjunto um só arranjo paisagístico (Moreira, 2014, p. 182).

A partir do exposto pelo autor, pode-se supor que para ele a paisagem é o que podemos compreender pela nossa sensibilidade da realidade que nos cerca, formada por um conjunto de elementos surgidos ao longo do tempo. Assim, a leitura da paisagem se dá pelo que se vê e pelo que não se vê, sendo que só o fato de ver (ou não) um elemento da paisagem já é uma leitura carregada de significados.

Gomes (2017, p. 134) apresenta uma análise do conceito que se aproxima da de Ruy Moreira (2014), ao afirmar que o conceito de paisagem ajuda a compreender o mundo de outra forma. Ajuda a direcionar o olhar e ensina a ver o que não se vê, ou que vê, mas não se dava importância.

Douglas Santos (2018), no artigo intitulado “De volta às discussões sobre o significado de paisagem e outras avenças” nos diz que na sua compreensão a paisagem trata-se de,

[...] um movimento na construção do conhecimento [...] Em outras palavras, paisagem não é o fenomênico na sua pura externalidade em relação ao sujeito, mas a forma pela qual a externalidade se torna “coisa para o sujeito” ou “objeto”, ou, ainda, e com o sentido de complementar o embate, trata-se de uma “categoria do método” e não uma “categoria do fenomênico”. Quando tratamos da paisagem, há de se considerar uma evidente relação entre a presença do sujeito e as formas pelas quais ele percebe o mundo. Nesse sentido, a ideia de paisagem é absolutamente imprescindível. Contudo, os tempos dos elementos que dão materialidade à paisagem podem não ser os tempos do sujeito (Santos, 2018, p. 47).

De modo que para o autor, a forma como os indivíduos percebem e dão significados aos objetos constituintes da paisagem é intrínseca a cada indivíduo. Na presente pesquisa entende-se o conceito de paisagem como a apreensão dos elementos que compõem o espaço geográfico, suas formas, sons, cheiros, cores, e que está diretamente relacionada a um contexto sociocultural. Nesse sentido, a paisagem aparece mais como uma categoria do método do que uma externalidade pura do fenômeno. Considera-se o conceito de Santos (2018) o que mais contribui para o direcionamento deste estudo e, portanto, foi o adotado para a construção do debate.

## 1.2 A PAISAGEM DENTRO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

### 1.2.1 Paisagem e currículo: dos Parâmetros Curriculares Nacionais a Base Nacional Comum Curricular

No Brasil, a Geografia como disciplina escolar é encontrada nos currículos desde a primeira metade do século XIX. No contexto pós-independência, o papel dado a Geografia era contribuir para a construção da nacionalidade, assim ela possuía um forte caráter patriótico (Filizola, 2009, p. 11, 15).

O movimento de modernização do ensino de Geografia nas escolas brasileiras relaciona-se ao esforço para a renovação do currículo e das formas de ensinar e aprender ocorridos na década de 1980 (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2009, p. 68). Indo ao encontro desse movimento, a Constituição Federal de 1988 traz de forma explícita a preocupação com a formação do estudante enquanto cidadão. Em seu texto é colocado que a educação é um direito de todos e tem como objetivo o pleno desenvolvimento do indivíduo para o trabalho e para o exercício da cidadania (Brasil, 1988).

Até a década de 1980 cabia aos estados e municípios a elaboração de suas propostas curriculares, que eram utilizadas pelos autores de livros didáticos para a elaboração de materiais. Apesar da aparente autonomia, as propostas criadas pela Secretaria de Educação de São Paulo, eram tomadas como modelo pelas demais secretarias de educação (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2009, p. 69-73).

A década de 1990 é marcada, para a educação, pela criação da mais recente Lei de Diretrizes e Bases para a Educação, em 1996, que normatiza, dentre vários aspectos, as disciplinas integrantes da Educação Básica, sendo a Geografia componente curricular obrigatório para o Ensino Fundamental e Médio (Brasil, 1996). A criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), em 2000, em um documento único, sintético e dotado de objetividade, deixa implícito o contexto político de sua construção. A organização curricular nos parâmetros separa as disciplinas dentro de áreas de conhecimento: Linguagens e Códigos e suas tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; e Ciências Humanas e suas tecnologias, com a Geografia incluída dentro desta última (Brasil, 2000).

Para a Geografia no PCNEM, a proposta é trabalhar em sala de aula em conjunto os conceitos, iniciando pelo espaço geográfico, posteriormente passando para paisagem, lugar, território, escala e globalização. Dentro das competências, a que contempla a paisagem traz o seguinte texto:

Compreender o desenvolvimento da sociedade como processo de ocupação de espaços físicos e as relações da vida humana com a paisagem, em seus desdobramentos político sociais, culturais, econômicos e humanos (Brasil, 2000, p.13)”.

O texto prossegue afirmando que a:

A dimensão temporal, inscrita na memória que constrói a identidade coletiva e na dinâmica dos processos sociais, completa-se na dimensão espacial, que territorializa os eventos e processos. Essa dimensão espacial situa a ação humana em suas complexas relações com a paisagem natural, que é culturalizada a cada momento de interação (Brasil, 2000, p.13 e 14).

A Geografia escolar, nesse contexto, ainda permanece com algumas marcas do passado, com caráter enciclopédico e voltada para a memorização. Apesar disso, o termo paisagem e sua importância são contemplados parcialmente no texto.

Seguindo as orientações nacionais, no Amapá é criado o Plano Curricular da Educação Básica do Estado do Amapá, em 2009, que contempla toda a relação de conteúdos, competências e habilidades que devem ser desenvolvidos durante a educação básica no estado do Amapá. De acordo com o documento, no saber geográfico deveriam ser incluídos conceitos como: localização, orientação, representação, paisagem, lugar e território (Amapá, 2009, p. 145).

A categoria paisagem aparece listada como conteúdo para o 1º ano do Ensino Médio, e o desenvolvimento da competência a ela ligada está estritamente relacionada aos aspectos do meio natural (Amapá, 2009, p. 153). Cabe lembrar que, nesse contexto, a Geografia estava presente nas três séries do Ensino Médio, com carga horária de 240h divididos igualmente entre as três séries desse nível de ensino.

Mais recentemente, num contexto de mudanças para a Educação Básica, e em especial para o Ensino Médio, um novo documento curricular é criado; a Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Nele a Geografia mantém integrando a área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas, contudo perde completamente sua particularidade. Habilidades e Competências são colocadas de forma genérica e a categoria paisagem não é sequer mencionada, em seu lugar aparece o termo “natureza” (Brasil, 2017).

Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global (Brasil, 2017, p. 570).

Tal omissão está diretamente relacionada com as reformulações curriculares advindas do chamado Novo Ensino Médio. Nele, apenas os componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática permanecem nas três séries do Ensino Médio. A Geografia, bem como todos os demais componentes curriculares, tem carga horária suprimida para 160h. No Amapá, o componente foi completamente excluído da segunda série, trazendo conseqüentemente prejuízos para o currículo (Brasil, 2017; Amapá, 2021).

Um outro aspecto que chama à atenção é que apesar da omissão do conceito de paisagem no currículo para o Ensino Médio, a BNCC aponta no currículo de Geografia para o Ensino Fundamental a paisagem, juntamente com território, lugar, região, natureza, como “conceito operacional” (Brasil, 2017), o que reforça o entendimento da perda de identidade da ciência geográfica para as séries do Ensino Médio.

Acompanhando as mudanças nacionais para o Ensino Médio, é construído, em 2020 o Referencial Curricular Amapaense para o Ensino Médio. Apesar do documento não apresentar na listagem de habilidades e competências nenhuma menção a categoria de paisagem, o termo é mencionado quando é feita a discussão dos aspectos norteadores para o componente de Geografia.

Analisar as territorialidades, o estudo da paisagem, o valor do lugar, as variadas referências localizacionais, o papel do setor produtivo, das relações culturais, dos fenômenos ambientais, das relações de poder de setores empresariais, do espaço e das contradições territoriais dos contextos geopolíticos devem, de forma ampla, ser observadas, analisadas, debatidas e problematizadas, a fim de que o estudante recrudesça seu protagonismo, sua altivez e suas múltiplas competências e desenvolva suas variadas habilidades neste constante processo de transformação (Amapá, 2021, p. 160)

Assim, apesar do contexto nacional, percebe-se um esforço em explicitar no documento curricular atual do Amapá a importância do diálogo na geografia escolar a partir das categorias. A paisagem, portanto, não se apresenta como um conteúdo, porque de fato não o é, mas sim como componente estrutural.

### 1.2.2 A paisagem em sala de aula na Educação Básica

Tomando como base as discussões propostas anteriormente, seja da variação do conceito de paisagem ao longo do tempo, seja do tratamento dado a esse conceito pelos documentos curriculares, cabe esclarecer que a geografia escolar e a geografia acadêmica possuem trajetórias próprias, o que também é acompanhado pelos diálogos acerca das categorias, incluindo a paisagem. A geografia dialogada na Educação Básica não deve ser a simplificação da Geografia Acadêmica (Filizola, 2009, p. 19). Contudo, tal qual a Geografia acadêmica, ela deve ser estruturada a partir das categorias: paisagem, território, lugar, região e espaço. Cavalcanti (2019, p.121) aponta a paisagem como um conceito estruturante do pensamento geográfico que deve ser dialogado com estudantes na escola. Com isso cabem as reflexões: por que estudar a paisagem? O que importa no estudo da paisagem?

A paisagem, toda sua complexidade, com elementos percebidos por intermédio de nossos sentidos, permite compreender um conjunto diverso como unidade. Observar e analisar a paisagem, como atividade pedagógica, permite o desenvolvimento de habilidades como criticidade, criatividade e sensibilidade. A paisagem, nesse contexto, é entendida como uma categoria que aproxima, que pode auxiliar na compreensão das demais categorias, que procura compreender o contexto do meio físico e social, que leva a reflexão do que está posto, mas do que também não é visto e soma-se a crítica da análise: por que eu vejo como vejo?

Faz parte da análise geográfica o caminho do visível (pela paisagem) ao invisível e deste ao visível novamente, num movimento dialético da inteligência no curso do qual a paisagem – aquilo que no fundo se quer compreendido - se torna o concreto-pensado. Pela paisagem, grave-se a produção dos espaços ao longo do tempo, dando sentido ao sistema de objetos, pelas ações sociais. Ao ser assim significado, valorado, o conjunto de formas adquire função social, constituindo-se em espaço geográfico (Cavalcanti, 2019, p. 122).

Em síntese, o estudo da paisagem na escola deveria abarcar três aspectos: a) o visível e tudo o que pode ser capturado pelos nossos sentidos; b) o invisível, constituído dos elementos que não nos chamam à atenção; c) a reflexão a partir do que vejo e do que não vejo. A Geografia Escolar, tem, nesse contexto, como uma das missões ampliar os modos de ver a paisagem, mais complexo e completo.

A construção e aplicação do conceito de paisagem, pelos estudantes, possibilita-os compreender a própria realidade. A paisagem encontra-se no mundo tangível, é vivida e sentida pelas pessoas, constitui-se das formas que expressam o movimento da sociedade (Cavalcanti, 2019, p. 174). Cavalcanti (2012, p. 48) apresenta uma perspectiva de que o diálogo sobre conceitos deve perpassar pelas representações sociais <sup>2</sup> dos estudantes. Utilizá-las possibilita dialogar sobre conhecimentos ainda não conscientes e não verbalizados. O conteúdo escolar relaciona-se à vida do próprio estudante.

Mas como iniciar esse diálogo? Um caminho proposto seria através da observação e reflexão sobre a paisagem.

A observação de seres ou objetos encontrados pelos alunos deve ser, assim, guiada por sua curiosidade e suas necessidades mais imediatas. Na geografia, a paisagem, como dimensão aparente da realidade, constitui uma dimensão a ser observada inicialmente. A observação direta, por exemplo, de um lugar de vivência do aluno, ou indireta, de uma paisagem representada, pode fornecer elementos importantes para a construção de conhecimentos referentes ao espaço nelas expresso. Nesse sentido, é importante que esses elementos sejam sistematizados e estudados no momento seguinte do trabalho (Cavalcanti, 2012, p. 181).

Após a observação, deverá vir a descrição, onde o estudante terá a possibilidade de expressar, a partir das linguagens, tudo que conseguiu captar: o que viu, ouviu, cheirou e sentiu. Posterior a essa etapa os estudantes devem ter contato com as descrições feitas pelos colegas de classe, identificando aspectos em comum e diferentes. Por último deve ser feita a reflexão do que foi visto (ou não) e porquê deter sido visto. A figura 01 apresenta de forma simplificada essa sequência.

---

<sup>2</sup> As representações sociais constituem uma forma de interpretar e compreender a realidade cotidiana. São um conjunto de elementos que se relacionam com a trajetória das pessoas. (Borges, 2019, p. 55- 57)

**Figura 01** - Sequência metodológica para o diálogo sobre paisagem a partir da observação



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dessa sequência, seria possibilitado que os estudantes participassem de forma ativa no processo de ensino-aprendizagem. Deixam de ser apenas sujeitos que recebem conhecimento e passam a ser sujeitos que constroem conhecimento a partir da observação, diálogo e crítica. Como evidencia Cavalcanti (2019, p. 151). É “necessário que na escola os alunos possam vivenciar seu processo de identificação, individual e em grupos, e sua constituição como seres sociais e cidadãos”

Seguindo esse raciocínio de diálogo sobre a paisagem a partir do repertório dos estudantes, se caminha por uma trajetória didática que se aproxima das ideias propagadas por Paulo Freire. Freire, 2000, entende a sociedade como em constante movimento e pregava que o ensino não poderia ser neutro e a “leitura de mundo”, tão mencionada pelo autor, seria, de fato, o grande elemento para que os homens e as mulheres se tornem capazes de intervir na sociedade em que estão inseridos.

Paulo Freire (2015), na década de 1960 concebe os chamados Círculos de Cultura, compostos por trabalhadores e um educador para dialogarem sobre os assuntos de interesse dos trabalhadores. Tal proposta pedagógica apresenta um caráter democrático e libertador pois propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto.

O contexto escolar atual exige do educador aulas mais atrativas e relacionadas com a realidade do estudante. A educação precisa esforçar-se para acompanhar as transformações do espaço geográfico. A escola precisa ser um espaço de construção de conhecimento a partir da reflexão e da crítica, um lugar de construção e socialização do conhecimento que desperte no estudante a busca por novas descobertas.

Sobre a importância de práticas de ensino dialógicas, Freire (2000), em sua obra intitulada “Pedagogia da Autonomia”, discorre sobre a necessidade da pesquisa e do conhecimento como formas de promover a modernização do ensino e da necessidade de respeitar, validar e (esforçar-se para) compreender a realidade do estudante e o conhecimento que ele traz consigo. De acordo com o autor, a aplicação do conhecimento usando, como base a realidade do estudante, seria o ponto de partida para se atingir um ensino transformador.

Freire (1995, p. 74) nos apresenta sua ideia de dialogicidade, que, para ele, não seria um momento pontual ou estratégia ou instrumento de ensino usado pelo professor, mas sim uma forma de compreender e conduzir o processo educativo. Nesse contexto, “o papel do educador progressista é desafiar a curiosidade ingênua do educando para, com ele, partejar a criticidade. É assim que a prática educativa afirma-se como desolcutadora de verdades escondidas” (Freire, 1995, p. 78).

Fica claro que, além de dominar e dialogar sobre os conteúdos, é importante que os professores tenham a capacidade de utilizá-los para instigar os estudantes a compreenderem as suas próprias realidades, possibilitando, assim, a construção de uma visão articulada e crítica do mundo, dando significância à aprendizagem (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2009, p. 97). Segundo Filizola (2009, p. 112) “É nesse contexto que outros encaminhamentos metodológicos necessitam ser incorporados às práticas pedagógicas, e que considerem o uso de múltiplas linguagens”.

Uma possibilidade didática que parece alinhar-se a ideia de uma educação emancipadora é a roda de conversa, metodologia utilizada para a coleta dos dados desta pesquisa, que será melhor explicada na terceira seção, é, nesse contexto, uma oportunidade para o amadurecimento da democracia em sala de aula e o fortalecimento do ambiente comunitário e de um posicionamento crítico. Essa metodologia promove a participação coletiva em debates sobre um tema, nos quais os sujeitos podem dialogar, promovendo, portanto, a construção da autonomia e criticidade dos indivíduos (Nascimento; Silva, 2009, p. 1).

Como metodologia democrática, a roda de conversa possibilita ao professor assumir um papel mais flexível: participando e coordenando a atividade ao mesmo tempo. Se constitui, portanto, uma didática que valoriza o diálogo horizontal estabelecendo uma relação dialética na formação de um conhecimento coletivo, relacionando o conhecimento empírico ao científico (Bertonceli, 2016, p. 53).

A roda de conversa na disciplina de Geografia, por permitir ser uma dinâmica que envolve, não só questões e conteúdos compostos por conceitos geográficos, também, passa a ser um lugar e/ou um espaço de identificação, destes, com o ambiente em que estão inseridos diariamente, além de ser responsável por grande parte da sua formação moral e política. Portanto, a roda pode possibilitar essa capacidade de fala, argumento e criticidade, despertando nos estudantes o ato do posicionamento para qualquer indivíduo presente no círculo (Luvizott; Casatti, 2019, p. 3262).

Elementos presentes no processo de aplicação da metodologia Roda de Conversa, como a organização dos participantes em círculo, por exemplo, possibilita que todos se vejam e se ouçam, promovendo a construção e o compartilhamento de conhecimento a partir de um exercício prático de dialogicidade horizontal e não hierárquico, visto que a todas as falas é dada a mesma importância.

## 2 IGARAPÉ DA FORTALEZA

### 2.1 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Originalmente ocupada por diversas etnias indígenas, a Amazônia começa a ser explorada pelos portugueses no século XVI pelo rio Amazonas e seus afluentes através de forças militares e instituições religiosas que consolidam o domínio ibérico (com a união das coroas portuguesa e espanhola) sobre essa região. Contudo é necessário dizer, que o processo de ocupação e domínio não se deu de forma pacífica, havendo diversos conflitos entre a coroa portuguesa e outras nações europeias, bem como entre aqueles e povos indígenas e, posteriormente, com os povos de origem africana (Castro; Campos, 2015, p. 16).

Devido ao difícil acesso que não permitia a ocupação através da terra-firme, esse momento de ocupação portuguesa se utilizou das características naturais da região, com a presença de uma extensa rede hidroviária de padrão dendrítico. Porto-Gonçalves (2001) nomeia esse padrão de ocupação de “rio-várzea-floresta”, com os primeiros núcleos de povoamento português localizados, ao longo dos rios, em áreas estratégicas que ao mesmo tempo possibilitaram o domínio do território e a construção de uma estrutura que pudesse ser utilizada para o processo de exploração das drogas do sertão.

O movimento de expansão colonial e o deslocamento dos portugueses, a formação de milícias, a construção de fortificações e também as alianças celebradas com povos indígenas – todos esses processos foram acompanhados de deslocamentos no imenso território que hoje é a Amazônia, por parte dos povos indígenas, em função das guerras empreendidas, de fugas para outros territórios ou pelos descimentos, reduções, catequese e escravidão, que constituíam estratégias e práticas do empreendimento colonial (Castro; Campos, 2015, p. 16).

Trindade Júnior (2015, p. 311) aponta que nesse contexto foi fundada a cidade de Belém, em 1616, com interesse em assegurar a defesa do território e a perspectiva de controle econômico. Posteriormente, outros núcleos de povoamento foram criados com o mesmo objetivo. Assim, em 1637 as autoridades luso-espanholas criaram, a Capitania do Cabo Norte, na área que compreende os rios Amazonas e Oiapoque, onde hoje se localiza o estado do Amapá (Filocreão, 2015, p. 100).

Foi marcante, nesse período, a construção de fortificações e igrejas, simbolizando, respectivamente, a presença militar e religiosa na região pela coroa portuguesa, agora já separada da coroa espanhola. Contudo, foi comum também a exploração do território por holandeses, ingleses em parcerias com irlandeses e franceses (Santos, 2012, p. 129). Na área que hoje corresponde ao estado do Amapá foram construídas algumas fortificações, de acordo com Santos (2012, p. 137) e Filocreão (2015, p. 100) que marcaram, de maneira importante, a ocupação dessa área.

Para o presente estudo cabe destacar a construção do Forte de Santo Antônio de Macapá ou de Cumaú<sup>3</sup>:

**Quadro 01** - Informações sobre as fortificações edificadas no Igarapé da Fortaleza

<b>Período</b>	<b>Nome da Fortificação</b>	<b>Obs.</b>
1631 - 1632	Forte Cumaú	Construído pelos ingleses, utilizando técnicas mais rudimentares, funcionou de forma precária sendo destruída pelos portugueses em 1632.
1688 - 1710	Fortaleza de Santo Antônio de Macapá	Construída pelos portugueses, nos moldes modernos lusitanos da época. Foi abandonada em 1710 quando a população que morava ao redor acabou migrando para a região onde foi construída a Fortaleza de São José de Macapá.

Fonte: Silva (2020)

Filocreão (2015, p. 100) afirma que a partir destas e outras fortificações, a colonização das terras do Cabo Norte exigiu a imigração de colonos para a produção dos gêneros alimentícios necessários ao abastecimento das povoações, além dos produtos agrícolas e extrativistas demandados pelo mercado europeu.

A associação entre o Estado e empresa privada constituiu a Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão, a partir de 1755 com o objetivo de “dominar e humanizar” a Amazônia. Esse período é marcado pelo crescimento econômico advindo da

<sup>3</sup> Não raro as duas fortificações são chamadas de “Forte Cumaú” pela comunidade, em virtude de terem sido construídas no mesmo local. É, graças a elas, que a área, os bairros que a compõem, bem como a escola chamam-se Igarapé da Fortaleza. Atualmente, restam apenas as ruínas da Fortificação de Santo Antônio que se encontram dentro de uma área privada.

produção e exportação para os mercados europeus de cacau, café, algodão e pelo crescimento da pecuária, em oposição à produção de subsistência do período que compreende o século XVII ao início da segunda metade do século XVIII (Castro; Campos, 2015, p. 36).

No ano de 1758, enquanto a ilha de Santana foi elevada à categoria de povoado, era fundada a Vila de São José de Macapá, por ordem de Mendonça Furtado. Desde esse período inicial de ocupação as áreas que mais tarde seriam as cidades de Macapá e Santana iniciam uma forte dinâmica, constituindo junto com Mazagão os principais núcleos de ocupação do Cabo Norte. Enquanto a Ilha de Santana servia como entreposto para as embarcações devido à sua proximidade com o Rio Amazonas, a vila de Macapá destacava-se pela concentração dos principais equipamentos públicos e a própria relação com Belém (Santos, 2016, p. 29).

Atualmente as cidades de Macapá e Santana situam-se à margem direita do rio Amazonas, sendo a histórica Ilha de Santana um distrito do município de Santana (Santos, 2016, p. 30). Santos (2016, p. 31) afirma que essa importância da Vila de Macapá e do povoado de Santana, bem como as suas formas, funções, estrutura e processos demonstram a sua articulação com Belém e as comunidades que compunham a ilha do Marajó “ênfatizando sua centralidade urbana sub-regional sendo historicamente construída em numa formação socioespacial comum”.

A partir do século XIX, tem-se uma mudança no padrão de ocupação da Amazônia. Gradativamente o padrão vai se tornando misto, com a abertura de ferrovias, promovendo a circulação regional, o que depois será intensificado com a abertura de estradas. Porto-Gonçalves (2001) denomina esse novo modelo de ocupação de estrada-terra firme- subsolo.

Um dos grandes motivadores dessa mudança se deu a partir da criação de infraestrutura necessária para a exploração da borracha, quando foram abertas as primeiras ferrovias na Amazônia, como a Belém-Bragança, a Madeira-Mamoré e a Estrada de Ferro do Tocantins. Assim, as populações, além de ocupar as margens dos rios, passam a concentrar-se também nas margens das ferrovias, e posteriormente das rodovias com a ocupação da terra firme e a presença de colônias agrícolas. Posteriormente com o incentivo à atividade mineral e de expansão da agricultura (Trindade Júnior, 2015, p. 313).

No Amapá, o principal marco desse novo padrão, só surge no século XX e se deu por intermédio da criação de infraestrutura sobretudo, nos segmentos dos

transportes com a abertura de rodovias federais e estaduais, construção de hidrelétricas para o fornecimento de energia, comunicação e urbano para a instalação dos projetos da ICOMI (1953), Projeto JARI (1967) e Projeto Calha Norte (1982) (Santos, 2012, p. 171).

Durante todo o período colonial até 1943, as terras do atual estado do Amapá pertenciam ao Pará. Este quadro político só mudou, em 1943, quando foi criado o TFA com o argumento do poder central de viabilizar o desenvolvimento de algumas porções do território brasileiro como os atuais estados de Roraima, Rondônia e Acre (Santos, 2012, p. 171).

Em 1943 o Amapá é desvinculado do Pará com a criação do Território Federal do Amapá - TFA, passando a ser administrado diretamente pela união, ficando sob governo de Janary Nunes, implantando as ações institucionais necessárias que viabilizassem a exploração do manganês em Serra do Navio pela mineradora ICOMI (Filocreão, 2015, p. 107).

Drummond e Pereira (2007) apud Filocreão (2015, p. 109) classificam a infraestrutura produtiva do projeto em três grupos:

- 1 O Perímetro da Mineração, com estradas de acesso às áreas de mineração, prédios industriais, administrativos e residenciais – todos eles construídos na Serra do Navio e entregues em julho de 1956;
- 2 A estrada de Ferro do Amapá, ligando a Serra do Navio ao porto de Santana, numa extensão de 193,5 km de linha principal, à qual se somam mais 13 km de linhas secundárias e de serviço, instaladas entre fevereiro de 1954 e outubro de 1956;
- 3 O porto de Santana, construído entre 1954 a 1956. A empresa norte-americana Foley Brother Inc. foi a responsável por essas construções. Por sua vez, a ICOMI instalou geradores de energia elétrica para atender às necessidades do projeto. A mineradora também construiu diretamente, entre 1957 a 1959, as vilas operárias de Serra do Navio e do porto de Santana, perfazendo um total de 330 casas.

Santana, agora não mais a ilha, começa a consolidar sua ocupação pelo processo de crescimento urbano em torno do bairro construído pela ICOMI, atualmente denominado Vila Amazonas, e, também, em torno do porto de onde era exportado o minério. Nesse mesmo contexto, a capital do TFA deixa de ser a cidade de Amapá e passa a ser Macapá, concentrando, assim, as instituições governamentais (Santos, 2012, p. 91). Assim as cidades de Macapá e Santana se consolidam como as mais importantes e populosas do estado do Amapá, que de acordo com Santos

(2016, p. 37) se dá pelo fato de serem as principais bases logísticas dos grandes projetos desenvolvidos no Amapá.

Santos (2012, p.91) ainda apresenta dois importantes fatores que, posteriormente, viriam a intensificar ainda mais o processo de centralidade urbana exercida por Macapá e Santana: a criação em 1991 da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana (ALCMS). A ALCMS foi criada como uma forma de dinamizar a economia local, mas ainda totalmente dependente de recursos financeiros do governo federal, mas que se mostrava como uma opção para o recém criado estado. À época, ocorria um abrupto refluxo dos recursos federais aplicados no Amapá e a principal atividade econômica da região mantinha-se fortemente dependente das exportações de manganês (Filocreão, 2015, p. 136).

Com isso, as cidades de Macapá e Santana passam a intensificar suas relações, bem como o processo de urbanização, o que pode ser notado através da dinamicidade nas rodovias estaduais que ligam os centros das duas cidades: Rodovia AP-10, antigamente conhecida como Rodovia Juscelino Kubistchek, agora denominada de Rodovia Josmar Chaves Pinto; e pela Rodovia AP 20, conhecida como Rodovia DucaSerra. O Plano de Ação Imediata de Macapá - PAIM, publicado em 1971 objetivava potencializar o uso do solo na cidade, lá recomendou-se “exercer formal e efetivamente o planejamento e a coordenação na ocupação e no uso do solo urbano”. Havia o objetivo de definir como área de produção hortifrutigranjeira a área conhecida como Fazendinha. Ainda nesse mesmo documento é apresentada a preocupação com o controle da expansão urbana nas áreas de ressaca, demonstrando uma preocupação com a conservação dessas áreas (Santos, 2016, p. 105).

Nessa época já havia um porto usado para o embarque/desembarque de passageiros, assim como farinha, frutos, peixes e de açaí produzido pelos ribeirinhos. Assim, a área que compreende a Fazendinha e o Igarapé da Fortaleza é destacada como foco de necessidade de uma maior integração, pela melhor circulação viária e hidroviária, com o restante da cidade e até mesmo entre os outros bairros, além disso, defendeu-se a garantia universalizada de acessibilidade aos equipamentos urbanos, transportes e outros serviços. E visando atender principalmente a necessidade crescente de alimentos na capital, foi criado, em 1983, o Polo Hortifrutigranjeiro da Fazendinha, contendo uma área de aproximadamente 484,0000 hectares divididos, inicialmente, em 74 lotes agrícolas destinados à produção de hortifrutigranjeiros (Ribeiro, 2016, p. 62).

Contudo, se por um lado a ação do Estado era a de viabilizar a ocupação da rodovia AP 10, por outro lado buscava a desocupação da margem esquerda do Igarapé da Fortaleza, e de toda a área que compreendia ao Igarapé Paxicu, na Fazendinha, limitada também pela rodovia AP 10 e pelo rio Amazonas. Assim, em 1974 é criada a primeira Unidade de Conservação (UC) do Território Federal do Amapá, o Parque Florestal de Macapá com uma área de 2.187 hectares, com o objetivo de promover o turismo, lazer e pesquisas relacionadas à flora e fauna amazônica (Ribeiro, 2016, p. 62). Nos anos seguintes a dinâmica de ocupação vai se intensificando gradativamente, inclusive com o surgimento de novas atividades na área compreendida pela rodovia AP-10.

Num recorte temporal recente, mais precisamente a partir do final da década de 1980, vem ocorrendo um novo olhar para o Eixo Sul, voltado principalmente para o lazer, serviços da educação superior, do turismo e para um uso residencial. Quanto às atividades de lazer, destaca-se o número significativo de clubes como a ASEEL, SINSEPEAP, SINDESAÚDE, OAB. e também um serviço concentrado de motéis ao longo da rodovia JK; os serviços da educação dizem respeito basicamente ao campus Marco Zero da UNIFAP com seus cursos e o status de principal Universidade do Amapá, a EMBRAPA, ao futuro campus da Universidade do Estado do Amapá e ao Instituto Estadual de Pesquisas do Amapá, quanto ao turismo há a presença nesse eixo do estádio Zerão e do monumento Marco Zero do Equador, marcados pela latitude zero, dividindo, simbolicamente, o hemisfério sul e o hemisfério norte, além disso, há o parque de exposição onde é realizado anualmente a Expofeira (feira agropecuária) e, também, o distrito de fazendinha como ponto de encontro da cidade de Macapá, com bares, restaurantes e área pra banho nas margens do rio Amazonas (Santos, 2016, p.111).

Essa intensificação na ocupação também provocou modificações quanto à área e categoria no Parque Florestal de Macapá. Em 1984 o parque é transformado em Reserva Biológica (REBIO) da Fazendinha, com área de 193,53 hectares. Duas mudanças significativas: a restrição de uso da área, visto que as REBIO's são caracterizadas por proteção integral da natureza; e a perda de 91,16% da área (Ribeiro, 2016, p. 63).

A mudança de categoria trazia consigo a ideia de que a população que ali morava há décadas não era mais bem-vinda. O que representava um direcionamento para a desocupação gradativa da área acabou não se mostrando uma alternativa eficiente, visto que mesmo mantendo um bom estado de conservação da área, a

população moradora da UC só aumentava. Surgia assim, um conflito entre a comunidade local e o estado.

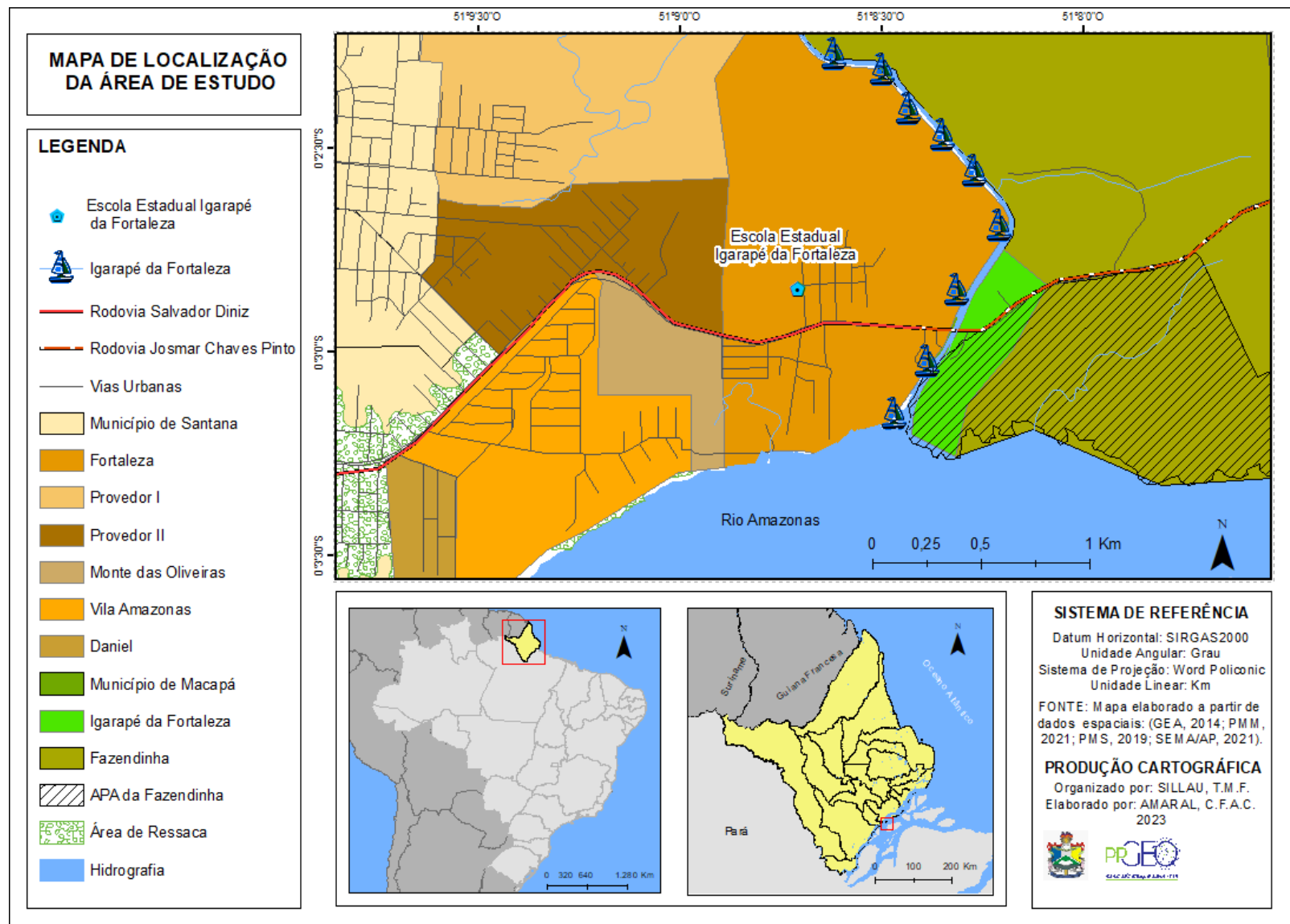
Assim, a partir de 2002 iniciam trabalhos técnicos e audiências públicas a fim de transformar a área em Área de Proteção Ambiental (APA), esta sim compatível com a ocupação humana (Ribeiro, 2016, p. 63). Em 2004, é, então, criada a Área de Proteção Ambiental da Fazendinha visando conciliar a permanência da população local com a proteção ambiental e o desenvolvimento de atividades econômicas por meio do uso racional da natureza (Ribeiro, 2016, p. 63). Em 2013, moravam na área 1.299 pessoas segundo levantamento realizado pela Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Amapá, constatando um grande crescimento populacional nos últimos anos. Essas pessoas vivem em condições de vulnerabilidade social, com a falta de serviços públicos básicos, gerando um ambiente propício a práticas ilícitas como o tráfico de drogas (Santos; Medeiros, 2015, p. 52)

A partir do início da década de 1990 começam a ser construídas na rodovia condomínios e conjuntos habitacionais que trazem um aumento no fluxo de carros na rodovia, o que culminou com a sua duplicação, em 1996. Santos (2016, p. 104) coloca que a Rodovia Juscelino Kubistchek expressa parte do processo de descentralização da produção do espaço urbano das cidades de Macapá e Santana. É interessante salientar que, recentemente a rodovia teve seu nome alterado pela Assembleia Legislativa do Amapá por meio da lei 2582/21, em homenagem ao empresário Josmar Chaves Pinto, responsável na década de 1990 pela obra de duplicação da Rodovia que agora leva seu nome.

## 2.2 PANORAMA ATUAL

Criada, originalmente, como Distrito de Macapá, Fazendinha tornou-se bairro em 2021, somado a isso as subdivisões do então distrito também se tornaram bairros: Chefe Clodoaldo, Vale Verde, Murici e Igarapé da Fortaleza. Um dos motivos é o aumento populacional da área e do processo de conurbação na rodovia AP-10 (Macapá, 2021). Atravessando o Igarapé, temos do lado santanense o bairro Fortaleza, que por um período foi distrito do município de Santana (Santana, 2006). Para fins desse estudo consideramos a área do Igarapé da Fortaleza (Figura 02), tanto o bairro do Igarapé da Fortaleza em Macapá, como o bairro Fortaleza em Santana.

Figura 02 - Mapa de localização da área de estudo



É importante destacar algumas características atuais do Igarapé da Fortaleza (Figura 3). Por ser uma área às margens de um rio navegável próximo à capital, e que dá acesso ao rio Amazonas, o fluxo de embarcações transportando pessoas e mercadorias é constante. Muitas famílias moradoras da área possuem relações com comunidades ribeirinhas paraenses. Como assinalam Takiyama *et al* (2003, p. 83). “a relação com o Estado do Pará não perdeu a sua intensidade mesmo com o desmembramento destas terras para a constituição de um novo Território Federativo”

Figura 03 - Igarapé da Fortaleza



Fonte: Silva Júnior (2023).

Dessa forma, as atividades de comércio e transporte são muito significativas economicamente para a área. Enquanto parte da margem esquerda possui ocupações com casas, algumas delas dentro da APA da Fazendinha, a margem direita na intersecção com a Rodovia Salvador Diniz possui um porto (Figura 03) onde as produções de açaí, peixe, camarão são descarregadas para serem comercializadas em Macapá e Santana. Há, inclusive, uma concentração de estabelecimentos (Figura 04) que comercializam pescado e açaí bem próximo ao porto.

Figura 04 - Comércios na Rodovia Salvador Diniz



Fonte: autoria própria, 2023

Esse ponto privilegiado foi escolhido por uma empresa de beneficiamento de açaí, Sambazon (figura 05), que, em 2006, se instalou na área, onde cerca de 80 funcionários trabalham na transformação das frutas em polpa (Bezerra, 2016, p. 147).

Figura 05 - Fábrica de açaí



Fonte: autoria própria, 2023

Além do escoamento da produção de açaí, advinda de outras áreas do estado do Amapá e do Arquipélago do Marajó, há também o extrativismo de açaí no Igarapé da Fortaleza. Em virtude das características do meio físico, com terrenos inundáveis com a predominância de vegetação herbácea e florestas de várzea que sofrem forte

influência fluvial da maré do Rio Amazonas e da alta densidade pluviométrica típica do clima amazônico, com facilidade são encontrados açazeiros (*Euterpe oleracea*) (figura 06), além de outras espécies típicas como o pau-mulato (*Calycophyllum spruceanum*), seringueira (*Hevea brasiliensis*), andiroba (*Carapa guianensis*) e pracuúba (*Mora paraensis*) (Santos; Medeiros, 2015, p. 52; Silva; Dos Santos, 2022, p. 133).

Figura 06 - Açazeiros



Fonte: autoria própria, 2023

Outra atividade desenvolvida na área é o extrativismo mineral, com a produção de telhas e tijolos nas muitas olarias que retiram argila das áreas de várzea e das ressacas (Takiyama et al, 2003, p. 83). Em menor quantidade há ainda na área atividade de pesca, criação de animais e agricultura familiar (Nunes; Coelho; Euler, 2020, p. 1).

Em virtude da ocupação para a moradia e para o desenvolvimento das atividades mencionadas anteriormente, houve a supressão vegetal e a geração de resíduos poluentes (figura 07) que afetam o curso hídrico, o ciclo natural das espécies e o microclima da área (Nunes; Coelho; Euler, 2020, p. 1; Santos; Medeiros, 2015, p. 52).

Isso afeta negativamente na conservação da bacia do igarapé, já que esse conecta os ambientes a um curso d'água principal, sendo conduzidos pela dinâmica do Rio Amazonas e, influenciados a partir do ciclo hidrológico responsável pelas inundações regulares nos campos inundáveis e floresta de várzea. (Nunes; Coelho; Euler, 2020, p. 1).

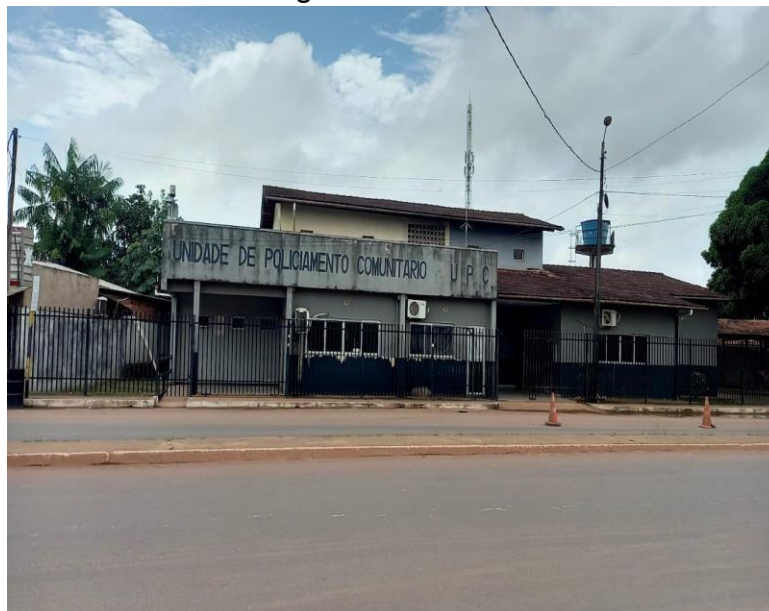
Figura 07 - Entulho acumulado na entrada da APA da Fazendinha



Fonte: autoria própria, 2023

A intensa dinâmica e o gradativo aumento populacional na área limítrofe entre Macapá e Santana demandou a criação de aparato público que pudesse satisfazer as necessidades da população. Atualmente a área do Igarapé da Fortaleza dispõe de posto policial (figura 08), posto de saúde (figura 09), centro comunitário, arena esportiva e escolas.

Figura 08 - Posto Policial



Fonte: autoria própria, 2023

Figura 09 - Posto de Saúde



Fonte: autoria própria, 2023

Com relação à estrutura educacional há na área seis escolas (Quadro 2) que atendem a população do Igarapé da Fortaleza e de bairros próximos.

Quadro 02 - Escolas do Igarapé da Fortaleza

<b>Nome da Escola</b>	<b>Níveis de Ensino</b>	<b>Modalidades de Ensino</b>	<b>Administração</b>
Creche Igarapé da Fortaleza	Educação Infantil	Regular	Prefeitura de Santana
Escola Municipal Igarapé da Fortaleza	Ensino Fundamental – Anos Iniciais	Regular	Prefeitura de Macapá
Escola Estadual Ana Dias	Ensino Fundamental – Anos Iniciais	Regular	Governo do Estado do Amapá
Escola Estadual Margarida Rocha (figura 10)	Ensino Fundamental – Anos Iniciais	Regular	Governo do Estado do Amapá
Escola Municipal Piauí (figura 11)	Ensino Fundamental – Anos Finais	Regular e EJA	Prefeitura de Macapá
Escola Estadual Igarapé da Fortaleza	Ensino Fundamental – Anos Finais Ensino Médio	Regular	Governo do Estado do Amapá

Fonte: autoria própria (2023)

Figura 10 - Escola Estadual Margarida Rocha



Fonte: autoria própria, 2023

Figura 11 - Escola Municipal Piauí



Fonte: autoria própria, 2023

### 2.3 ESCOLA ESTADUAL IGARAPÉ DA FORTALEZA

A criação da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza decorreu da reivindicação da comunidade da área, a partir de 1994, liderada pelo Sr. José Belo Lobato, que solicitava a criação de uma escola que pudesse atender aos estudantes de Ensino Médio. Até aquela época havia apenas escolas de Ensino fundamental na área (Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, 2018, p. 5). No entanto, a concretização da implantação e funcionamento da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, realizou-se somente, mediante ao conjunto de políticas do Governo do Estado do Amapá, na gestão do Governador João Alberto Rodrigues Capiberibe, pelo Decreto n° 0438 de 15 de Fevereiro de 2001 do Governo do Estado do Amapá, que oficializou a criação e a denominação da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, sendo inaugurada em 21 de abril de 2001 e suas atividades letivas iniciadas em 02 de maio do mesmo ano (Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, 2018, p. 5).

A Escola Estadual Igarapé da Fortaleza está localizada na Rua Rio Matapi, número 121, no Bairro Fortaleza em Santana. O nome da Escola se originou da denominação do próprio bairro e do Igarapé que se constitui como limítrofe entre os municípios de Macapá e Santana, que, por sua vez, faz referência às antigas

fortificações construídas na área, primeiramente pelos ingleses e posteriormente por portugueses.

No Projeto Político Pedagógico da escola (2018) consta que

O bairro Igarapé da Fortaleza tem como característica principal, o setor extrativista, pesca e venda de açafá. A comunidade, na sua maioria, é oriunda das localidades ribeirinhas, que vêm estudar e trabalhar em nosso Estado. Salientamos que, em razão da sua origem humilde, o nosso bairro tem como peculiaridade o trato amável com as pessoas, lembrando aquele jeito interiorano de ser e de viver. Os moradores da comunidade têm como principal encontro de lazer a Arena da Fortaleza, um lugar das práticas esportivas locais. Existe também um Centro Comunitário, que atualmente está abandonado e que poderia ofertar atividades educacionais e de lazer para os moradores (Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, 2018).

Dessa forma, compreendemos que a equipe elaboradora conhecia, de certa forma, o contexto socioeconômico no qual a escola se encontra inserida. No texto do documento, consta, inclusive, a ideia de que a escola oportunizou a escolarização de diferentes gerações de pessoas da comunidade. Como até então não era ofertado a modalidade de Ensino Médio na área, muitos só puderam concluir a Educação Básica com o início das atividades da escola. No mesmo ano letivo, filhos, pais e avós estavam matriculados (Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, 2018).

Desde sua inauguração ao ano de 2020 a escola funcionava nos turnos manhã, tarde e noite e atendia os níveis fundamental, médio regular e médio na modalidade de Educação de Jovens Adultos – EJA, com cerca de treze turmas por turno, totalizando cerca de mil estudantes anualmente. À época a escola possuía como espaços utilizados para as aulas, treze salas de aula, laboratório de informática, sala de leitura, biblioteca, AEE, quadra esportiva e piscina.

Em 2020, após audiência pública com a comunidade, a escola passou para o programa de gestão compartilhada entre a Secretaria de Estado da Educação e a Polícia Militar do Estado do Amapá. Com essa mudança, a EJA deixou de ser ofertada, e a escola passou a oferecer somente o Ensino Fundamental nos turnos manhã e tarde e o Ensino Médio no turno da tarde, com quinze salas de aula em cada turno. A mudança de gestão ocorreu no mesmo contexto de reforma da escola, o laboratório de informática foi desativado e a sala de leitura passou a funcionar no mesmo ambiente que a biblioteca, o que possibilitou a ampliação de treze para quinze salas de aula.

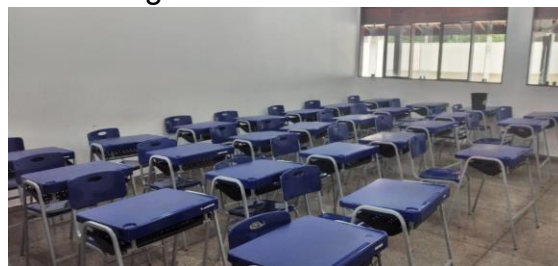
Durante a realização da pesquisa de campo, foi possível notar que a escola possui ampla infraestrutura com ambientes climatizados e mobiliário em bom estado. As figuras de 12 a 17 que retratam parte da estrutura da escola.

Figura 12 - Fachada da escola



Fonte: autoria própria, 2022

Figura 13 - Sala de aula



Fonte: autoria própria, 2022

Figura 14 - Piscina



Fonte: autoria própria, 2022

Figura 15 - Quadra esportiva



Fonte: autoria própria, 2022

Figura 16 - Biblioteca



Fonte: autoria própria, 2022

Figura 17 - Refeitório



Fonte: autoria própria, 2022

A partir da mudança de gestão da escola, foi estabelecido pelo estado um processo seletivo, via cadastro e sorteio, para ingresso de estudantes a partir do 6º ano do Ensino Fundamental. Dessa forma, em 2020, foi aberto edital de ingresso, onde 70% das vagas ofertadas para o 6º ano eram reservadas à comunidade, enquanto os

restantes 30% sorteados para a ampla concorrência (Amapá, 2020). Nos anos seguintes o processo seletivo seguiu os mesmos moldes. As vagas das demais séries do Ensino Fundamental, bem como as do Ensino Médio não são disponibilizadas para o processo seletivo, visto que conforme a promoção de série os próprios estudantes da escola as ocupam.

De acordo com informações do Ministério da Educação, disponíveis no aplicativo “Clique Escola”, a escola possuía vinte e nove docentes lecionando para o Ensino Fundamental e vinte e seis para o Ensino médio, todos com formação em nível superior, contudo durante a realização da pesquisa, pude identificar que a escola não estava com toda sua necessidade atendida, visto que os estudantes do Ensino Médio estavam sem aulas de química e geografia, devido à falta de professores.

### **3 A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA POR ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

#### **3.1 A METODOLOGIA DO TRABALHO**

A Geografia é entendida como uma ciência da sociedade e natureza, que percebe e analisa os processos e as contradições do espaço geográfico. Segundo Ribas *et al.* (1998, p.110) “a paisagem geográfica é a primeira maneira para compreendermos a aparência, para enfim, chegarmos/atingirmos a essência”.

Assim, as transformações paisagísticas constituem um elemento para analisar a totalidade das ações que fazem parte do processo de produção do espaço, o que possibilita uma compreensão das contradições socioespaciais e dos conflitos sociais de classes, enquadrando essa análise dentro do método materialista histórico dialético de Marx, que será aqui utilizado para a interpretação da realidade socioespacial da área de estudo.

O estudo em pauta situa-se na área da Geografia, com enfoque nos debates sobre metodologias e práticas de ensino especificamente na utilização de rodas de conversa nas aulas desse componente curricular para analisar a compreensão da paisagem, e se caracteriza como estudo de caso por analisar um contexto específico e limitado de um indivíduo ou grupo (Gil, 2002, p. 138).

Como fase preliminar, a execução das etapas da pesquisa de campo foi realizada a apresentação do projeto ao gestor da escola para recolhimento da assinatura no termo de anuência (Apêndice A). Posteriormente, os documentos do projeto de pesquisa foram submetidos à avaliação pelo Comitê de Ética da UNIFAP, obtendo o parecer positivo Número: 5.586.093. Em seguida, foram definidos em conjunto com a coordenação pedagógica da escola, as datas e horários que a pesquisa seria realizada e entregue aos estudantes os termos de assentimento e consentimento livre e esclarecido, autorizando, assim, a participação dos sujeitos.

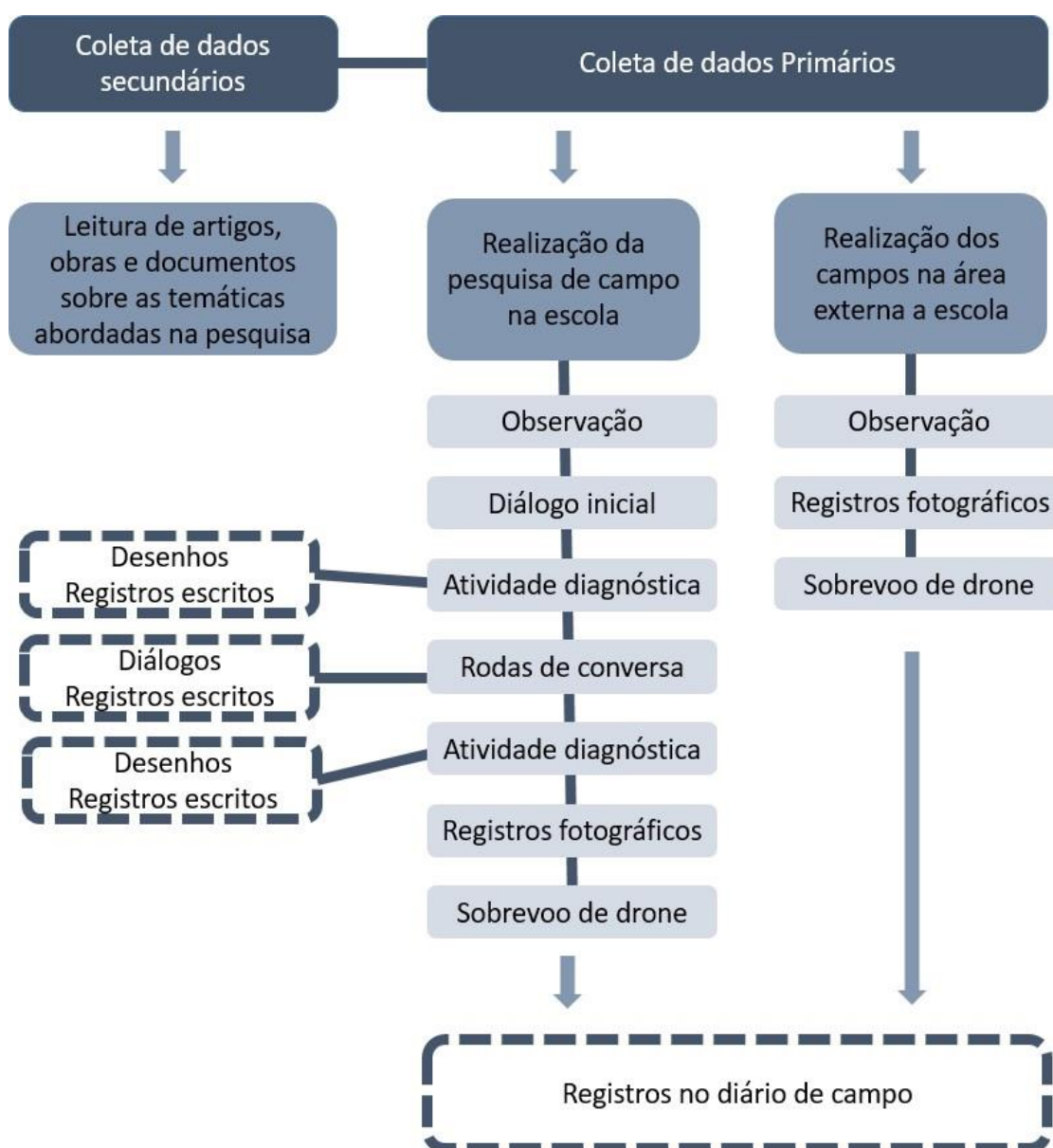
A metodologia de levantamento de dados utilizada fundamenta-se na abordagem qualitativa, visto que busca coletar e analisar informações de natureza subjetiva (Gil, 2002, p. 141). Tal subjetividade traz consigo a necessidade de utilização

de técnicas variadas para atribuir significância aos resultados da pesquisa (Gil, 2002, p. 141).

### 3.1.1 Coleta de Dados

Como levantamentos de dados, foram realizados os seguintes procedimentos: a) pesquisa para o levantamento do referencial teórico; b) pesquisa de campo tanto dentro como fora da escola, como detalhado na figura 18.

Figura 18 - Procedimentos de coleta de dados da pesquisa



Fonte: Autoria própria, 2023.

Para organizar os dados coletados, de forma a facilitar sua posterior análise foi elaborado um Diário de Campo (Apêndice A) com as seguintes informações: data, descrição da atividade, duração, materiais necessários, procedimentos atitudinais, instrumentos de coleta de dados usados na atividade, orientações dadas pela escola (no caso dos campos lá realizados), descrição do contexto no qual os dados foram levantados (nº de pessoas, organização do ambiente, interesse ou não dos sujeitos da pesquisa), descrição dos dados coletados (falas, atitudes, dinâmica da escola e da sala de aula), e o que mais chamou nossa atenção. Registrou-se também no diário as reflexões desenvolvidas a partir desses dados e as referências que fundamentam essas reflexões.

A **Observação** se deu durante todos os momentos de realização da pesquisa, observando os espaços, a forma como os estudantes interagiram entre si, com os professores, policiais e demais funcionários. Da mesma forma observou-se como ocorria a dinâmica dentro da escola, como eram os momentos de entrada, intervalo e saída, e as solicitações de saída dos estudantes em sala de aula. Também foram elementos de observação a estrutura da escola, o mobiliário e equipamentos disponíveis.

Em sala de aula, não houve o acompanhamento de ninguém da escola, visto que a turma selecionada estava sem professor do componente Geografia, o que possibilitou utilizar esses horários “vagos” para a realização da pesquisa. No primeiro contato com os estudantes realizamos uma roda de conversa para que eles se familiarizassem com a metodologia e se aplicou uma atividade diagnóstica<sup>5</sup> com as seguintes questões (Apêndice A):

1 Em que bairro e cidade você mora?

2 Em sua opinião, o bairro onde você mora localiza-se em uma área urbana/cidade ou rural /ribeirinho /campo/interior? Por quê?

3 Em sua opinião, o bairro onde fica a escola localiza-se em uma área urbana/cidade ou rural /ribeirinho/ campo /interior? Por quê?

4 Para você, o que é uma cidade? Aponte algumas características.

5 Explique o que é uma paisagem.

## 6 Desenhe uma paisagem presente no Igarapé da Fortaleza

A elaboração e a aplicação dessas perguntas teve como objetivo identificar o conceito de paisagem (Apêndice A) que os estudantes tinham construído e compreender como eles apreendiam a paisagem da área do Igarapé da Fortaleza antes das rodas de conversa, bem como fornecer elementos para estabelecer um comparativo entre o momento anterior e posterior a realização das rodas de conversa.

Foram disponibilizados materiais de desenhos (Figura 19) nos dois momentos da atividade diagnóstica para que os estudantes pudessem representar as paisagens que eles enxergavam do Igarapé da Fortaleza.

Figura 19 - Materiais de desenho disponíveis para os estudantes



Fonte: autoria própria, 2022

Já no contexto das rodas de conversa, os diálogos foram sobre o conceito de paisagem e posteriormente foram apresentadas questões para o diálogo (Apêndice A):

A - Se você tivesse poderes mágicos, o que mudaria na sua cidade?

B - Que aspectos da paisagem do Igarapé da Fortaleza chamam a sua atenção?

C - A partir do que você observa diariamente, como você descreveria a paisagem do Igarapé da Fortaleza?

D - Quais as mudanças na paisagem do bairro você considera mais significativas?

E - Você considera a paisagem do bairro igual ou diferente do centro da cidade? Por quê?

F - Quais os sons que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza? Em sua opinião, por que esses sons são tão presentes no Igarapé da Fortaleza?

G - Quais os cheiros que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza? Em sua opinião, por que esses cheiros são tão presentes no Igarapé da Fortaleza?

H - Ao analisar a paisagem que você vê cotidianamente no Igarapé da Fortaleza, quais os aspectos positivos você constata?

I - Ao analisar a paisagem que você vê cotidianamente no Igarapé da Fortaleza, quais os aspectos negativos você constata?

As rodas de conversa foram realizadas em três momentos, onde um conjunto de perguntas foi aplicado. Desde o primeiro contato com os estudantes eles foram orientados a olhar atentamente a paisagem da área do Igarapé da Fortaleza, a escola, seu entorno, e quaisquer outros aspectos que lhes chamassem a atenção pela visão, olfato e audição.

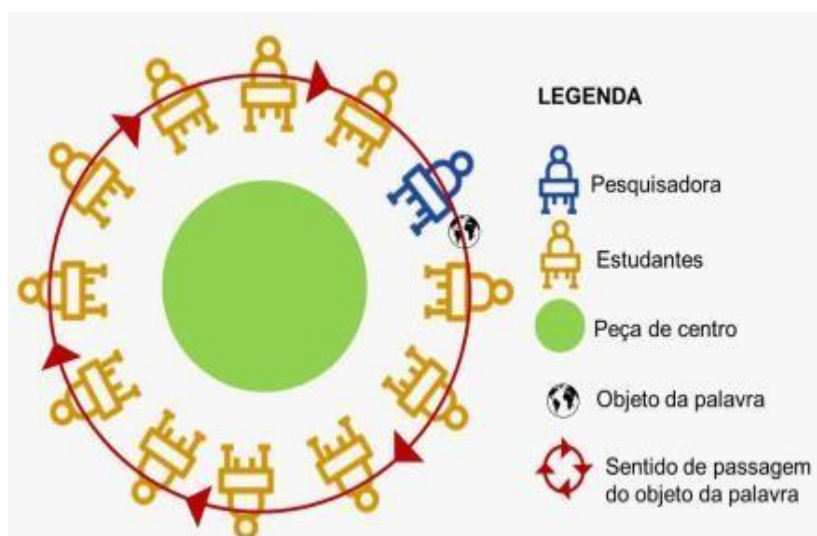
Como metodologia para realização das rodas de conversa com os estudantes utilizou-se a construção fundamentada em Boyes-Watson e Pranis (2010). A metodologia desenvolvida por elas foi pensada inicialmente para condução de círculos de construção de paz e para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, mas segundo as próprias autoras pode ser aplicada em diferentes contextos.

Na metodologia de Roda Conversa proposta por Boyes-Watson e Pranis (2010), os procedimentos para realização dos diálogos em si, consistem em:

participantes sentados em um círculo, de preferência sem móvel algum no meio com uma peça no centro, que cria um foco central para os participantes; uma cerimônia de abertura que marca o início de um espaço especial do círculo; um objeto, chamado de objeto da palavra, que é passado de pessoa para pessoa, afim de regular o fluxo do diálogo (quem fala e quando); uma cerimônia de fechamento que marca o final de um espaço especial do círculo (Boyes-Watson, C; Pranis, K, 2010, p.37)

Nesta pesquisa, pretendeu-se com a observação sistemática analisar a participação dos estudantes durante as rodas de conversa, se eles manifestam interesse ou desinteresse em participar e como eles interagem entre si, bem como suas reações diante das respostas uns dos outros.

Figura 20 - Ilustração da Roda de Conversa de acordo com a metodologia de BOYES-WATSON e PRANIS



Fonte: elaborado pela autora

Boyes-Watson e Pranis (2010, p. 38) reforçam a importância da organização geométrica em círculo e apenas com cadeiras, sem as mesas, pois esse arranjo para sentar-se:

permite que todos se enxerguem e que todos se comprometam uns com os outros frente a frente. Também cria uma sensação de foco em uma preocupação comum, sem criar a sensação de “lados.” Um círculo enfatiza igualdade e conectividade. O fato de não haver nenhuma peça de mobília no centro encoraja a presença completa e a sinceridade um para com o outro. Retirar as mesas pode ser desconfortável para as pessoas, mas é importante criar um espaço à parte do nosso jeito usual de discutir assuntos difíceis. Aumenta o comprometimento, porque toda a linguagem corporal fica óbvia para todos (Boyes-Watson; Pranis, 2010, p.38)

Pensando nesses argumentos, o ambiente onde as rodas de conversa foram realizadas foi organizado de forma circular, como mostra a figura 21.



participante deve sentir-se seguro o suficiente para falar honesta e abertamente sem desrespeitar ninguém, e:

O facilitador faz isso liderando o grupo pelo processo de identificar seus valores e diretrizes e pelo apoio para que o objeto da palavra seja usado da maneira adequada. Através das perguntas ou sugestões de tópicos, o facilitador estimula as reflexões do grupo, monitorando o tempo todo a qualidade do espaço coletivo (Boyes-Watson, C; Pranis, K, 2010, p.41)

Nos primeiros diálogos foi apresentada a metodologia aos participantes e dentre outros, foram estabelecidos com eles os seguintes acordos:

A. Seriam feitas perguntas e todos teriam a oportunidade de respondê-las, tendo atenção ao tempo, visto que a realização de cada roda de conversa teria como duração apenas 1h40;

B. Os participantes não eram obrigados a responder às questões, caso não quisessem se manifestar oralmente, bastava passar o objeto da palavra para o colega ao lado;

C. Mesmo discordando da fala do colega o respeito a fala do outro deveria prevalecer;

D. O fluxo do círculo seria respeitado e cada estudante esperaria o objeto da palavra chegar até ele para então se manifestar.

Após a realização das rodas de conversa foi reaplicada a atividade diagnóstica e finalizado o campo na escola com registros fotográficos, via câmera de celular e sobrevoo de drone, dos ambientes que a compõem.

Os campos externos à escola tomaram como base os aspectos levantados pelos estudantes. Dessa foram feitas visitas, observações e registros fotográficos via câmera de celular e sobrevoo de drone dos lugares e situações apresentados pelos estudantes.

Ao final da pesquisa de campo tivemos como produtos para análise o diário de campo, as atividades diagnósticas (antes e depois com respostas e desenhos) e os registros fotográficos.

### 3.1.2 Análise e apresentação das informações coletadas

Posteriormente à fase da coleta, os dados foram organizados e feita uma análise, comparando as respostas dos estudantes antes e após a realização das rodas de conversa, das atividades diagnósticas, e principalmente das respostas dadas às perguntas durante a roda de conversa para verificar a visão dos estudantes sujeitos da pesquisa sobre a paisagem do Igarapé da Fortaleza.

As respostas, tanto dos questionários como das rodas de conversa foram então aglutinadas por semelhança, tabuladas, e, posteriormente foram construídos gráficos enuvens de palavras que apresentam o conjunto de termos mencionados.

Visando contemplar a diversidade de respostas, se identificou na fala de cada estudante palavras centrais para serem tabuladas. Dessa forma, ao responder a pergunta sobre “Que aspectos da paisagem do Igarapé da Fortaleza chamam a sua atenção?” O estudante que respondeu “*mudaria a rua, os hospitais, saneamento básico*” teve os termos “ruas”, “hospitais” e “saneamento” tabulados.

Como metodologia de construção dos gráficos e nuvens foram realizados os seguintes procedimentos:

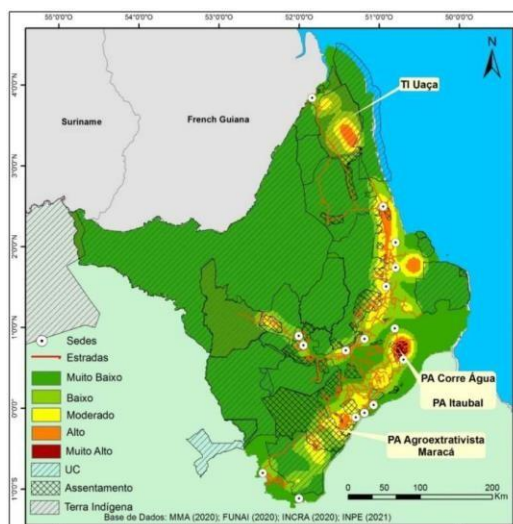
A Contagem da frequência de uma resposta;

B Para as perguntas da atividade diagnóstica e das rodas de conversa foram construídas nuvens de palavras onde a escolha do tamanho da fonte foi diretamente proporcional a frequência de ocorrência de uma resposta;

C Escolha de uma cor, baseando-se na escala de Kernel, com o verde para as respostas menos frequentes e o vermelho para as mais frequentes.

A metodologia de Kernel foi criada para a representação de mapas de focos de calor com classificação dos níveis de densidades variando de acordo com a cor e tonalidade. No mapa é plotado, por meio de métodos de interpolação, a intensidade pontual de determinado fenômeno em toda a região de estudo e, assim, tem-se uma visão geral da intensidade do processo em todas as regiões do mapa (Silva Júnior *et al.* 2021, p. 625). A figura 24 apresenta a aplicação da escala de Kernel para um mapa de focos de calor no estado do Amapá.

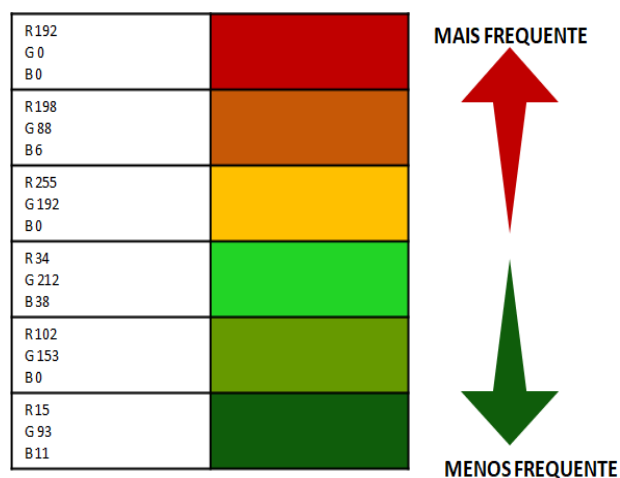
Figura 24 - Densidade de focos de calor entre 2017-2020 com áreas de uso restrito.



Fonte: Silva Júnior *et al*, 2021, p. 627.

Como se pode observar no mapa, as áreas mais quentes são representadas com tonalidades próximas do vermelho e áreas menos quentes com tonalidades próximas do verde. Foi nesse raciocínio que nos baseamos para a construção das nuvens de palavras. Palavras/expressões mais frequentes foram representadas com a tonalidade vermelha e as menos frequentes com a tonalidade verde, seguindo o conjunto de cores dentro do padrão RGB estabelecido previamente, conforme a Figura 25.

Figura 25 - Cores utilizadas para a construção da nuvem de palavras



Fonte: autoria própria, 2023

Por fim, um último ponto a destacar sobre a apresentação dos dados é sobre a identificação dos participantes. Visando preservar a identidade dos estudantes foram adotados pseudônimos para os momentos em que foi necessário trazer na íntegra as falas deles.

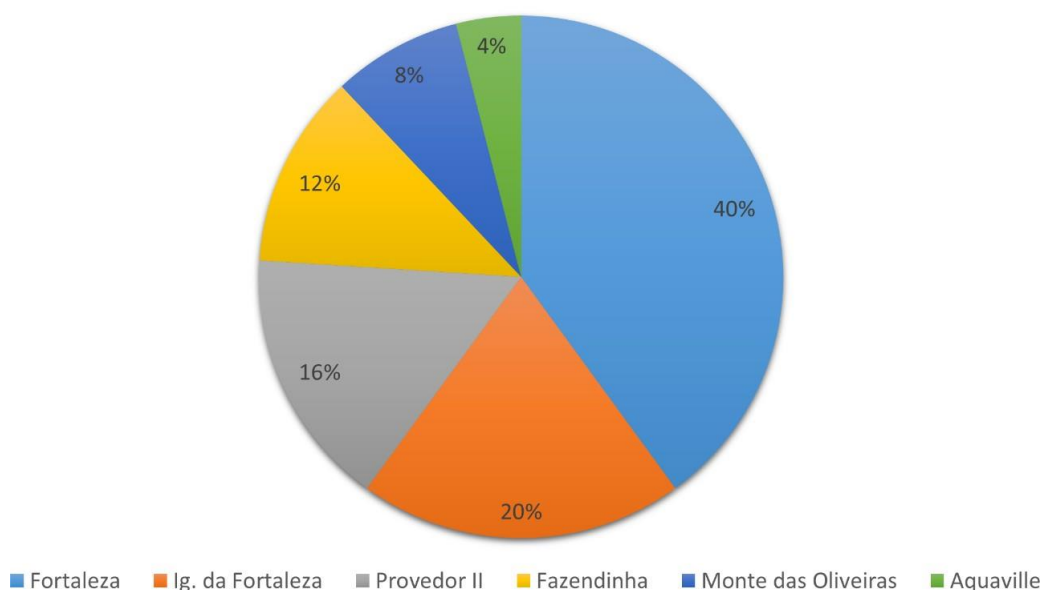
### 3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Os estudantes que participaram desta pesquisa estavam matriculados na 2ª série do Ensino Médio da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza – Fortaleza, na cidade de Santana-AP, na faixa etária de 15 e 17 anos. A escolha pela 2ª série do Ensino Médio e por estudantes nessa faixa etária teve como motivação o currículo de Geografia. Levando em consideração que a turma selecionada estava cursando o Ensino Médio, ainda com o currículo, carga horária e livro didático, sistematizados e produzidos antes da reforma do Ensino Médio, e que as discussões sobre paisagem se concentravam principalmente na 1ª série do Ensino Médio, a escolha da série foi para que independente do mês de realização da pesquisa de campo os estudantes já tivessem participado de aulas com abordagem na paisagem anteriormente.

O grupo era composto por vinte e cinco estudantes, a maioria residente na área de estudo, conforme o Gráfico 01:

Gráfico 01 - Bairro de residência dos estudantes

#### Bairro de Residência dos estudantes



Fonte: autoria própria, 2023

Podemos inferir que cerca de 60% dos participantes moram na área (Fortaleza e Igarapé da Fortaleza), 36% moram em bairros próximos à área (Provedor II, Monte das Oliveiras e Fazendinha) e apenas 4% moram em bairro distante da área (Aquaville). Em virtude de apenas um estudante não morar na área e nem em bairro próximo a ela os dados foram organizados e apresentados sem distinção da localização da moradia do estudante.

### 3.3 A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA PELOS ESTUDANTES

#### 3.3.1 Mudando a cidade em um passe de mágica

A primeira pergunta realizada, com o objetivo de proporcionar um primeiro contato dos estudantes com a metodologia da roda de conversa foi: **Se você tivesse poderes mágicos, o que mudaria na sua cidade?** (Figura 26).

Figura 26 - Se você tivesse poderes mágicos, o que mudaria na sua cidade?

**Tudo Ônibus**  
**Deixaria mais bonita Fome**  
**Hospitais Asfalto Emprego**  
**Saneamento Violência**

Fonte: autoria própria, 2023

Apesar da pergunta ter sido feita para compreensão da metodologia, já foi possível notar nas respostas dos estudantes, a necessidade expressa de forma coletiva, de melhoria da infraestrutura da cidade. Os principais pontos destacados por eles foram as questões ligadas ao asfaltamento das vias, segurança, saúde, transporte público, fim da fome, geração de emprego e saneamento básico, aspectos ligados diretamente à qualidade de vida.

A ausência de asfaltamento foi o termo mais citado pelos estudantes. Nos relatos, as ruas da cidade em sua grande maioria não são asfaltadas, nas palavras da estudante Angélica ela “mudaria as ruas, porque tem muitos buracos”, fala que a estudante Jenifer concordou ao afirmar que “mudaria as ruas que são esburacadas”. Ainda relacionada a essa questão a estudante Larisse se manifestou dizendo que se tivesse essa oportunidade ela iria “tirar o mato da beira da rua (os bandidos se escondem lá). Tem muitas construções mal planejadas e acabadas”. Percebe-se pela fala dos estudantes que eles não consideram a cidade bonita e bem cuidada.

Os estudantes foram instigados a falarem sobre essas problemáticas e surgiu o seguinte relato da estudante Jenifer “mudaria os hospitais porque falta medicamentos e estão matando até crianças”. A estudante prosseguiu com o seu relato explicando que tem uma filha, de menos de dois anos. A criança esteve hospitalizada semanas antes da atividade de diálogo, e a estudante relatou que durante o período de internação, por vezes não havia a medicação necessária para o tratamento da criança.

A fome, pobreza e violência foram citados também por vários estudantes, com relatos afirmando que “acabaria com a fome, pobreza e com a violência” (Jenifer), “acabaria com a pobreza e com a violência” (Yara), “não deixaria faltar comida pra ninguém” (Angélica). Esses relatos nos levaram à seguinte reflexão: estariam os estudantes falando dessas questões, em especial da fome, porque estão atentos a realidade vivida pelo outro ou porque eles próprios sentem na pele a violência da fome? A segunda hipótese nos parece responder à questão.

Para além de um diálogo em um contexto escolar de construção de conhecimento, esse momento inicial gerou profunda conexão entre o grupo. Os relatos fortes e emocionados dos estudantes foram respeitados e validados pelo grupo, o momento nos pareceu, de certa forma um desabafo dos estudantes.

### **3.3.2 O que vejo no Igarapé da Fortaleza?**

Compreendida a metodologia que seria utilizada, o grupo foi indagado sobre o que eles apreendiam da paisagem do Igarapé da Fortaleza, inicialmente foram exploradas duas questões a partir de aspectos visuais: **Que aspectos da paisagem do Igarapé da Fortaleza chamam a sua atenção? A partir do que você observa diariamente, como você descreveria a paisagem do Igarapé da Fortaleza?**

Para a primeira questão, a Escola Estadual Igarapé da Fortaleza (“escola militar”), o rio, a rampa (porto do açai), e arena esportiva foram os termos mais mencionados pelos estudantes (figura 27).

Figura 27 - Que aspectos da paisagem do Igarapé da Fortaleza chamam a sua atenção?



Fonte: autoria própria, 2023

Na segunda questão a presença de batedeiras de açai, barcos e a descrição da área enquanto um lugar tranquilo e com paisagem bonita foram os termos mais frequentes nas respostas (figura 28).

Figura 28 - A partir do que você observa diariamente, como você descreveria a paisagem do Igarapé da Fortaleza?



Fonte: autoria própria, 2023

Nas atividades diagnósticas a presença desses lugares e a forma como os estudantes os veem foram também os aspectos mais desenhados. Foi interessante observar que enquanto alguns estudantes descreveram o lugar, observando mais aspectos ligados à paisagem ribeirinha, outros destacam outros aspectos que apresentam um caráter mais urbano, e houve ainda aqueles estudantes que descreveram uma paisagem que parece combinar aspectos urbanos e ribeirinhos, conforme pode ser notado nos trechos das falas citados na sequência:

Um lugar que tem muitas árvores, bateadeiras de açaí e uma rampa do açaí com bancas de camarão ou até mesmo peixes (Camila).

Tem barcos para passear, várias bateadeiras de açaí, o riozinho para pescar. Mas também um pouco perigoso (Fabiana).

O Igarapé da Fortaleza é um bairro muito tranquilo, tem vários prédios, uma arena, e um comércio chamado mix e tem um lugar perto da rodovia que é muito legal de fazer festa (Patrícia).

É bem movimentado. As casas mudaram muito e começou a chegar muitos moradores e o bairro começou a ficar bastante movimentado (Emília).

Tem um rio com uma ponte em cima dividindo Macapá e Santana, bastante bateadeiras de açaí, com pontes, comércios, barcos, náuticas, escolas, é como um bairro normal e tem bastante mato (Karen).

Hoje tá calmo e asfaltado, as ruas estão mais bonitas, a escola também está mais bonita. Se o bairro tivesse mais atenção, como os outros bairros, seria mais bonito, principalmente pela rampa do açaí (Ester).

Analisando as falas dos estudantes se pode concluir que apesar dos aspectos da paisagem que chamam atenção deles terem sido praticamente os mesmos (escola, arena, ponte, porto, rio, barcos), a forma como eles enxergam e leem os lugares não é a mesma. Mais à frente essa reflexão será abordada.

### 3.3.3 Quais os sons do Igarapé da Fortaleza?

Um outro aspecto explorado sobre a forma como os estudantes compreendem a paisagem da área foi a sonoridade. Foi-lhes perguntado **Quais os sons que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza? Em sua opinião por que esses sons são tão presentes no Igarapé da Fortaleza? (Figura 29)**

Figura 29 - Quais os sons que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza?



Fonte: autoria própria, 2023.

A música alta principalmente aos finais de semana e próximo a arena esportiva (campo) foi o termo mais frequente nas respostas. Da mesma forma que nos aspectos visuais, enquanto alguns estudantes descreveram sons que remetem a uma paisagem ribeirinha (barcos, sons da maré, pássaros cantando, vento nas árvores) outros destacaram aspectos presentes na paisagem urbana (barulho de trânsito, tiro/briga). Além de questionar quais os sons presentes na área pediu-se que os estudantes argumentassem porque esses sons eram característicos do Igarapé da Fortaleza. Para os sons de barcos, náuticas e o barulho da maré os estudantes relacionaram a presença dos rios:

Os sons da água, dos barcos e dos pássaros cantando, o som do vento nas árvores. Os sons são predominantes por conta de ser um lugar que tem muitas árvores, onde tem rios (Camila).

Barcos, máquinas de náuticas, carros. Porque tem rios onde passam os barcos (Karen).

Barco, serra para construir barcos, porque fazem barco aqui (Fagner).

E para os sons de música alta, da arena e carro de som foram dadas as seguintes justificativas:

Os sons que consideram característicos do Igarapé da Fortaleza é a narração, músicas altas. Esses sons são comuns pelo fato de ter jogos nos finais de semana (Elza).

Som de música, tiro, briga. Por causa do campo que sempre tem jogo (Fabiana).

Som de um cara narrando jogo. O som é presente porque todo sábado tem jogo na arena e o cara narra (Hamilton).

Do grupo participante, vinte e quatro responderam sobre os barulhos que eles próprios ouvem. Contudo, houve uma estudante que fez o exercício de imaginar quais os sons presentes. Ela descreveu da seguinte forma:

No espaço entre a escola e a arena que são os que eu diariamente frequento, não ouço e nem sinto nada diferente. Porém a noite, imagino que os sons que predominem sejam de som da arena. Narração de jogo e música. Porque são característicos da arena em dias de jogo (Ester).

### 3.3.4 O Igarapé da Fortaleza tem cheiro de quê?

Foi explorado, ainda na compreensão sensorial quais os cheiros que os estudantes conseguiam identificar: **Quais os cheiros que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza? Em sua opinião por que esses cheiros são tão presentes no Igarapé da Fortaleza?** (Figura 30).

Figura 30 - Quais os cheiros que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza?

Frango assado **Pitiú** Poeira  
 Pão **Maconha/ cigarro** **Lixo** Peixe  
**Combustível para os barcos**  
**Fumaça** Esgoto **Camarão** Açai

Fonte: autoria própria, 2023

O lixo foi o termo mais mencionado e quando somado a frequência dos termos fumaça, pitiú<sup>8</sup>, esgoto, poeira, maconha/cigarro, percebeu-se que vinte e dois, dos vinte e cinco estudantes, descreveram cheiros que boa parte das pessoas considera

<sup>8</sup> Termo usado na região norte para se referir ao cheiro que exala dos peixes e alimentos que tem qualquer tipo de odor forte (Padovani; Soares, 2022, p. 23).

desagradável. Como justificativa para a presença desses cheiros os estudantes deram as seguintes explicações:

O cheiro é de esgoto, de lixo nas ruas. É presente porque a população não ajuda a melhorar o bairro (Jéssica)

Gasolina, poeira, pão, fumaça, pitiú de camarão. Os barcos passam e soltam fumaça que cheira a gasolina. Onde moro tem náutica perto e banca de venda de camarão (Karen).

Peixe, pitiú, gasolina queimada. Porque tem pessoas que trabalham na rua vendendo peixe e camarão (Fagner).

O cheiro é de fumaça da olaria. Porque é constante o cheiro de fumaça e pelo fato de fazerem tijolos (Elza).

Um outro cheiro presente na fala dos estudantes foi o cheiro de açai. Dentre as justificativas apresentadas por eles foi que um dos principais produtos desembarcados no porto ser o fruto, e soma-se a isso o fato de estar instalada na área uma fábrica de beneficiamento de açai.

### 3.3.5 O que tem mudado no Igarapé da Fortaleza?

Sobre as mudanças observadas na área, dialogada a partir da questão **Quais as mudanças na paisagem do bairro você considera mais significativas? (figura 31)**, os estudantes pontuaram os seguintes aspectos:

Figura 31 - Quais as mudanças na paisagem do bairro você considera mais significativas?



Fonte: autoria própria, 2023

Como pode-se observar foram pontuadas principalmente as reformas ocorridas nos últimos cinco anos: reforma da escola, da arena, da ponte e do porto, que trouxeram consigo outras mudanças apontadas como positivas pelos estudantes como o asfaltamento das vias próximas à escola e arena e a troca de postes de energia.

### 3.3.6 “Vou lá em Santana”

Um outro questionamento levado para o diálogo foi sobre a diferença e semelhança com o centro da cidade de Santana com a seguinte pergunta: **Você considera a paisagem do bairro igual ou diferente do centro da cidade? Por quê?** No caso dessa pergunta vinte e quatro estudantes responderam “é diferente”, então foi questionado o porquê de eles considerarem diferente (Figura 32).

Figura 32 - Por que você considera a paisagem do bairro diferente do centro da cidade?

Cotidiano é diferente      Lá é grande / aqui é pequeno

**Aqui tem barcos**  
Aqui tem famílias que moram

**Lá é mais movimentado**

Porque aqui tem um porto      **Lá é mais urbanizado**      Lá tem mais trânsito

**Lá tem mais opções de lojas**

O estilo das casas é diferente      No centro tem mais opções de lazer      Aqui tá mais perto da natureza

Fonte: autoria própria, 2023

A expressão “lá é mais movimentado” esteve presente nas respostas de treze estudantes e vários pontuaram questões ligadas à urbanização e à disponibilidade de serviços. A distância entre o Igarapé da Fortaleza e o centro comercial de Santana é de cerca de 4,5Km que pode ser percorrido de carro em sete minutos e de ônibus em dez minutos. Assim nas respostas de vários estudantes eles se referiam ao “centro comercial” como “Santana”:

Pois em Santana existem muitas opções de lojas, supermercados, etc, e no bairro são poucas coisas que temos. Também tem um porto aqui onde tem entrada e saída de barcos (Angélica).

Santana é mais evoluída e tem menos natureza que o Igarapé da Fortaleza (Yara).

O estilo das casas e lojas e o cotidiano das pessoas em Santana é mais agitado e aqui tem barcos (Larisse).

Dialogando sobre esse aspecto foi solicitado que algum deles explicasse porque falavam daquela forma. O tempo destinado a atividade encerrou e foi solicitado que eles conversassem em casa sobre essa questão do “lá em Santana”. No encontro seguinte, foi retomado o diálogo e um dos estudantes apresentou a seguinte explicação:

A minha mãe falou que antigamente era muito ruim ir pro centro tanto de Santana como de Macapá, havia poucos ônibus e demorava muito. Daqui de perto da escola até a vila Amazonas não tinha casa, era meio deserto (Fagner).

Essa resposta fez supor que um dos fatores que faz com que os estudantes ainda se refiram ao centro como Santana é a própria oralidade em casa e na comunidade: fala-se assim porque os pais falam assim e os avós falavam assim também.

O único estudante que teve uma resposta distante dos demais respondeu que achava o Igarapé da Fortaleza “parecido com o centro, pois podemos encontrar várias lojas e o trânsito é bem parecido com o centro da cidade” (Eduardo).

### **3.3.7 O que tem de bom no Igarapé da Fortaleza?**

A penúltima questão explorada nas rodas de conversa foi **Ao analisar a paisagem que você vê cotidianamente no Igarapé da Fortaleza, quais os aspectos positivos você constata?** (Figura 33)

Figura 33 - Ao analisar a paisagem que você vê cotidianamente no Igarapé da Fortaleza, quais os aspectos positivos você constata?

Posto de saúde  
**Bancas de venda de camarão e peixe**  
Movimento na rampa  
Reforma da rampa **Arena** Tem lugares bem cuidados  
Tomar banho de rio  
**Escolhinhas de esportes**  
Escola militar Lugar tranquilo Dá pra tirar açai  
**Muitas bateadeiras de açai**  
Poder pescar

Fonte: autoria própria, 2023

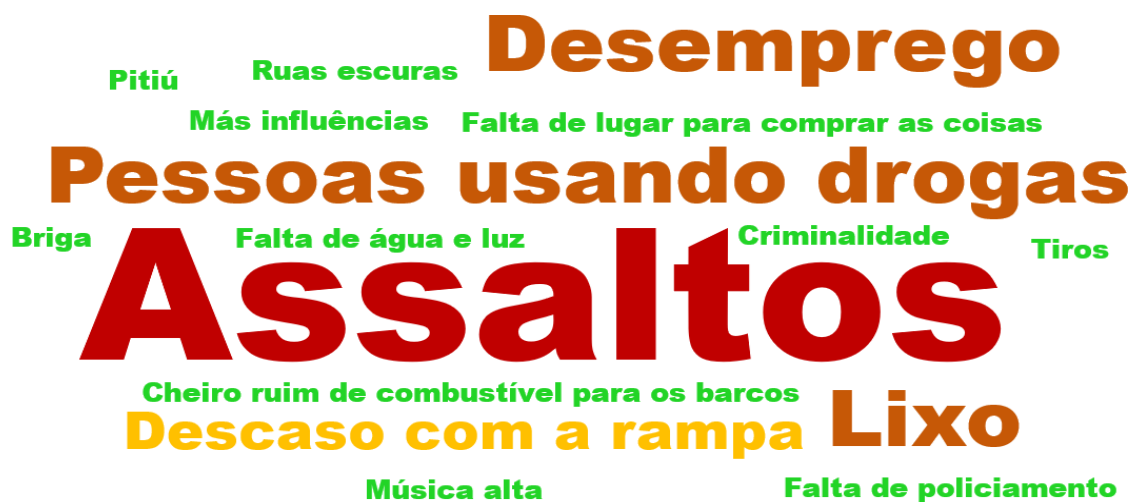
Ao dialogar sobre os aspectos positivos do Igarapé da Fortaleza foi comum nas falas dos estudantes relatos relacionados a trabalho a lazer:

A arena porque atrai muitas pessoas. Tem muitas bateadeiras de açai (Angélica).  
 Os positivos são que temos um lugar onde nós mesmos podemos tirar açai para nosso alimento e praticarmos a pesca (Camila)  
 Tomar banho de rio (Eduardo).  
 Escolinha de futebol, judô, vôlei, basquete(Fabiana).  
 Escola, escolinha de futebol, posto de saúde (Fagner).

### 3.3.8 O que tem de ruim no Igarapé da Fortaleza?

Por fim a última questão do diálogo foi “Ao analisar a paisagem que você vê cotidianamente no Igarapé da Fortaleza, quais os aspectos negativos você constata?” (figura 34)

Figura 34 - Ao analisar a paisagem que você vê cotidianamente no Igarapé da Fortaleza, quais os aspectos negativos você constata?



Fonte: autoria própria, 2023

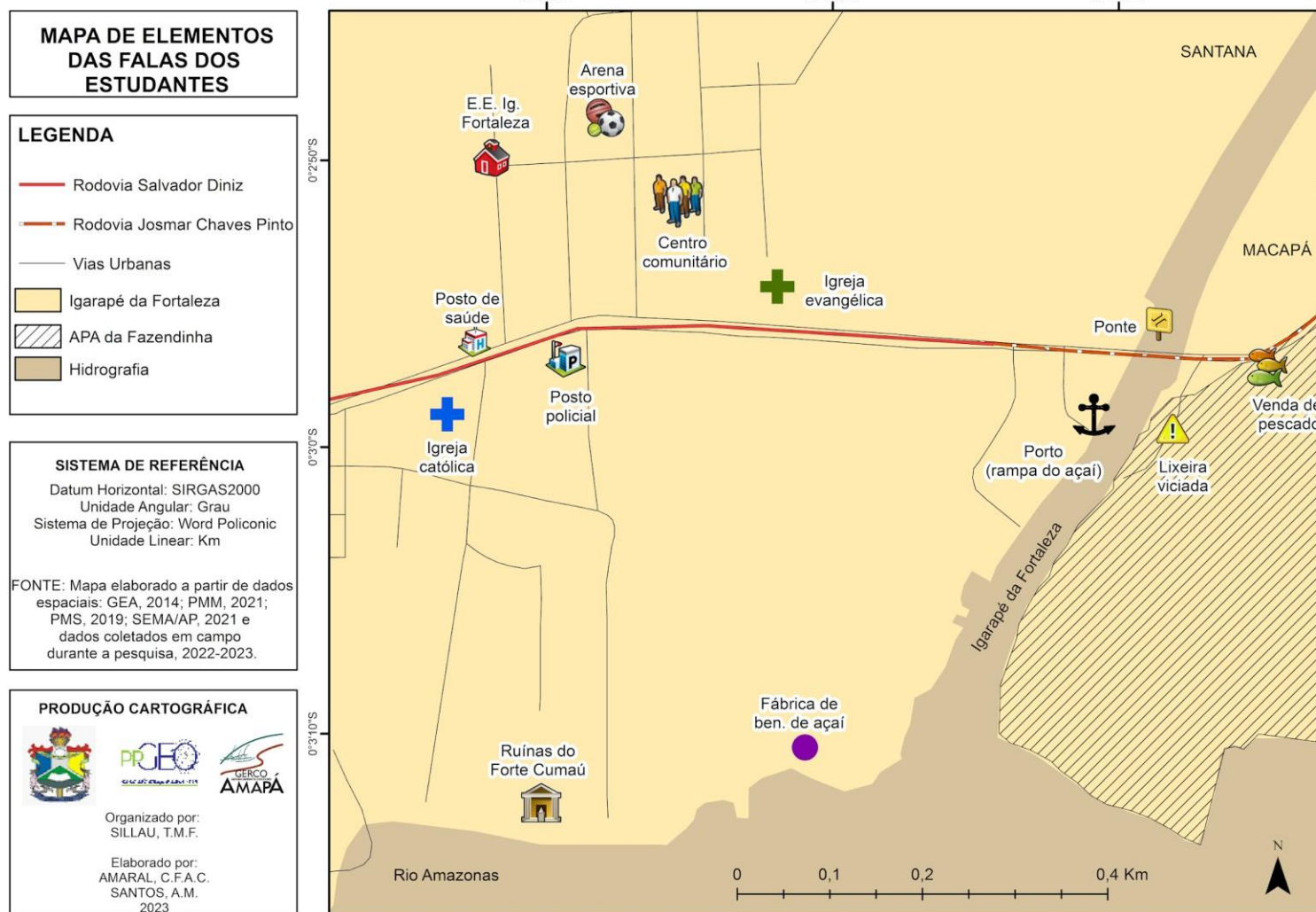
Como aspectos negativos foram pontuados principalmente situações relacionadas aos diversos tipos de violência vivenciados pela população do bairro: assaltos, consumo de drogas, desemprego, brigas, tiros, criminalidade e a falta de água e luz:

Muitos assaltos nos comércios do bairro (Angélica).  
 Os negativos são a falta de emprego e de lugares para comprar as coisas e o fato de tem muitos assaltos (Camila).  
 Seria a quantidade de pessoas usando drogas ilícitas (Elza).  
 Muita briga, pessoas usando droga. Tiro entre polícia e bandidos (Fabiana).  
 Negativo é que fica muita gente fumando maconha na beira da rua (Hamilton).  
 Lixo que jogam na rua e no igarapé da fortaleza (Isabel).  
 Aqui tem muitas pessoas que não tem emprego, às vezes a pessoa tem que vingar pra conseguir um emprego bom (Jéssica).  
 Falta de água e luz (Jenifer).

### 3.3.9 Paisagens do Igarapé da Fortaleza

A partir de todo o material coletado junto aos estudantes se refletiu não sobre qual, mas sim sobre quais as paisagens expressadas por eles. Identificamos os aspectos mais mencionados e partir disso, foi construído o mapa apresentado na Figura 35.

Figura 35 - Mapa de Elementos das Falas dos Estudantes



Se notou que os lugares mais mencionados por eles em suas falas e nas atividades diagnósticas foram: a Escola Igarapé da Fortaleza, a arena, o porto e os barcos, a ponte, as bancas de venda de peixe e camarão e os resíduos gerados, o centro comunitário, fábrica de açaí, o posto policial, o posto de saúde, as igrejas e as ruínas do Forte Cumaú. Levando em consideração que cada lugar tem inúmeras dinâmicas e que inclusive os estudantes fizeram relatos de perspectivas diferentes dos mesmos lugares, foram identificadas algumas paisagens presentes nos diálogos.

### 3.3.9.1 Paisagem da Escola Militar

A Escola Estadual Igarapé da Fortaleza se mostrou uma das paisagens marcantes para os estudantes. Em duas perguntas “Que aspectos da paisagem do Igarapé da Fortaleza chamam a sua atenção?” e “A partir do que você observa diariamente, como você descreveria a paisagem do Igarapé da Fortaleza?” a “Escola Militar (Figura 36)” foi citada por três estudantes. É importante dizer que desses três estudantes nenhum mora no Igarapé da Fortaleza, logo a paisagem da escola representa a paisagem da própria área, visto que pelo relato esses estudantes não participam de nenhuma outra dinâmica ou atividade externa a escola.

Figura 36 - Escola Militar



Fonte: Yara, 2022

Em virtude da mudança de gestão da escola, passando para a gestão compartilhada entre SEED e PM, a escola que antes era procurada somente por moradores dos bairros da área passou a ser procurada por pais de estudantes que residem em outros locais. Como se detalhou anteriormente, para garantir que a comunidade tenha acesso às vagas na escola, é feita uma reserva de 70% em um processo seletivo para o sorteio de vagas. Comumente, há lista de espera para as vagas remanescentes dos estudantes que não efetuaram a matrícula em tempo hábil. A mudança de gestão modificou inúmeros aspectos da escola, sendo importante pontuar o seguinte:

- Reforma geral de todos os espaços que compõem a escola, com a climatização das salas de aula e a substituição das janelas do tipo veneziana por “paredes de vidro”;
- Aquisição de equipamentos para serem utilizados em sala de aula como data show. Durante a pesquisa nos foi oferecido por diversas vezes esse equipamento caso necessitássemos;
- Mudança nos uniformes dos estudantes, sendo adotado um uniforme completo com camisa, calça/saia, cinto, tênis e meias, além de outro uniforme para as atividades de Educação Física, todos padronizados;
- Adoção de uma dinâmica própria de “apresentação da turma”. Em todos os dias de atividade na escola um estudante previamente designado pelo corpo militar de funcionários apresentava a turma indicando se havia algum estudante ausente;
- Adoção de espelho de classe, onde os estudantes tem os lugares definidos. Pelo relato dos estudantes sujeitos da pesquisa essa prática é mais rigorosa em relação aos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental. Nas demais séries, se a sala estiver em “ordem” eles não são chamados atenção por professores e nem funcionários;
- Mesa de suporte aos professores e estudantes onde há sempre um policial militar que controla o registro dos estudantes que vão ao banheiro e é onde está disponível também pinças e apagadores.

A estudante Ester fez a seguinte fala sobre a escola:

A escola Igarapé da Fortaleza é uma característica simbólica do bairro, a mudança de gestão e a reforma na escola conseqüentemente mudaram a paisagem do bairro e até mesmo o asfaltamento das ruas em frente à escola.

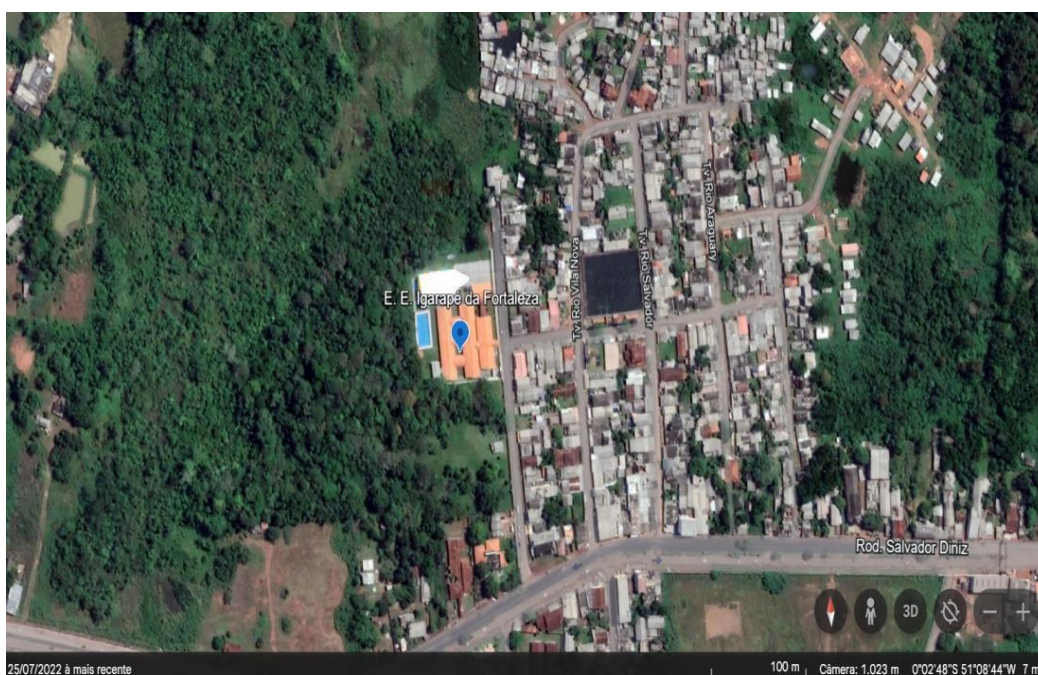
Para ela o conjunto de mudanças é visto como positivo. Contudo esse ponto de vista não representou o universo das opiniões, o estudante Dênis disse que antes “a escola era melhor”, quando perguntado por que ele achava melhor antes, ao passo que ele respondeu que “antes tinha menos regras”.

### 3.3.9.2 Paisagem da violência

A violência urbana foi comum nos relatos dos estudantes, que pontuaram aspectos relacionados ao consumo e comercialização de drogas. Nos relatos deles há “muita briga, pessoas usando droga. Tiro entre polícia e bandidos” (Fabiana), “falta de policiamento no bairro” (Patrícia) e as “pessoas usando drogas ilícitas” (Elza).

Um dos estudantes chegou a comentar sobre um assalto ocorrido dentro da escola em 2019, dialogou-se um pouco sobre isso e outros estudantes relataram outros assaltos dentro do espaço escolar. Alguns aconteceram durante o dia para roubar pertences de funcionários e estudantes; e outros à noite para furtar itens do patrimônio da escola, como botijões de gás, televisão, data show e outros equipamentos. Em todas as situações os criminosos sempre entravam na escola pelo terreno de trás visto que essa área é pouco ocupada (Figura 37).

Figura 37 - Localização e entorno da escola



Fonte: Capturado a partir do Google Earth (altitude 100m e coordenadas 0°02'48"S 51°08'44"W), 2022.

De acordo com os relatos dos sujeitos, desde que a escola passou para a gestão militar os assaltos deixaram de acontecer dentro da escola, mas para eles a violência na área não sofreu qualquer alteração positiva nos últimos anos, pelo contrário *“antes os assaltantes vinham de outro bairro, agora é diferente”* (Dênis). Como foi localizado na figura 26 há um posto policial no Igarapé da Fortaleza, mas ainda sim pelos relatos dos estudantes o clima de insegurança e medo imperam.

### 3.3.9.3 Paisagem do abandono e da poluição

Dentro do campo do abandono duas questões foram mencionadas por um grande volume de sujeitos, a falta de água e a falta de luz. Eles falaram que é muito frequente faltar água e luz no bairro. Que por vezes comerciantes de peixe e camarão perdem suas mercadorias pela falta de luz e que para solucionar o problema da falta de água muitas famílias utilizam a água de poços.

Um outro aspecto mencionado pelos estudantes foi a má conservação das ruas da área (figura 38). De acordo com eles é comum encontrar no bairro ruas sem asfalto, com poças d'água e que há muito tempo não recebem serviços de limpeza urbana das prefeituras de Macapá e Santana.

Figura 38 - Rua má conservada



Fonte: autoria própria, 2023

Foi também mencionado por muitos estudantes a ausência de saneamento no bairro e a grande quantidade de resíduos que não recebem o tratamento adequado. Foram apontados dois motivos para a presença de tanto lixo (figura 39): o descarte inapropriado de resíduos das casas, como na fala da Fabiana que relatou que na área há “cheiro de lixo podre. Porque tem vizinhos mal-educados que jogam lixo na frente de casa”; e o descarte inapropriado dos resíduos dos produtos comercializados no bairro, como descreveu Isabel, ao afirmar que é presente “o pitiú do rio. Porque jogam lixo, resto de peixe na rua e no igarapé da fortaleza”.

Figura 39 - Lixeira viciada

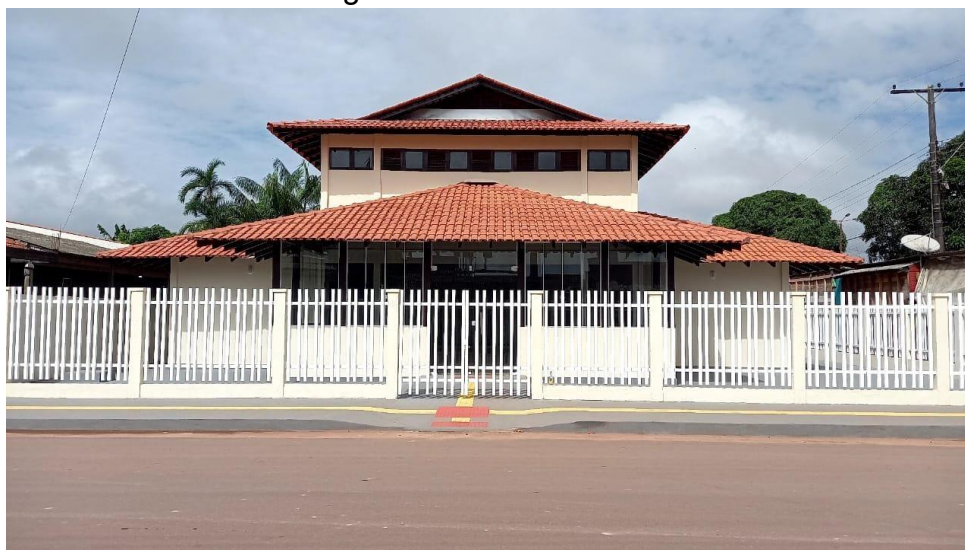


Fonte: autoria própria, 2023

#### 3.3.9.4 Paisagem da organização comunitária

Como aspecto positivo do bairro os estudantes falaram do Centro comunitário (Figura 40). Relataram que são ofertadas atividades principalmente para os jovens da comunidade com aulas de “futebol, judô, vôlei, basquete” (Fabiana).

Figura 40 - Centro comunitário



Fonte: autoria própria, 2023

O papel da organização comunitária é muito importante para o Igarapé da Fortaleza. Foi graças ao movimento da população que a escola foi criada, visto que mesmo a área tendo uma ocupação de longa data foi apenas no ano de 2001 que a escola de Ensino Médio foi criada no bairro.

Durante o período de realização da pesquisa, houve um dia que faltou luz por alguns minutos. Um estudante disse “vamos já queimar pneu”. Sempre que ocorre a suspensão do fornecimento de energia no bairro a comunidade se mobiliza e faz um bloqueio na rodovia Salvador Diniz. Uma matéria que data de período anterior ao apagão de 2020 noticia um dos bloqueios: “moradores bloquearam a Rodovia JK, entre Macapá e Santana, para protestar contra constantes falta de energia que afetam a região do Igarapé da Fortaleza. O ato deixou o tráfego de veículos congestionado no trecho” (REDE AMAZÔNICA, 2020). Uma tentativa desesperada da população da área de chamar à atenção para a situação caótica que o bairro enfrentava e cobrar uma solução.

#### 3.3.9.5 Paisagem do trabalho

Ao extrair dos diálogos os lugares e as atividades de trabalho na comunidade, foram identificadas as atividades de transporte e comércio no Porto, a venda de peixe, camarão e açaí em pontos comerciais na rodovia, a construção de barcos em pequenos estaleiros, a fábrica de beneficiamento de açaí e as atividades de venda de

alimentos na Arena nos dias de jogos. Foram relatadas também a pesca e o extrativismo de açaí.

O porto (figura 41 e figura 42), também chamado de rampa do açaí, foi identificado pelos sujeitos como uma espécie de lugar central de trabalho para a área. Lá é feita a comercialização principalmente de camarão, peixe, açaí e algumas frutas e verduras em menor quantidade. A rampa e o movimento de pessoas nela foram colocados como pontos positivos indicativos, para os estudantes, que havia pessoas trabalhando: “É na rampa em que os ribeirinhos vendem seu açaí” (Glória) e é positivo ver a “rampa cheia de embarcações chegando” (Isabel). Além do comércio há também o transporte de passageiros.

Figura 41- Rampa do Açaí – visão oblíqua



Fonte: Silva Júnior, 2023

Figura 42 - Rampa do Açai – visão frontal



Fonte: autoria própria, 2023

De acordo com os estudantes apesar da importância do porto por muito tempo ele funcionou em condições precárias, que chegou a cair com a força da água e o desgaste do uso, como é possível ver no relato da estudante Fabiana que disse que “a rampa era diferente, ela caiu e reconstruíram”.

Os pontos comerciais (figura 43) para venda de peixe, camarão e açai, próximos a ponte sobre o Igarapé da Fortaleza, foram descritos como um aspecto positivo da paisagem do bairro:

É que aqui tem muitas casas que vendem açai pra conseguir o sustento, e aqui tem empregos tipo vendedor de camarão, de peixe, de roupas, de redes, de artesanato(Jéssica);  
Aqui tem muita bateadeira de açai, muita banca de camarão que as pessoas trabalham (Jenifer).

Figura 34 - Pontos comerciais



Fonte: Hamilton, 2022

Devido ao intenso fluxo de embarcações no Igarapé da Fortaleza há várias náuticas e estaleiros na área. Nas náuticas ficam ancoradas ou guardadas as embarcações e nos estaleiros são construídas (figura 44) e feita a manutenção das embarcações. Isso é tão presente que os sons dessas atividades foram colocados como característicos da área por dois estudantes: “som de barco, serra para construir barcos, porque fazem barco aqui” pelo Fagner e “o som de serra porque tem várias náuticas” pela Karen.

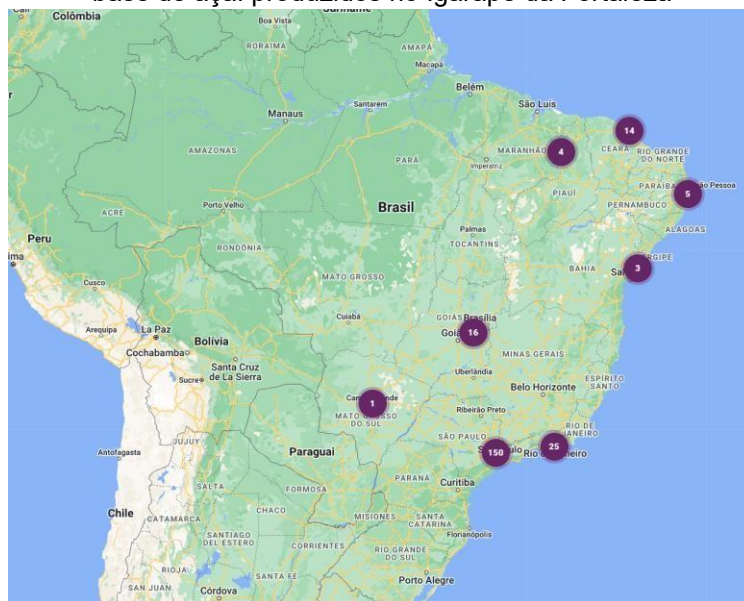
Figura 44 - Embarcação sendo construída por morador da área



Fonte: autoria própria, 2023

Apesar de não ter sido trazida para o diálogo de forma mais ampla, a presença de uma fábrica de beneficiamento de açaí foi mencionada pelos estudantes. De acordo com eles alguns membros da comunidade trabalham na fábrica produzindo polpa e sorvete de açaí que é comercializado em outros estados do Brasil (figura 45) e exportado também para os Estados Unidos.

Figura 45 - Localização das lojas que comercializam os produtos a base de açaí produzidos no Igarapé da Fortaleza



Fonte: SAMBAZON, 2023

Sobre as atividades de trabalho na arena (figura 46) foram feitos os seguintes relatos: Eduardo falou que “tem cheiro de Frango assado na arena, porque as pessoas vendem lá” e a Ester complementou “um cheiro marcante é o da comida da arena em dia de jogo. O cheiro por conta dos trabalhadores que trabalham com venda de lanches”. Durante o campo externo foi realizada uma visita a arena em um dia de jogo, havia pessoas vendendo bebidas e alimentos como pipoca, espetinhos de churrasco e batata frita. Inclusive foi possível identificar que alguns dos trabalhadores dessas vendas eram estudantes da escola.

Figura 46 - Arena Esportiva



Fonte: autoria própria, 2023

Por fim é importante destacar que na paisagem do trabalho os estudantes pontuaram o fato de poderem realizar o extrativismo de açaí (figura 47) e a pesca na área, e que esses são alimentos usados tanto para a comercialização quanto para subsistência: “é bom porque tem o riozinho para pescar” (Fabiana); “temos um lugar onde nós mesmos podemos tirar açaí para nosso alimento e praticarmos a pesca” (Camila).

Figura 47 - Extrativismo de açaí



Fonte: Elza, 2022

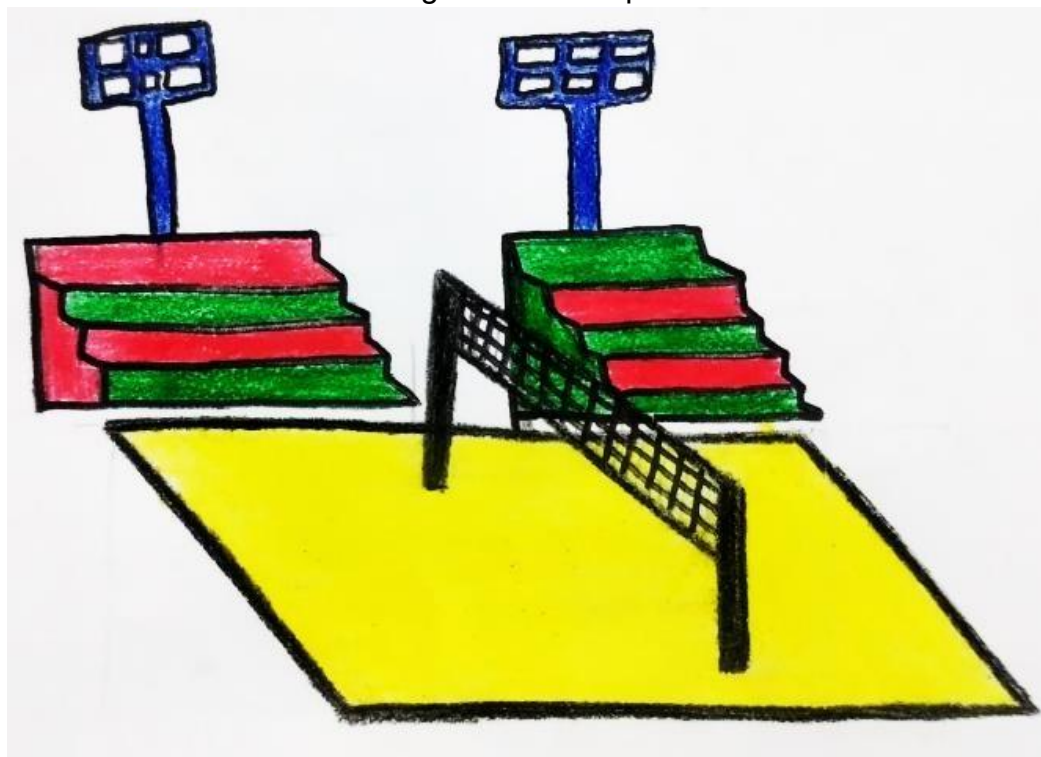
### 3.3.9.6 Paisagem do lazer

A Arena Esportiva (figuras 48), presente no bairro foi o local mais falado pelos estudantes como espaço onde eles praticam atividades de lazer. Inclusive nas atividades de desenho sete estudantes fizeram representações dessa arena como sendo uma paisagem presente no Igarapé da Fortaleza. Durante o período de realização da pesquisa foi notado que de noite, nos dias em que eram realizados jogos, a arena atraía muitas pessoas. Em 2022, a arena foi reformada e instalada grama sintética, fato também mencionado por vários estudantes.

Questionou-se o porquê deles mencionaram com tanta frequência a arena, ao passo que o grupo respondeu que “é só lá que tem alguma coisa pra fazer a noite”. A estudante Angélica acrescentou que “a arena atrai muitas pessoas” e o estudante

Hamilton colocou que algo muito característico da arena era o “som de um cara narrando jogo. O som é presente porque todo sábado tem jogo na arena e o cara narra”.

Figura 48 - Campo



Fonte: Dênis, 2022

E essa menção da ausência de atividades de lazer no bairro por vezes foi tema de diálogos entre os professores da escola, visto que no bairro não há nenhuma outra praça ou complexo voltado as atividades de lazer.

Se a arena era o ponto de lazer a noite, questionamos qual seria o ponto de lazer de dia. Os rios para tomar banho e passear de barco foram então mencionados. Um dos estudantes ao representar uma paisagem do bairro desenhou uma ponte de madeira (Figura 49), que no campo externos se mostrou muito presente na área, principalmente na margem esquerda do Igarapé da Fortaleza, que são utilizados não só para lazer, mas para o atracamento de pequenas embarcações.

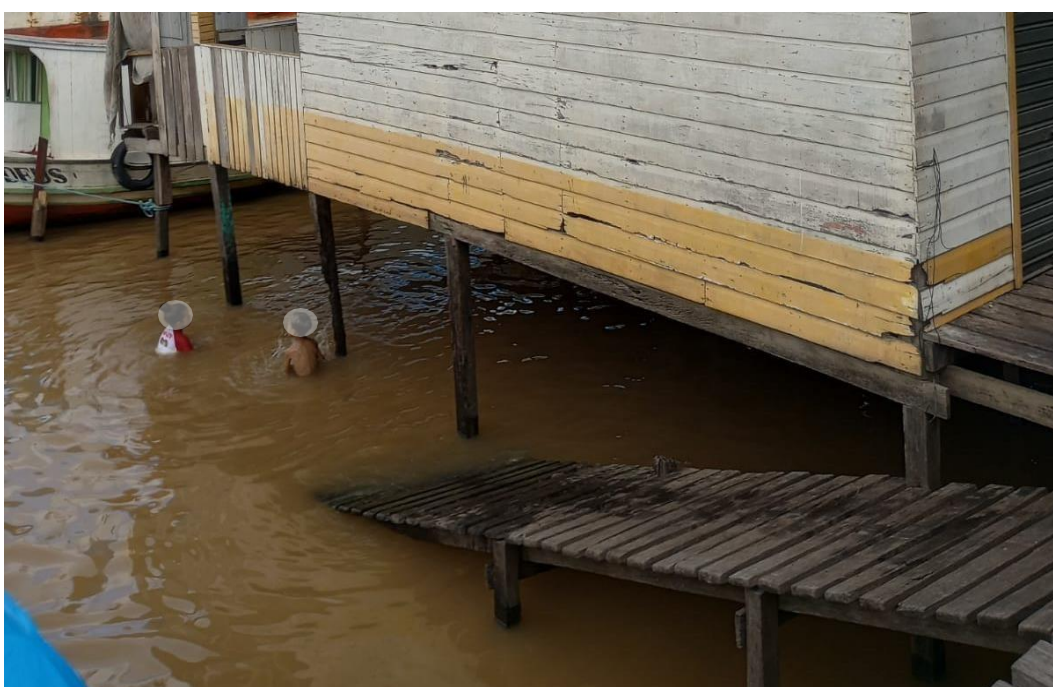
Figura 49 - Ponte de madeira



Fonte: Angélica, 2022

Ainda nas atividades de campo externas a escola, foram avistadas, em diversos momentos, pessoas da comunidade se banhando no Igarapé da Fortaleza (Figura 50)

Figura 50 - Crianças tomando banho no Igarapé da Fortaleza



Fonte: autoria própria, 2023

Essa atividade de lazer, de tomar banho de rio, na área de estudo por diversas vezes, foi inclusive vivenciada por mim. Nos nove anos que lecionei na escola foram muitos os momentos em que participei com os estudantes de passeios, seja no Igarapé da Fortaleza em um balneário particular (que pode ser acessado pelo ramal ao lado do parque de exposições da Fazendinha), seja numa área dentro da APA da Fazendinha denominada “prainha” (que para se chegar é necessário pegar uma embarcação).

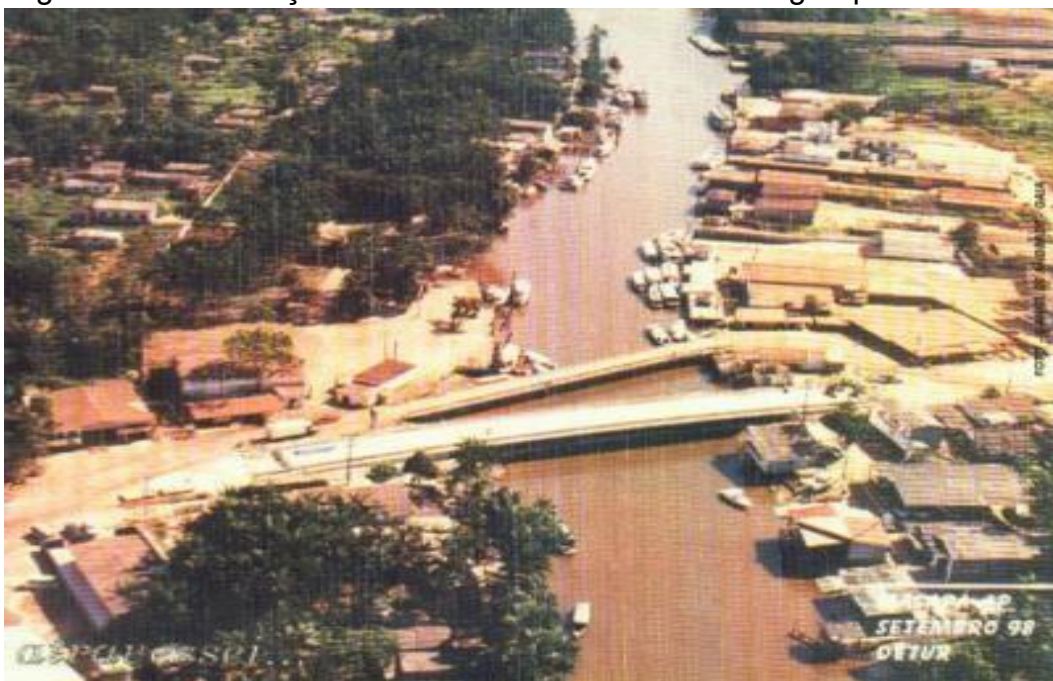
### 3.3.9.7 Paisagem do passado

Se denominou de “paisagem do passado” os elementos da paisagem que mesmo não sendo observados e sentidos pelos estudantes estiveram de alguma forma presentes em seus relatos.

O primeiro elemento foi o Forte Cumaú (ou Forte de Santo Antônio). Quando perguntamos aos sujeitos quais as mudanças ocorridas no bairro a estudante Larisse deu a seguinte resposta “o asfalto em algumas ruas, os ônibus que vão até o bairro e antes o ônibus ia só até perto de onde está o Forte Cumaú”. Tentou-se seguir o fluxo da roda para que todos respondessem ao questionamento, contudo alguns estudantes manifestaram curiosidade sobre forte. Precisou-se interromper a roda por um breve momento e explicamos de forma simples a existência do forte, sua localização, quem o construiu e o porquê de ter sido construído. Finalizou-se explicando que o nome do igarapé, da área e da escola é em referência a esse forte. Pedimos então que o grupo, principalmente os que moram na área, falassem sobre o forte. Nenhum dos estudantes afirmou ter ido ao lugar, porém cinco relataram que alguém da família sabe onde é.

Um outro elemento do passado trazido na fala foi a antiga ponte de madeira sobre o Igarapé da Fortaleza. Ainda na pergunta sobre as mudanças a estudante Camila falou da “mudança da ponte de madeira para a de concreto, e as ruas que eram de terra e hoje é de asfalto, a rampa do açai que era de madeira e foi reconstruída de concreto”. A faixa etária dos estudantes é de 15 a 17 anos, contudo a ponte de concreto foi construída há vinte e cinco anos, como podemos observar na inscrição no canto inferior direito da Figura 51, o que nos leva a crer que a antiga pontede madeira é tem presente nos diálogos cotidianos entre os moradores.

Figura 51 - Construção da Ponte de Concreto sobre o Igarapé da Fortaleza



Fonte: SETUR, 1998 *apud* TOSTES, 2012

#### 3.4 CONCEPÇÕES/VISÕES DO CONCEITO DE PAISAGEM APRESENTADAS PELOS SUJEITOS

O conjunto de atividades realizadas durante a pesquisa com os estudantes possibilitou, além da identificação das paisagens do Igarapé da Fortaleza, compreender quais as concepções/visões que eles tinham a respeito dessa categoria. O Quadro 03 apresenta o conjunto de respostas dadas pelos estudantes em dois momentos diferentes, no caso antes e após as rodas de conversa. Com o objetivo de fazer uma análise mais criteriosa das respostas escritas sobre a apreensão deles do conceito de paisagem, foram consideradas apenas as respostas de nove estudantes que participaram de todos os momentos da sequência didática e que também registraram suas respostas na ficha.

Quadro 03 - Concepções de paisagem dos sujeitos da pesquisa<sup>9</sup>

<b>Nome</b>	<b>Resposta antes das Rodas de conversa</b>	<b>Resposta após das Rodas de conversa</b>
Angélica	Acredito que pra formar uma paisagem tem que ter algo bonito, então seria as árvores, o céu, um rio também.	Acredito que tudo é uma paisagem, tanto da forma que ela está exposta ou não.
Camila	Paisagem pode ser um lugar bonito ou não, onde podemos tirar fotos ou fazer passeios.	É um lugar onde podemos ver, pois tudo que vemos é paisagem ou tudo que fazemos.
Elza	É um lugar que podemos admirar, tirar as energias negativas	É algo que possamos admirar, cheirar, sentir, ouvir
Fabiana	Paisagem é tudo aquilo que nós ver e o que está em nossa volta	Paisagem não é só aquilo que nós ver, e sim aquilo que nós imagina, paisagem é dança, pessoas
Gabriela	É uma árvore, um rio, tudo aquilo que é belo	Tudo aquilo que a gente vê, sente, ouve, observa, tudo que a gente admira
Isabel	Paisagem é florestas bem verdes, flores, um ambiente limpo e bonito para que todos possam apreciar	É um ambiente belo, com flores, árvores e muitas outras coisas bonitas
Jenifer	É uma área bonita de se apreciar	Uma paisagem é onde se pode admirar, não precisa ser lindo, apenas admirado, mas também pode ser criticado
Patrícia	Paisagem é tudo que vemos	Paisagem é tudo que vemos, ouvimos, cheiramos.
Yara	É um conjunto das coisas observadas em uma área	É o conjunto de coisas do cotidiano e cenário da vida humana

Fonte: autoria própria, 2023

<sup>9</sup> As falas dos estudantes estão apresentadas na íntegra.

No momento inicial, as respostas da maioria dos estudantes estavam ligadas ao belo, aspectos do meio físico e ao aspecto visual. Em nenhuma das respostas outros aspectos da paisagem foram considerados. Essa ideia de paisagem também esteve presente quando perguntou-se “*A partir do que você observa diariamente, como você descreveria a paisagem do Igarapé da Fortaleza?*” todas as respostas foram relacionadas a aspectos visuais e a expressão “paisagem bonita” foi a mais recorrente nas respostas.

Pelas respostas observa-se que os estudantes já possuíam um conceito empírico do que era paisagem, mesmo que incompleto. Dessa forma os estudantes apresentaram de forma predominante, uma compreensão de paisagem limitada ao campo visual, descrevendo elementos que eles veem. Não esteve presente na conceituação dos estudantes uma compreensão de paisagem que compreende os elementos como marcas das relações e dinâmicas sociais. Moreira (2014, p. 35) aponta que essa leitura fragmentada provoca a perda de significado do que se vê, para o autor o próprio fato de identificar (ou não) elementos da realidade já é por si só carregado de significado.

Do ponto de vista do conceito geográfico de paisagem, tal descrição que favorece o visto a partir do campo visual, geralmente leva em consideração locais cujos atributos são mais perceptíveis, sejam pela sua beleza ou frequência observados pelos estudantes. Nas palavras de Cavalcanti (2013, p. 100), é como se para os estudantes a paisagem fosse “uma estampa de um lugar bonito”. Nessa visão, a paisagem descrita é resultado da manifestação aparente dos elementos indicados, não há uma leitura que busque entender as relações/dinâmicas que permeiam a formação dessas paisagens, não se explora a essência.

Trata-se assim de uma leitura de paisagem que se aproxima da definição do pensamento clássico da geografia sobre o conceito paisagem, em que a paisagem era entendida como “algo materializado no espaço [...] relacionado unicamente ao seu alcance visual. A ideia é de uma paisagem estética” [...] (Castrogovanni et al, 2023). Mas, como aponta Bertrand (2004), a paisagem não pode ser descrita como indicação de elementos geográficos disparatados, pois, trata-se de uma porção do espaço geográfico resultante da combinação dinâmica e instável dos elementos, antrópicos, físicos, biológicos, que agem dialeticamente um sobre os outros.

Conforme avançou-se no diálogos, a partir das rodas de conversa, percebemos que eles passaram a se posicionar de forma um pouco mais crítica sobre

as questões apresentadas. Ao descrever, por exemplo, os sons e cheiros do Igarapé da Fortaleza eles conseguiram se desvincular da ideia do “*belo*” e de “*descrição do meio físico*”. Pontuaram principalmente os sons e cheiros que mais os incomodam e nas justificativas do porquê esses sons e cheiros eram tão presentes eles trouxeram para as discussões as relações de trabalho, a violência, a desigualdade e a dinâmica socioeconômica da área. Assim, percebeu-se que além do diálogo, a mudança na fala dos estudantes estava ligada a observação da paisagem que eles passaram a fazer cotidianamente de forma mais atenta e crítica. Cavalcanti (2012, p. 181) aponta que a observação da paisagem de um lugar de vivência fornece elementos para a construção de conhecimentos referentes ao espaço nela expressos.

Em uma outra pergunta sobre as mudanças ocorridas no Igarapé da Fortaleza dois estudantes mencionaram aspectos que eles conheciam apenas a partir do relato de outras pessoas, como o Forte Cumaú e a antiga ponte de madeira que ligava Macapá a Santana. É a paisagem presente apenas na memória do outro, que persiste no discurso, mas se esvazia de significado. Essa paisagem permite apenas supor um passado, para compreender a totalidade é necessário retomar o contexto e dinâmicas em que surgiram (Santos, 2002, p. 107). Dessa forma, no caso do Forte Cumaú, mesmo alguns dos estudantes saberem de sua existência, o local foi mencionado espontaneamente apenas por um estudante, demonstrando que mesmo a existência da forma, mesmo que em ruínas, não há função social e, portanto, não possui significado para os sujeitos da pesquisa.

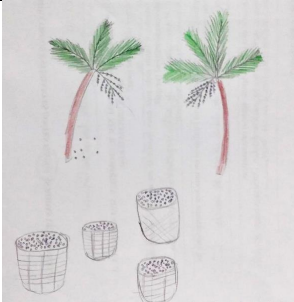
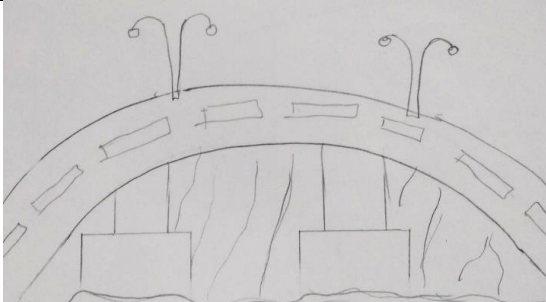
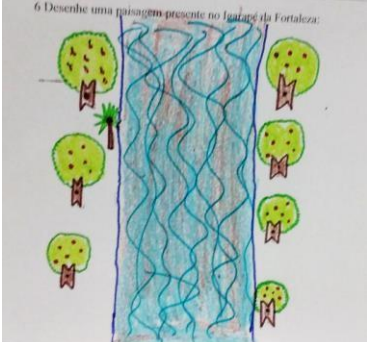
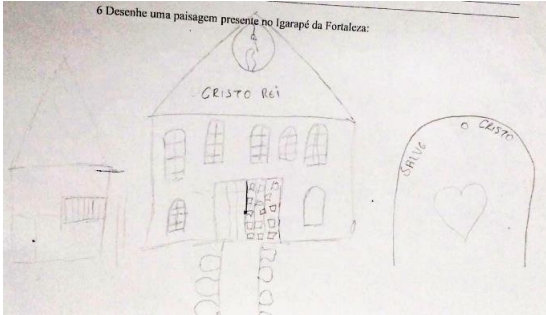

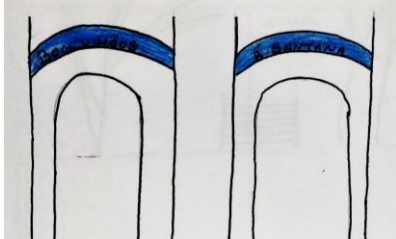
Propositadamente foram deixadas as duas perguntas sobre os aspectos positivos e negativos do bairro por último no diálogo para que eles aprofundassem ainda mais suas reflexões. Os assaltos, o desemprego, o lixo e as pessoas usando drogas foram termos mais citados pelos estudantes como aspectos negativos, da mesma forma todos os outros termos citados abordavam aspectos subjetivos da paisagem.

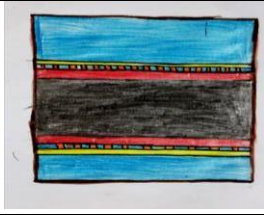

Por fim ao analisar a atividade diagnóstica realizada após as rodas de conversa, percebeu-se uma mudança na forma como os estudantes compreendiam o conceito de paisagem. Uma boa parte dos estudantes conseguiu avançar em relação ao que podemos ler da paisagem. Superaram a ideia fragmentada de ser apenas a descrição dos aspectos visuais e incluíram também a ideia de sons, cheiros e tudo que pode ser sentido. Um dos estudantes apontou a imaginação como uma estratégia de compreensão da paisagem; um outro a ideia de cotidiano vinculado à ideia de paisagem; e um relacionando a crítica a descrição que deve ser feita da paisagem. Do

grupo, apenas um dos estudantes não teve uma compreensão de paisagem diferente da manifestada no primeiro momento.

Esse contraste das concepções sobre o conceito de paisagem antes e após as rodas de conversa foi manifestado também nos desenhos produzidos pelos estudantes. Utilizando a mesma estratégia da análise das respostas escritas, selecionou-se apenas os desenhos de cinco estudantes, estabelecendo como critério eles terem participado de toda a sequência didática e terem feito tanto o desenho antes como após as rodas. O quadro 04 apresenta o conjunto de desenhos selecionados.

Quadro 04 - Desenhos das paisagens do Igarapé da Fortaleza

Nome	Resposta antes das Rodas de conversa	Resposta após as Rodas de conversa
Elza		
Isabel		
Jenifer		

Patrícia		
Fagner		

Fonte: autoria própria, 2023

Tal qual nas descrições do conceito de paisagem, ao expressar através de desenhos antes das rodas de conversa, as paisagens presentes no Igarapé da Fortaleza, os estudantes também trouxeram uma vinculação entre paisagem e meio físico; e paisagem e beleza. A vegetação foi um aspecto presente nos cinco desenhos; o rio em três, o que confirma a relação descrita anteriormente. Nos desenhos elaborados após as rodas de conversa, os estudantes exploraram três aspectos: a igreja, a ponte e o arco de entrada do município de Santana. Isso mostra um avanço em relação a primeira representação, visto que nos cinco desenhos a natureza dá lugar às construções, demonstrando o entendimento sobre a existência de uma paisagem antropizada. Santos (2018, p. 48) coloca que “quando tratamos da paisagem, há de se considerar uma evidente relação entre a presença do sujeito e as formas pelas quais ele percebe o mundo”. Os diálogos em sala de aula ajudaram a conduzir a atenção dos estudantes para outros aspectos. Atento a própria vida cotidiana, ao mesmo tempo que construía uma concepção de paisagem, eles passaram a identificar paisagem onde antes não viam.

Dessa forma conforme avança na construção de um conceito de paisagem o estudante é capaz de compreender a própria paisagem na qual ele está inserido. Saber observar, representar e analisar a paisagem “aguçam o sensível, o racional, o imaginário e o corporal”, e podem unir razão e emoção na construção de um pensamento crítico (Cavalcanti, 2019, p. 121).

Com isso Cavalcanti (2019, p. 147) aponta que deve ser parte do trabalho do professor proporcionar aos estudantes reflexões que mostrem a relação do conhecimento geográfico com as suas próprias vidas, apresentando aos estudantes as possibilidades do pensamento teórico-científico para o cotidiano. Dessa forma a construção do conceito de paisagem, e a sua aplicação, possibilita aos estudantes compreender de forma crítica aspectos do mundo e de suas próprias vidas (Cavalcanti, 2019, p. 174).

Nesse caminho de construção de conceitos, a dialogicidade se mostra uma direção viável. Durante a pesquisa não houve separação entre o diálogo e os exercícios, por exemplo. Toda a sequência didática foi construída para possibilitar o diálogo, e a conseqüente aprendizagem. Os estudantes participaram ativamente das atividades propostas e se mostravam curiosos e atentos ao que cada um falava. Para Freire (1995, p. 79) é papel do educador despertar a curiosidade para que o estudante possa construir a criticidade. Partindo dessa ideia a dialogicidade da aula não se resume ao diálogo em si, mas no pensamento de Freire é uma posição que o professor assume que deve estar presente nas relações de ensino aprendizagem entre ele e os estudantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogar em sala de aula sobre as categorias basilares da Geografia é parte do processo de aprendizagem, porém, entende-se que o objetivo maior está em proporcionar ao estudante a construção do pensamento crítico e significativo tendo as categorias como método de ensino/aprendizagem. Desse modo, acredita-se que o foco da Geografia escolar não está no ensino de paisagem, mas sim no ensino a partir desse conceito, ou seja, a paisagem funciona como um recurso intelectual capaz de mediar o conhecimento a partir de seus conteúdos.

A análise dos documentos curriculares mostrou que enquanto o PCNEM traz a paisagem a partir de uma visão positivista, a BNCC sequer menciona a categoria. Em contrapartida, no Amapá enxerga-se um avanço ao comparar o PCE-AP e o RCA, enquanto o primeiro acompanha a lógica nacional da época para o currículo escolar (PCNEM), o segundo parece avançar em relação à BNCC, que com ressalvas, apresenta as categorias como norteadoras. A Geografia escolar contemporânea não deve preocupar-se em trabalhar com os estudantes a história do conceito de paisagem e suas definições, mas sim dialogar com os temas de estudo encaminhando-os de modo que a paisagem seja considerada, como elemento da análise da espacialidade desse tema.

O trabalho tratou de compreender como estudantes da educação básica apreendem a paisagem do Igarapé da Fortaleza se utilizando da roda de conversa como principal metodologia para levantar essas informações.

Nesse sentido as rodas de conversa na pesquisa em questão mostraram a existência de uma paisagem e dinâmica próprias dessa área limite entre Macapá e Santana e conta com a presença de um rio importante para os fluxos de pessoas e mercadorias que ocorrem na região. Ao mesmo tempo que se situa em perímetro urbano, apresenta também marcas da paisagem ribeirinha amazônica.

Observou-se que através das falas, escritas e das produções dos desenhos a descrição da paisagem da área feita pelos estudantes traz elementos antagônicos como: lugar tranquilo/ lugar movimentado; lugar bom de conviver / lugar perigoso; paisagem bonita/ lugar não valorizado; barulho de trânsito / barulho de barcos; sons da maré, vento, pássaros/ carro de som, tiro, briga; camarão, peixe, açaí / esgoto, fumaça. Além disso, foi possível identificar nas falas fortes aspectos ribeirinhos como

a presença de barcos, pontes de madeira e a existência de uma paisagem natural, nas palavras dos estudantes.

Foi observado que a fala dos estudantes, muitas vezes, apresenta uma ideia de distanciamento geográfico da área em relação ao centro das duas cidades. Para o conjunto de estudantes a paisagem do Igarapé da Fortaleza apresenta mais diferenças do que similaridades com o centro de Santana. Contudo, ao mesmo tempo eles demonstraram preocuparem-se com problemas comuns aos centros urbanos que também estão presentes na área de estudo, como a violência, falta de emprego, descaso das autoridades com os serviços públicos,

Com base nisso identifica-se que existem aspectos específicos que segundo os estudantes, caracterizam a paisagem do Igarapé da Fortaleza a partir de espaço urbano que carrega em si também uma identidade ribeirinha. Observa-se que a leitura da paisagem do bairro possibilitou um entendimento dos objetos e relações, uma forma desses sujeitos se perceberem no interior dos processos e de como se movimentam dentro dele a partir da identidade que transita entre a urbana e a ribeirinha.

Notou-se que os sujeitos apesar de já terem uma vaga ideia sobre o conceito de paisagem não o dominavam. Suas falas e desenhos inicialmente estavam muito ligados a aspectos visuais e a representações do “belo” e da natureza. Conforme avançamos no diálogo essa compreensão foi mudando e sendo acrescida de outros elementos, como olfato, a audição, a sensibilidade e a imaginação, além da criticidade em relação ao que se vê. Esse último aspecto não pode ser explorado com a intensidade adequada, visto o tempo limitado de execução da pesquisa, o que se mostra ser um caminho investigativo para a continuidade desse estudo: por que eu vejo como vejo? Soma-se a essa uma outra observação que poderá conduzir a continuidade desse estudo: quando analisamos as respostas dos estudantes antes, durante e depois das rodas de conversa notou-se que em nenhuma das representações o ser humano se faz presente. Ele não faz parte da paisagem e é como se estivesse alheio a ela.

A partir dos relatos concluí-se que o Igarapé da Fortaleza não apresenta uma, mas variadas paisagens: Paisagem da Escola Militar, Paisagem da violência, Paisagem do abandono e da poluição, Paisagem da organização comunitária, Paisagem do trabalho, Paisagem do lazer e Paisagem do passado. Cada uma delas expressando elementos e relações próprios.

Um ponto que deve ser destacado na presente pesquisa foi a participação ativa dos estudantes durante a sequência didática. Eles se mostraram envolvidos e atentos, empáticos e respeitosos, fazendo com que os momentos de diálogo ocorressem, na nossa perspectiva, de forma prazerosa e fluida.

Por fim, destaca-se que o uso da roda de conversa é, nesse contexto, uma oportunidade para o amadurecimento da democracia em sala de aula e também para propiciar o fortalecimento do ambiente comunitário e de um posicionamento crítico. Nesse sentido cabe ressaltar a importância do componente curricular Geografia, que possui como objeto de estudo o espaço geográfico e assim tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento do raciocínio crítico pelos estudantes para que possa perceber e analisar a realidade que os cercam.

## REFERÊNCIAS

AMAPÁ. **Escola Igarapé da Fortaleza: sorteio de 140 vagas acontece neste sábado.** Disponível em:

[https://www.amapa.gov.br/ler\\_noticia.php?slug=3101/escola-igarape-da-fortaleza-sorteio-de-140-vagas-acontece-neste-sabado-1-ordf-#:~:text=Portal%20Governo%20do%20Amap%C3%A1%20%2D%20Escola,vagas%20acontece%20neste%20s%C3%A1bado%2C%201%C2%AA&text=Vagas%20s%C3%A3o%20para%20ingresso%20no,entre%20Pol%C3%ADcia%20Militar%20e%20Seed.&text=Credenciamento%20de%20candidatos%20ser%C3%A1%20de,na%20%C3%A1rea%20interna%20da%20escola.](https://www.amapa.gov.br/ler_noticia.php?slug=3101/escola-igarape-da-fortaleza-sorteio-de-140-vagas-acontece-neste-sabado-1-ordf-#:~:text=Portal%20Governo%20do%20Amap%C3%A1%20%2D%20Escola,vagas%20acontece%20neste%20s%C3%A1bado%2C%201%C2%AA&text=Vagas%20s%C3%A3o%20para%20ingresso%20no,entre%20Pol%C3%ADcia%20Militar%20e%20Seed.&text=Credenciamento%20de%20candidatos%20ser%C3%A1%20de,na%20%C3%A1rea%20interna%20da%20escola.) Acesso em: 29 agos.2023.

AMAPÁ. **Plano Curricular da Educação Básica do Estado do Amapá.** 2009.

AMAPÁ. **Referencial Curricular Amapaense,** 2021.

BERTONCELI, M. **A Roda de Conversa na Educação Infantil: análise de seus aspectos formativos com crianças de três a cinco anos.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2016. Disponível em:

<http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3220/5/marcia%20b.%202017.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

BERTRAND, G. **Paisagem e Geografia Física Global: esboço metodológico.** Cruz, Olga (trad.). Cadernos de Ciências da Terra. São Paulo, USP-IGEOG, nº 43, 1972.

BEZERRA, Pablo Felipe Marte. **Design estratégico e branding: valorizando experiências e produtos locais: o caso Sambazon.** 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/28973>. Acesso em 03 agos 2023.

BORGES, H. M. A paisagem do campo e da cidade a partir da representação social dos(as) alunos (as) – ponto inicial para a construção do conhecimento. In BUENO, M.A; LA VEJA, A.G. **Paisagem e ensino de geografia.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

BOYES-WATSON, C; PRANIS, K. **No coração da esperança: guia de práticas circulares.** Tradução de Fátima de Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 05 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio – Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília, 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf> Acesso em: 10 jun. 2022.

CALLAI, H. C. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação Geográfica. In: DE MORAIS, E. M. B.; DE MORAES, L. B.(orgs.) **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: NEPEG, 2010.

CASTRO, E. R; CAMPOS, Í. Formação Socioeconômica e Desenvolvimento Regional na Amazônia. In: CASTRO, E. R; CAMPOS, Í. **Formação Socioeconômica da Amazônia**. Org. Belém: NAEA, 2015.

CASTROGIOVANNI, A. C. *et al.* **Paisagem: importância da leitura das espacialidades – fazendo e acontecendo no ensinar e aprender Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2023.

CAVALCANTI, L. S. **Pensar pela geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CAVALCANTI, L. S. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papyrus, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove—a paisagem e as imagens. **Espaço e cultura**, n. 29, p. 7-21, 2011.

ESCOLA ESTADUAL IGARAPÉ DA FORTALEZA. **Projeto Político Pedagógico**. Santana: 2018.

FILIZOLA, R. **Didática da geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009

FILOCREÃO, A. S. M. Formação Socioeconômica do Estado do Amapá. In: CASTRO, E. R; CAMPOS, Í. **Formação Socioeconômica da Amazônia**. Org. Belém: NAEA, 2015.

FROLOVA, M. LOS ORÍGENES DE LA CIENCIA DEL PAISAJE EN LA GEOGRAFÍA RUSA. In: **REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES**. Vol V, nº 102, Universidad de Barcelona: Barcelona, 2001. Disponível em <https://www.ub.edu/geocrit/sn-102.htm>. Acesso em: 20 jan.2022.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, P. C.C. **Quadros geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

LUVIZOTT, B. B; CASATTI, I. T. Diálogos e percepções: roda de conversa como método de intervenção. **14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia Políticas, Linguagens e Trajetórias**. Campinas, 2019. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3152/3015>. Acesso em: 22 jan.2021.

MACAPÁ, **Prefeitura de Macapá oficializa 36 novos bairros na capital**. 2021. Disponível em: <https://macapa.ap.gov.br/prefeitura-de-macapa-oficializa-36-novos-bairros-na-capital/>. Acesso em: 15 out.2021.

MOREIRA, R. **O discurso do avesso: para a crítica da Geografia que se ensina**. São Paulo: Contexto, 2014.

NASCIMENTO, M. A. G.; SILVA, C. N. M. Rodas de conversa e oficinas temáticas: experiências metodológicas de ensino-aprendizagem em geografia. **10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/281526063\\_RODAS\\_DE\\_CONVERSA\\_E\\_OFICINAS\\_TEMATICAS\\_EXPERIENCIAS\\_METODOLOGICAS\\_DE\\_ENSINO\\_APRENDIZAGEM\\_EM\\_GEOGRAFIA](https://www.researchgate.net/publication/281526063_RODAS_DE_CONVERSA_E_OFICINAS_TEMATICAS_EXPERIENCIAS_METODOLOGICAS_DE_ENSINO_APRENDIZAGEM_EM_GEOGRAFIA). Acesso em: 20 jan.2021.

NUNES, JCG; COELHO, A. dos S.; EULER, AMC. **Análise geoespacial das áreas úmidas da bacia do Igarapé da Fortaleza, Amapá, Brasil**. 2020. Disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1127781/analise-geoespacial-das-areas-umidas-da-bacia-do-igarape-da-fortaleza-amapa-brasil>. Acesso em 23 jul 2023.

PADOVANI, B. F. S.; GOMES, R. K. S. **Mini glossário dos saberes tradicionais da Amazônia amapaense** [livro eletrônico]. Ananindeua: Cabana, 2022.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. L; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

REDE AMAZÔNICA. **Moradores voltam a bloquear rodovia no AP para reclamar de constante falta de energia**. Macapá, 22/10/2020. Disponível em <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/10/22/moradores-voltam-a-bloquear-rodovia-no-ap-para-reclamar-de-constante-falta-de-energia.ghtml>. Acesso em: 22 jul.2023.

RIBAS, A. D. (*et al.*). **Marxismo e Geografia: paisagem e espaço geográfico-uma contribuição para o entendimento da sociedade contemporânea**. Texto apresentado na VI SEMAGEO da UFPB, 1998.

RIBEIRO, F. M. B. **Educação ambiental e gestão participativa em unidades de conservação: estudo de caso na Área de Proteção Ambiental da Fazendinha, Macapá-AP**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia, Universidade Federal do Pará. Belém, 2016. Disponível em:  
[http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/9663/1/Dissertacao\\_EducacaoAmbienta1Gestao.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/9663/1/Dissertacao_EducacaoAmbienta1Gestao.pdf). Acesso em: 29 ago.2021.

SANTANA. **PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE SANTANA – AP**. Santana, 2006. Disponível em  
[https://editor.amapa.gov.br/arquivos\\_portais/publicacoes/SANTANA\\_ea6e746256020c4b839e154abf379cd8.pdf](https://editor.amapa.gov.br/arquivos_portais/publicacoes/SANTANA_ea6e746256020c4b839e154abf379cd8.pdf). Acesso em 23 jun 2023.

SANTOS, D. De volta às discussões sobre o significado de paisagem e outras avenças. In: **Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 12, n. 2, ago/2018, p. 39-52.

SANTOS, E. R. C. **Amazônia Setentrional Amapaense: do “mundo” das águas às florestas protegidas**. Tese, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2012.

SANTOS, Géssica Nogueira; MEDEIROS, José Marcelo Martins. Reabilitação ambiental no Igarapé da Fortaleza - o Parque do Igarapé e seu paisagismo ecológico. **Paranoá**, n. 14, 2015. Disponível em  
<https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/10961>. Acesso em 23 jun 2023.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SANTOS, R. V. **(Re) estruturação e formação do aglomerado urbano de Macapá e Santana na Amazônia Setentrional Amapaense**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Programa de Pós-Graduação/Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2016. Disponível em:  
[http://repositorio.unifap.br/bitstream/123456789/296/1/Dissertacao\\_ReestruturacaoFormacaoAglomerado.pdf](http://repositorio.unifap.br/bitstream/123456789/296/1/Dissertacao_ReestruturacaoFormacaoAglomerado.pdf). Acesso em: 22 jan.2021.

SAUER, C.O. (1925/1998): A morfologia da paisagem. In: CORREA, R.L., ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 12-74.

SILVA JÚNIOR, O. M.; PAIVA, P. F. P.; NASCIMENTO, A. N.T.; BRAGA, T. G.; BAIÁ, M. M. Análise dos focos de calor no estado do Amapá entre os anos de 2017 a 2020. **Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais**, v.12, n.9, p.622-631, 2021. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2021.009.0048>

SILVA, Kercio Jesus; DOS SANTOS, Renata. Delimitação das unidades de paisagens da bacia hidrográfica do Igarapé da Fortaleza-AP. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 20, n. 2, 2022.

SUERTEGARAY, D. M. A. Epistemologia e autonomia da geografia brasileira aplicadas à análise das dinâmicas da paisagem? In: **GEOGRAFIA**, V. 44, Nº 1, jan. / jun. 2019.

TAKIYAMA, L.R. ; SILVA, A.Q. ; Costa, W.J.P. ; NASCIMENTO, H.S. Qualidade das Águas das Ressacas das Bacias do Igarapé da Fortaleza e do Rio Curiaú In: TAKIYAMA, L.R. ; SILVA, A.Q. da (orgs.). **Diagnóstico das Ressacas do Estado do Amapá: Bacias do Igarapé da Fortaleza e Rio Curiaú**, Macapá-AP, CPAQ/IEPA e DGEO/SEMA, 2003.

TOSTES, J.A.. **Construção da Ponte sobre o Igarapé da Fortaleza**, 2012.

Disponível em

<https://josealbertostes.blogspot.com/2012/04/construcao-da-ponte-sobre-o-igarape-da.html?view=flipcard>. Acesso em: 22 jul.2023.

TRINDADE JR. S. C. Cidades e centralidades urbanas na Amazônia: Dos diferentes ordenamentos territoriais ao processo de Urbanização difusa. In: **Revista Cidades**, vol. 12, nº 21, 2015.

## APÊNDICES

APÊNDICE A – DIÁRIO DE CAMPO DA PESQUISA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

TAYANE MARIA FERREIRA SILLAU

**DIÁRIO DE CAMPO DA PESQUISA;  
A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA EM SANTANA-AP  
NAS AULAS DE GEOGRAFIA A PARTIR DA  
COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES**

Macapá –AP

2022

### IDENTIFICAÇÃO

<b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE DA PESQUISA</b>	
<b>Nome</b>	Universidade Federal do Amapá
<b>Programa</b>	Programa de Pós Graduação em Geografia - Mestrado
<b>Orientadora</b>	Dra. Eliane Aparecida Cabral da Silva
<b>Aluna e executora da pesquisa</b>	Tayane Maria Ferreira Sillau
<b>Linha de pesquisa</b>	Sociedade e Dinâmicas Territoriais
<b>Título Provisório</b>	A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA EM SANTANA-AP NAS AULAS DE GEOGRAFIA A PARTIR DA COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES

<b>INSTITUIÇÃO OBJETO DA PESQUISA</b>					
<b>Nome</b>	Escola Estadual Igarapé da Fortaleza				
<b>Diretor</b>	Capitão Sandro Barros da Silva				
<b>Professor da turma selecionada</b>	Sem professor				
<b>Turma selecionada</b>	2º Charlie	<b>Série</b>	2ª Série do Ensino Médio	<b>Turno</b>	Vespertino

<b>CRONOGRAMA</b>			
	<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Duração prevista</b>
<b>Atividades a serem executadas dentro da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza</b>	17/11 14h30	1 Observação da escola, sala de aula e diálogo com gestor e professor	3h
	18/11 15h30	2 Atividade diagnóstica pré-roda de conversa	20 minutos
	18/11 16h30	3 Diálogo sobre o conceito de paisagem / roda de conversa 1 (relatos sobre o que os estudantes apreendem da paisagem do bairro); Será passado um exercício para casa, onde os estudantes deverão trazer para o próximo encontro fotos ou desenhos que remetam a paisagem do Igarapé da Fortaleza. As fotos poderão ser enviadas previamente	50 minutos

	22/11 15h30	4 Roda de conversa 2 (diálogo a partir de fotos que os estudantes trouxeram da paisagem do bairro); Será passado um exercício para casa, onde os estudantes deverão trazer para o próximo encontro vídeos ou áudios que remetam a paisagem do Igarapé da Fortaleza. As mídias poderão ser enviadas previamente.	50 minutos
	22/11 17h30	5 Roda de conversa 3 (diálogo a partir de áudios que os estudantes trouxeram da paisagem do bairro);	50 minutos
	25/11 15h30	6 Atividade diagnóstica pós-roda de conversa	20 minutos
Tempo necessário fora de sala de aula			3h
Tempo necessário em sala de aula / quantidade de aulas			190 minutos/ 5 aulas
<b>Tempo necessário para realização da pesquisa dentro da escola</b>			<b>6h10</b>
<b>Atividades a serem executadas fora da Escola</b>	31/01	1 Observação da dinâmica do bairro próximo a escola e arena;	3h
	31/01	2 Observação da dinâmica do bairro dentro da Área de Proteção Ambiental da Fazendinha	3h
	31/01	3 Observação da dinâmica do bairro próximo ao porto do açai;	3h
<b>Tempo necessário para realização da pesquisa fora da escola</b>			<b>9h</b>
<b>Tempo necessário para realização da pesquisa de campo</b>			<b>12h10</b>

<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Duração prevista</b>
<b>17/11</b>	1 Observação da escola, sala de aula e diálogo com gestor e professor	3h
<b>Materiais necessários</b>	Papel, caneta, telefone celular ou máquina fotográfica	
<b>Procedimentos</b>	I Observar o espaço escolar e a sala de aula da turma selecionada, bem como as relações e dinâmicas que lá ocorrem; II Demonstrar a metodologia da roda de conversa pedindo que os alunos respondessem a pergunta: <b>A - Se você tivesse poderes mágicos, o que mudaria na sua cidade?</b>	
<b>Importante</b>	Nessa atividade não haverá nenhum tipo de intervenção, como interferências nas aulas.	

<b>Instrumentos de coleta de dados utilizados</b>	
<b>Orientações dadas pela escola</b>	
<b>Descrição do contexto no qual os dados foram levantados (nº de pessoas, organização do ambiente, interesse ou não dos sujeitos da pesquisa)</b>	
<b>Descrição dos dados coletados (falas, atitudes, dinâmica da escola e da sala de aula)</b>	
<b>O que mais chamou minha atenção?</b>	
<b>Reflexões desenvolvidas a partir desses dados</b>	<b>Referências que fundamentam essa reflexão</b>
<b>Situações imprevistas</b>	
<b>Outras informações relevantes</b>	

<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Duração prevista</b>
<b>18/11</b>	2 Atividade diagnóstica pré-roda de conversa	20 minutos
<b>Materiais necessários</b>	Papel, caneta, telefone celular ou máquina fotográfica, atividade reprografada para todos os estudantes, giz de cera	
<b>Procedimentos</b>	I Entregar a atividade aos estudantes e solicitar que eles a respondam .	

<b>Instrumentos de coleta de dados utilizados</b>	
<b>Orientações dadas pela escola</b>	
<b>Descrição do contexto no qual os dados foram levantados (nº de pessoas, organização do ambiente, interesse ou não dos sujeitos da pesquisa)</b>	
<b>Descrição dos dados coletados (falas, atitudes, dinâmica da escola e da sala de aula)</b>	
<b>O que mais chamou minha atenção?</b>	
<b>Reflexões desenvolvidas a partir desses dados</b>	<b>Referências que fundamentam essa reflexão</b>
<b>Situações imprevistas</b>	
<b>Outras informações relevantes</b>	

**ATIVIDADE COM OS ESTUDANTES (ANTES E APÓS AS RODAS DE CONVERSA)**

## IDENTIFICAÇÃO

Escola: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

AS PERGUNTAS A SEGUIR DEVEM SER RESPONDIDAS SEM CONSULTA A  
QUALQUER MATERIAL

1 Em que bairro e cidade você mora?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2 Em sua opinião, o bairro onde você mora localiza-se em uma área urbana/cidade ou rural/ribeirinho/campo/interior? Por quê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3 Em sua opinião, o bairro onde fica a escola localiza-se em uma área urbana/cidade ou rural/ribeirinho/campo/interior? Por quê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4 Para você o que é uma cidade? Aponte algumas características.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5 Explique o que é uma paisagem.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6 Desenhe uma paisagem presente no Igarapé da Fortaleza:

<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Duração prevista</b>
<b>18/11</b>	3 Diálogo sobre o conceito de paisagem/ Roda de conversa 1 (relatos sobre o que os estudantes apreendem da paisagem do bairro);	50 minutos
<b>Materiais necessários</b>	Papel, caneta, telefone celular ou máquina fotográfica, material para o círculo, texto reprografado sobre paisagem para todos os estudantes.	
<b>Procedimentos:</b>	I Diálogo sobre o conceito de paisagem a partir do texto entregue aos estudantes; II Roda de conversa com a seguinte pergunta norteadora: <b>B - Que aspectos da paisagem do Igarapé da Fortaleza chamam a sua atenção?</b> III Registrar na íntegra a fala dos estudantes e ao final checar com eles se os registros estão corretos;	
<b>Importante:</b>	A sala de aula deverá ser organizada em formato circular. A pergunta será direcionada a todos os estudantes que seguirão a sequência do círculo para responder;	
<b>Para o próximo encontro</b>	Os estudantes deverão trazer fotos ou desenhos que remetam a paisagem do Igarapé da Fortaleza. As fotos poderão ser enviadas previamente.	

<b>Instrumentos de coleta de dados utilizados</b>	
<b>Orientações dadas pela escola</b>	
<b>Descrição do contexto no qual os dados foram levantados (nº de pessoas, organização do ambiente, interesse ou não dos sujeitos da pesquisa)</b>	
<b>Descrição dos dados coletados (falas, atitudes, dinâmica da escola e da sala de aula)</b>	
<b>O que mais chamou minha atenção?</b>	
<b>Reflexões desenvolvidas a partir desses dados</b>	<b>Referências que fundamentam essa reflexão</b>
<b>Situações imprevistas</b>	
<b>Outras informações relevantes</b>	

## Texto: Paisagem e Geografia

Existem inúmeras formas de conceituarmos o que é uma paisagem. Hoje vamos nos aprofundar no que esse conceito representa para a Geografia. No Brasil, Milton Santos traz uma das mais famosas conceituações de paisagem. Para ele “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 2001). A compreensão que se tem a partir do conceito elaborado por Santos, é que para ele, a paisagem representa os elementos do espaço geográfico que podem ser percebidos, sobretudo através da visão, por um indivíduo.

Para o professor Douglas Santos esse conceito pode ser ainda mais amplo. Quando tratamos da paisagem, há de se considerar uma evidente relação entre a presença do sujeito e as formas pelas quais ele percebe o mundo. Nesse sentido, a ideia de paisagem é absolutamente imprescindível. Contudo, os tempos dos elementos que dão materialidade à paisagem podem não ser os tempos do sujeito (SANTOS, 2018, p. 47).

Imagem 1



Fonte: Emanuel Jordânio, 2014.

Imagem 2



Fonte: Vandy Ribeiro, 2022.

Observe a 1ª imagem e pense, por exemplo, como era essa escola há três anos, como eram as interações entre as pessoas, como eram os sons, os uniformes e as roupas das pessoas. Agora olhe para a 2ª e mentalize as mudanças que aconteceram: outro uniforme, outra dinâmica, mudanças na estrutura da escola. As mudanças que você pensou são mudanças na paisagem, as cores, sons, cheiros, formas, interações. A forma como os indivíduos percebem e dão significados aos objetos constituintes da paisagem é intrínseca a cada indivíduo e a apreensão dos elementos que a compõem está diretamente relacionada a um contexto sociocultural. Pessoas que sempre moraram no bairro podem ter uma apreensão da paisagem diferente de quem apenas estuda ou trabalha no bairro.

<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Duração prevista</b>
<b>22/11</b>	4 Roda de conversa 2 (diálogo a partir de fotos que os estudantes trouxeram da paisagem do bairro);	50 minutos
<b>Materiais necessários</b>	Papel, caneta, telefone celular ou máquina fotográfica, material para o círculo, fotos ou desenhos sobre a paisagem do Igarapé da Fortaleza, computador, data show.	
<b>Procedimentos:</b>	<p>I Diálogo sobre o conceito de paisagem a partir do texto entregue aos estudantes;</p> <p>II Roda de conversa com a seguinte pergunta norteadora:  <b>C – A partir do que você observa diariamente, como você descreveria a paisagem do Igarapé da Fortaleza?</b>  <b>D - Quais as mudanças na paisagem do bairro você considera mais significativas?</b>  <b>E - Você considera a paisagem do bairro igual ou diferente do centro da cidade? Por quê?</b></p> <p>III Registrar na íntegra a fala dos estudantes e ao final checar com eles se os registros estão corretos;</p>	
<b>Importante:</b>	A sala de aula deverá ser organizada em formato circular. A pergunta será direcionada a todos os estudantes que seguirão a sequência do círculo para responder;	
<b>Para o próximo encontro</b>	Os estudantes deverão enviar previamente vídeos ou áudios que remetam a paisagem do Igarapé da Fortaleza.	

<b>Instrumentos de coleta de dados utilizados</b>	
<b>Orientações dadas pela escola</b>	
<b>Descrição do contexto no qual os dados foram levantados (nº de pessoas, organização do ambiente, interesse ou não dos sujeitos da pesquisa)</b>	
<b>Descrição dos dados coletados (falas, atitudes, dinâmica da escola e da sala de aula)</b>	
<b>O que mais chamou minha atenção?</b>	
<b>Reflexões desenvolvidas a partir desses dados</b>	<b>Referências que fundamentam essa reflexão</b>
<b>Situações imprevistas</b>	
<b>Outras informações relevantes</b>	

<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Duração prevista</b>
<b>22/11</b>	5 Roda de conversa 3 (diálogo a partir de áudios e vídeos que os estudantes trouxeram da paisagem do bairro);	50 minutos
<b>Materiais necessários</b>	Papel, caneta, telefone celular ou máquina fotográfica, material para o círculo, fotos ou desenhos sobre a paisagem do Igarapé da Fortaleza, computador, data show, caixa de som	
<b>Procedimentos:</b>	<p>I Diálogo sobre o conceito de paisagem a partir do texto entregue aos estudantes;</p> <p>II Roda de conversa com as seguintes perguntas norteadoras:</p> <p><b>F - Quais os sons que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza? Em sua opinião por que esses sons são tão presentes no Igarapé da Fortaleza?</b></p> <p><b>G - Quais os cheiros que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza? Em sua opinião por que esses cheiros são tão presentes no Igarapé da Fortaleza?</b></p> <p><b>H – Ao analisar a paisagem que você vê cotidianamente no Igarapé da Fortaleza, quais os aspectos positivos você constata?</b></p> <p><b>I - Ao analisar a paisagem que você vê cotidianamente no Igarapé da Fortaleza, quais os aspectos negativos você constata?</b></p> <p>III Registrar na íntegra a fala dos estudantes e ao final checar com eles se os registros estão corretos;</p>	
<b>Importante:</b>	<p>A sala de aula deverá ser organizada em formato circular.</p> <p>A pergunta será direcionada a todos os estudantes que seguirão a sequência do círculo para responder;</p>	

<b>Instrumentos de coleta de dados utilizados</b>	
<b>Orientações dadas pela escola</b>	
<b>Descrição do contexto no qual os dados foram levantados (nº de pessoas, organização do ambiente, interesse ou não dos sujeitos da pesquisa)</b>	
<b>Descrição dos dados coletados (falas, atitudes, dinâmica da escola e da sala de aula)</b>	
<b>O que mais chamou minha atenção?</b>	
<b>Reflexões desenvolvidas a partir desses dados</b>	<b>Referências que fundamentam essa reflexão</b>

<b>Situações imprevistas</b>		
<b>Outras informações relevantes</b>		
<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Duração prevista</b>
<b>25/11</b>	6 Atividade diagnóstica pós-roda de conversa	20 minutos
<b>Materiais necessários</b>	Papel, caneta, telefone celular ou máquina fotográfica, atividade reprografada para todos os estudantes, giz de cera	
<b>Procedimentos</b>	I Entregar a atividade aos estudantes e solicitar que eles a respondam sem consulta ao material (livros e cadernos);	

<b>Instrumentos de coleta de dados utilizados</b>	
<b>Orientações dadas pela escola</b>	
<b>Descrição do contexto no qual os dados foram levantados (nº de pessoas, organização do ambiente, interesse ou não dos sujeitos da pesquisa)</b>	
<b>Descrição dos dados coletados (falas, atitudes, dinâmica da escola e da sala de aula)</b>	
<b>O que mais chamou minha atenção?</b>	
<b>Reflexões desenvolvidas a partir desses dados</b>	<b>Referências que fundamentam essa reflexão</b>
<b>Situações imprevistas</b>	
<b>Outras informações relevantes</b>	

**ATIVIDADE COM OS ESTUDANTES (ANTES E APÓS AS RODAS DE CONVERSA)**

## IDENTIFICAÇÃO

Escola: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

AS PERGUNTAS A SEGUIR DEVEM SER RESPONDIDAS SEM CONSULTA A  
QUALQUER MATERIAL

1 Em que bairro e cidade você mora?

---

---

2 Em sua opinião, o bairro onde você mora localiza-se em uma área urbana/cidade ou rural/ribeirinho/campo/interior? Por quê?

---

---

3 Em sua opinião, o bairro onde fica a escola localiza-se em uma área urbana/cidade ou rural/ribeirinho/campo/interior? Por quê?

---

---

4 Para você o que é uma cidade? Aponte algumas características.

---

---

---

5 Explique o que é uma paisagem.

---

---

---

6 Desenhe uma paisagem presente no Igarapé da Fortaleza:

<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Duração prevista</b>
<b>31/01/23</b>	1 Observação da dinâmica do bairro próximo a escola e arena	3h
<b>Materiais necessários</b>	Papel, caneta, telefone celular ou máquina fotográfica	
<b>Procedimentos</b>	I Observar o espaço próximo a escola como um todo e as relações e dinâmicas que lá ocorrem;	

<b>Instrumentos de coleta de dados utilizados</b>	
<b>Orientações dadas pela escola</b>	
<b>Descrição do contexto no qual os dados foram levantados (nº de pessoas, organização do ambiente, interesse ou não dos sujeitos da pesquisa)</b>	
<b>Descrição dos dados coletados (falas, atitudes, dinâmica da escola e da sala de aula)</b>	
<b>O que mais chamou minha atenção?</b>	
<b>Reflexões desenvolvidas a partir desses dados</b>	<b>Referências que fundamentam essa reflexão</b>
<b>Situações imprevistas</b>	
<b>Outras informações relevantes/</b>	

<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Duração prevista</b>
<b>31/01/23</b>	2 Observação da dinâmica do bairro dentro da Área de Proteção Ambiental da Fazendinha	3h
<b>Materiais necessários</b>	Papel, caneta, telefone celular ou máquina fotográfica	
<b>Procedimentos</b>	1 Observar o espaço próximo e dentro da Área de Proteção Ambiental da Fazendinha como um todo e as relações e dinâmicas que lá ocorrem;	

<b>Instrumentos de coleta de dados utilizados</b>	
<b>Orientações dadas pela escola</b>	
<b>Descrição do contexto no qual os dados foram levantados (nº de pessoas, organização do ambiente, interesse ou não dos sujeitos da pesquisa)</b>	
<b>Descrição dos dados coletados (falas, atitudes, dinâmica da escola e da sala de aula)</b>	
<b>O que mais chamou minha atenção?</b>	
<b>Reflexões desenvolvidas a partir desses dados</b>	<b>Referências que fundamentam essa reflexão</b>
<b>Situações imprevistas</b>	
<b>Outras informações relevantes/</b>	

<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Duração prevista</b>
<b>31/01/23</b>	3 Observação da dinâmica do bairro próximo ao porto do açai	3h
<b>Materiais necessários</b>	Papel, caneta, telefone celular ou máquina fotográfica	
<b>Procedimentos</b>	I Observar o espaço próximo ao porto do açai como um todo e as relações e dinâmicas que lá ocorrem;	

<b>Instrumentos de coleta de dados utilizados</b>	
<b>Orientações dadas pela escola</b>	
<b>Descrição do contexto no qual os dados foram levantados (nº de pessoas, organização do ambiente, interesse ou não dos sujeitos da pesquisa)</b>	
<b>Descrição dos dados coletados (falas, atitudes, dinâmica da escola e da sala de aula)</b>	
<b>O que mais chamou minha atenção?</b>	
<b>Reflexões desenvolvidas a partir desses dados</b>	<b>Referências que fundamentam essa reflexão</b>
<b>Situações imprevistas</b>	
<b>Outras informações relevantes/</b>	

**FREQUÊNCIA**

Data:			
Nº	Nome	Bairro	Cidade
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			
9.			
10.			
11.			
12.			
13.			
14.			
15.			
16.			
17.			
18.			
19.			
20.			
21.			
22.			
23.			
24.			
25.			
26.			
27.			
28.			
29.			
30.			



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

TERMO DE ANUÊNCIA  
(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)  
DIRETOR DA ESCOLA

Eu Sandro Barros da Silva, na qualidade de diretor da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza autorizo a realização da pesquisa intitulada “PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA-AP NAS AULAS DE GEOGRAFIA” a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora Tayane Maria Ferreira Sillau com estudantes do Ensino Médio e declaro que esta instituição apresenta as condições necessárias à realização da referida pesquisa. Este termo é válido apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética avaliador do estudo.

Santana, 06 de maio de 2022.

  
Assinatura e carimbo do Diretor

Sandro Barros da Silva  
Diretor  
E.E. Igarapé da Fortaleza  
Decreto nº 3375/2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAPÁ - UNIFAP



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA EM SANTANA-AP NAS AULAS DE GEOGRAFIA A PARTIR DA COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES

**Pesquisador:** Tayane Maria Ferreira Sillau

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 61282922.5.0000.0003

**Instituição Proponente:** FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.586.093

**Apresentação do Projeto:**

O presente projeto de pesquisa insere-se nos debates das práticas aplicadas ao ensino do componente curricular geografia e busca compreender como estudantes da educação básica apreendem a paisagem do Igarapé da Fortaleza em Santana, a partir de diálogos realizados em rodas de conversa. Traz como problema a seguinte indagação: "Como a paisagem do Igarapé da Fortaleza em Santana é percebida/apreendida pelos estudantes da educação básica a partir de diálogos realizados nas aulas de Geografia". Apresenta-se como hipótese que a paisagem do Igarapé da Fortaleza em Santana é descrita/caracterizada pelos estudantes com elementos que remete a forte influência do meio rural, inclusive com a manutenção de formas e hábitos ribeirinhos. Temas presentes em várias séries da educação básica, os estudos sobre a paisagem e a cidade, podem ser conteúdos que aproximam a geografia escolar do estudante, em especial de áreas urbanas. Como metodologia de ensino e investigação, para atingir o objetivo da pesquisa, utilizaremos a roda de conversa em virtude dela possibilitar a valorização da trajetória do estudante ao mesmo tempo que articula o saber empírico ao científico.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Analisar como a paisagem do Igarapé da Fortaleza em Santana é percebida/apreendida pelos estudantes da educação básica a partir de diálogos realizados nas aulas de Geografia.

**Endereço:** Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira - Km.02, Marco Zero  
**Bairro:** Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280  
**UF:** AP **Município:** MACAPA  
**Telefone:** (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

Continuação do Parecer: 5.586.093

**Objetivo Secundário:**

- Discutir sobre a categoria paisagem relacionando-a ao conteúdo de paisagem na Geografia escolar;
- Discutir sobre o ensino de geografia e os termos/conceitos paisagem e dialogicidade;
- Compreender a visão dos estudantes sujeitos da pesquisa sobre a paisagem do Igarapé da Fortaleza em Santana a partir de rodas de conversa.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Pode ocorrer o desconforto ao interagir em grupo e relatar a forma como percebe a paisagem de seu cotidiano. Além disso podem surgir conflitos desencadeados pelo embate de ideias.

**Benefícios:**

Os benefícios da pesquisa para os estudantes são a experimentação de uma metodologia de ensino que poderá possibilitar aulas mais interessantes, participativas e uma melhor aprendizagem.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O Projeto A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA EM SANTANA-AP NAS AULAS DE GEOGRAFIA A PARTIR DA COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). É um Projeto exequível e importante para compreender como as categorias de análise da geografia são percebidos pelos alunos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A proponente da pesquisa apresentou todos os termos de apresentação obrigatória

**Recomendações:**

Realizar pequenos ajustes no texto do Termo de assentimento para criança e adolescente, falta a palavra "projeto" no início do texto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem Pendências

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

<b>Endereço:</b> Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira - Km.02, Marco Zero
<b>Bairro:</b> Bairro Universidade <b>CEP:</b> 68.902-280
<b>UF:</b> AP <b>Município:</b> MACAPA
<b>Telefone:</b> (96)4009-2805 <b>Fax:</b> (96)4009-2804 <b>E-mail:</b> cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 5.586.093

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1984537.pdf	29/07/2022 10:34:01		Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_TAYANE_SILLAU.pdf	29/07/2022 10:31:47	Tayane Maria Ferreira Sillau	Aceito
Declaração de concordância	TERMO_DE_ANUENCIA_IGARAPE_DA_FORTALEZA.pdf	29/07/2022 10:31:17	Tayane Maria Ferreira Sillau	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	A_PAISAGEM_DO_IGARAPE_DA_FORTALEZA_TAYANE_SILLAU.pdf	27/07/2022 19:00:55	Tayane Maria Ferreira Sillau	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR_RESPONSAVEL.pdf	27/07/2022 11:59:33	Tayane Maria Ferreira Sillau	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TAYANE_SILLAU.pdf	25/07/2022 11:05:01	Tayane Maria Ferreira Sillau	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Avaliação da CONEP:**

Não

MACAPA, 16 de Agosto de 2022

Assinado por:  
Cecília Maria Chaves Brito Bastos  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira - Km.02, Marco Zero  
**Bairro:** Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280  
**UF:** AP **Município:** MACAPA  
**Telefone:** (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEIS DOS ESTUDANTES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)  
RESPONSÁVEIS DOS ESTUDANTES

O seu filho/ menor sob sua responsabilidade está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA EM SANTANA-AP NAS AULAS DE GEOGRAFIA A PARTIR DA COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES”. O objetivo deste trabalho é analisar como a paisagem do Igarapé da Fortaleza em Santana é percebida/apreendida pelos estudantes. Para realizar o estudo é necessário que o(a) Sr.(a) autorize seu filho/ menor sob sua responsabilidade a participar de rodas de conversa e atividades, previamente agendadas a conveniência dos estudantes e da escola.

Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar como a paisagem do bairro Igarapé da Fortaleza em Santana é percebida/apreendida pelos estudantes. Os riscos da participação do(a) seu(sua) filho(a) nesta pesquisa são o desconforto ao interagir em grupo e relatar a forma como percebe a paisagem de seu cotidiano. Os benefícios da pesquisa são que os estudantes poderão ter mais atenção ao observar a paisagem cotidiana, além de gostarem de participar da roda de conversa, achando as aulas mais interessantes e participativas.

As informações coletadas serão utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar que seu(sua) filho(a) participe desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da participação de seu(sua) filho(a), estarei disponível através do telefone 96 98118-6941. O(a) senhor (a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n– Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu \_\_\_\_\_ (nome  
por extenso do responsável do aluno) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela

pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo que o estudante \_\_\_\_\_(nome do aluno por extenso) que está sob minha responsabilidade legal participe da Pesquisa intitulada “A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA EM SANTANA-AP NAS AULAS DE GEOGRAFIA A PARTIR DA COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES”.

Santana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

---

Assinatura do responsável pelo  
aluno

Assinatura da Pesquisadora  
Tayane Maria Ferreira Sillau  
Programa de Pós-Graduação em  
Geografia - UNIFAP  
(96) 981186941 / e-mail:  
[tayanesillau@gmail.com](mailto:tayanesillau@gmail.com)

Caso o responsável pelo aluno esteja impossibilitado de assinar:

Eu \_\_\_\_\_, abaixo assinado, confirmo a leitura do presente termo na íntegra para o(a) sr(a) \_\_\_\_\_o(a) qual declarou na minha presença a compreensão plena e aceitação em participar desta pesquisa, o qual utilizou a sua impressão digital (abaixo) para confirmar a participação.

Polegar direito (caso não assine).

Testemunha nº1: \_\_\_\_\_

Testemunha nº2: \_\_\_\_\_

**TERMO DE ASSENTIMENTO – ESTUDANTES****UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

Termo de assentimento para adolescentes  
(menores de 18 anos)  
(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)

**ESTUDANTES**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA EM SANTANA-AP NAS AULAS DE GEOGRAFIA A PARTIR DA COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES”. Queremos saber como os estudantes percebem e apreendem a paisagem do bairro Fortaleza em Santana. Os participantes desta pesquisa têm entre 14 e 17 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita na Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, onde você e seus colegas de turma participarão de rodas de conversa para dialogarem sobre a paisagem que observam, além disso farão uma atividade antes e depois da roda de conversa para verificar se a roda de conversa modificou a forma como a paisagem é percebida. Para isso, serão usados os seguintes materiais: objeto de fala, caneta, papel, lápis de cor. O uso dos materiais e a própria realização da pesquisa são considerados seguros, mas é possível que alguém se sinta desconfortável ao interagir em grupo e relatar a forma como percebe a paisagem de seu cotidiano. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo telefone 96 98118-6941 da pesquisadora Tayane Sillau.

Mas há coisas boas que podem acontecer, como o uso da roda de conversa os alunos podem achar as aulas mais interessantes e participativas.

Como a pesquisa será realizada na escola que você estuda isso não trará gastos extras com deslocamento.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os estudantes que participaram.

Quando terminarmos a pesquisa eu escreverei um trabalho chamado dissertação e o apresentarei para o Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amapá.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi o meu número de telefone na parte de cima deste texto.

Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador -Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

#### CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu \_\_\_\_\_(nome completo) aceito participar da pesquisa “A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA EM SANTANA-AP NAS AULAS DE GEOGRAFIA A PARTIR DA COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar chateado. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e os meus responsáveis concordaram com a minha participação.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Santana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

---

Assinatura do estudante

---

Assinatura da Pesquisadora  
Tayane Maria Ferreira Sillau  
Programa de Pós-Graduação em  
Geografia - UNIFAP  
(96) 981186941 / e-mail:  
[tayanesillau@gmail.com](mailto:tayanesillau@gmail.com)

APÊNDICE B – FICHA PARA ORGANIZAÇÃO DAS FALAS DOS ESTUDANTES NAS RODAS DE CONVERSA

**NOME**

**Bairro:**

**Cidade:**

**A - Se você tivesse poderes mágicos, o que mudaria na sua cidade?**

**B - Que aspectos da paisagem do Igarapé da Fortaleza chamam a sua atenção?**

**C – A partir do que você observa diariamente, como você descreveria a paisagem do Igarapé da Fortaleza?**

**D - Quais as mudanças na paisagem do bairro você considera mais significativas?**

**E - Você considera a paisagem do bairro igual ou diferente do centro da cidade? Por quê?**

**F - Quais os sons que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza? Em sua opinião por que esses sons são tão presentes no Igarapé da Fortaleza?**

**G - Quais os cheiros que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza? Em sua opinião por que esses cheiros são tão presentes no Igarapé da Fortaleza?**

**H – Ao analisar a paisagem que você vê cotidianamente no Igarapé da Fortaleza, quais os aspectos positivos você constata?**

**I - Ao analisar a paisagem que você vê cotidianamente no Igarapé da Fortaleza, quais os aspectos negativos você constata?**

APÊNDICE C – FICHA PARA ORGANIZAÇÃO DAS FALAS DOS ESTUDANTES NAS ATIVIDADES DIAGNÓSTICAS

**NOME**

**COMPARAÇÃO DAS ATIVIDADES DIAGNÓSTICAS ENTRE O CAMPO 2 (18/11) E O CAMPO 6 (25/11):**

<b>ANTES DAS RODAS DE CONVERSA</b>	<b>APÓS AS RODAS DE CONVERSA</b>
<b>CAMPO 2</b>	<b>CAMPO 6</b>
<b>1 Em que bairro e cidade você mora?</b>	
<b>2 Em sua opinião, o bairro onde você mora localiza-se em uma área urbana/cidade ou rural /ribeirinho /campo/interior? Por quê?</b>	
<b>3 Em sua opinião, o bairro onde fica a escola localiza-se em uma área urbana/cidade ou rural /ribeirinho/ campo /interior? Por quê?</b>	
<b>4 Para você, o que é uma cidade? Aponte algumas características.</b>	
<b>5 Explique o que é uma paisagem.</b>	
<b>6 Desenhe uma paisagem presente no Igarapé da Fortaleza:</b>	